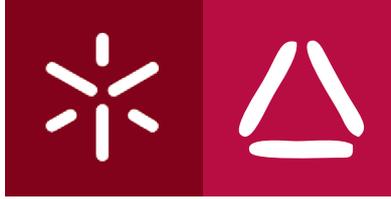


**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Adelaide Maria Celeiro Rouceiro

**As Festas de Nossa Senhora da Lapa  
e de Nossa Senhora da Porta  
em Arcos de Valdevez**





**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Adelaide Maria Celeiro Rouceiro

**As Festas de Nossa Senhora da Lapa  
e de Nossa Senhora da Porta  
em Arcos de Valdevez**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Património Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Prof. Doutora Paula Virgínia de Azevedo Bessa**

Julho de 2021

## Direitos de Autor e Condições de Utilização do Trabalho por Terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **AGRADECIMENTOS**

Concluindo mais uma etapa, gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Paula Virgínia de Azevedo Bessa, pela motivação perseverante, pelo conhecimento transmitido, pela disponibilidade, e apoio, durante todo o trabalho.

Também gostaria de agradecer à doutora Lúcia Afonso, pela generosidade e por toda a disponibilidade que sempre demonstrou para colaborar neste projeto.

Igualmente não posso esquecer a Dona Maria Teresa Cartaxo Isabel Batista, e o Francisco de Barros Araújo, pela disponibilidade e pelas palavras de incentivo.

Aos meus pais Rosa Rouceiro e Salvador Rouceiro, à minha irmã Sofia Rouceiro, por todo o amparo e dedicação que sempre demonstraram.

À Cátia e à Liliana pela companhia e pelas palavras de incentivo que sempre me transmitiram.

Aos meus amigos, por tornarem este processo mais leve.

## **Declaração de integridade**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## **RESUMO**

### **As Festas de Nossa Senhora da Lapa e de Nossa Senhora da Porta em Arcos de Valdevez**

A festa e romaria em honra de Nossa Senhora da Lapa é atualmente uma das festividades mais importantes do concelho de Arcos de Valdevez. Em Arcos de Valdevez, esta devoção começou no século XVIII e, quando esta investigação se iniciou, cria-se que as respetivas festividades tinham sido constantes até meados do século XX, altura em que deixaram de se fazer. Esta festa e romaria veio a ser retomada em 2009, passando mesmo a festa de Nossa Senhora da Lapa a titular as «festas do concelho».

A festa em honra de Nossa Senhora da Porta deixou de realizar-se nos finais do século XIX. Foi retomada em 2010 como resultado de uma ação conjunta da Santa Casa da Misericórdia e da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Uma vez que estas duas festas foram interrompidas durante décadas, pretendíamos saber se, atualmente, são sentidas como um retomar de antigas tradições, o que se sabe sobre a forma como cada uma delas foi celebrada no passado e se é possível encontrar similitudes entre o passado e o presente de cada uma delas.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Festa; romaria; Arcos de Valdevez; património cultural imaterial.

## **ABSTRACT**

The festival and pilgrimage in honour of Nossa Senhora da Lapa is currently one of the most important festivities in the municipality of Arcos de Valdevez. In Arcos de Valdevez, this devotion began in the 18th century and, when this investigation began, it was believed that the respective festivities had been constant until the middle of the 20th century, when they stopped taking place. This festival and pilgrimage was resumed in 2009, the feast of Nossa Senhora da Lapa even becoming the title of the «municipality feasts».

The feast in honour of Nossa Senhora da Porta was no longer held at the end of the 19th century. It was resumed in 2010 as a result of a joint action by Santa Casa da Misericórdia and the municipality of Arcos de Valdevez.

Since these two festivals were interrupted for decades, I wanted to know if they are currently felt like a return to old traditions, what is known about how each one of them was celebrated in the past and if it is possible to find similarities between the past and the present of each one of them.

## **KEYWORDS**

Feast; pilgrimage; Arcos de Valdevez; intangible cultural heritage

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	iii
Resumo .....	v
Abstract.....	vi
Índice de Figuras.....	ix
Índice de Tabelas .....	x
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos .....	xi
Introdução .....	12
1.1.    Objetivos Gerais .....	14
1.2.    Objetivos específicos .....	15
2.    Metodologia de trabalho e sua descrição detalhada.....	16
2.1.    Trabalho inicial de Gabinete .....	16
2.2.    Trabalho de Campo.....	16
2.3.    Trabalho Avançado de Gabinete.....	17
3.    Estado da Arte .....	18
3.1    A região e a atual vila de Arcos de Valdevez .....	18
3.2    Festas e Romarias .....	18
3.3    As igrejas de Nossa Senhora da Lapa e de Nossa Senhora da Porta .....	18
3.4    Património Cultural.....	19
3.5    Património Imaterial .....	21
3.6    O que era uma romaria?.....	23
3.7    Festas de Nossa Senhora da Lapa e de Nossa Senhora da Porta .....	24
4.    A Festa de Nossa Senhora da Lapa.....	25
4.1    Padre Ângelo Sequeira, divulgador e impulsionador da devoção a Nossa Senhora da Lapa: aspetos biográficos.....	25
4.2    O culto à Nossa Senhora da Lapa.....	28
4.3    A igreja de Nossa Senhora da Lapa, Arcos de Valdevez .....	31
4.4    A construção e o equipamento da igreja de Nossa Senhora da Lapa de Arcos de Valdevez.....	34
4.5    A festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa antes da sua interrupção .....	40
4.6    2009: o retomar da festa de Nossa Senhora da Lapa .....	54

5.	festa de Nossa Senhora da Porta .....	58
5.1	A fundação da Misericórdia em Arcos de Valdevez .....	58
5.2	A construção do templo.....	58
5.3	A devoção a Nossa Senhora da Porta .....	64
5.4	A festa de Nossa Senhora da Porta antes da Interrupção: o que nos foi possível apurar 70	
5.5	A festa de Nossa senhora da Porta a partir de 2010 .....	73
6.	Festas do Concelho.....	77
6.1	Festas do Concelho ou da Batalha de Valdevez .....	77
6.2	Festas do Concelho: de 1945- 1957 .....	80
6.2.1	Festas de Nossa Senhora da Lapa.....	80
6.2.2	1947: Festas e Feiras Francas do Concelho .....	81
6.2.3	1948-1950: Festas e Feiras Francas do Concelho e Festa do Mártir S. Sebastião	83
6.2.4	1952-1957: Festas e Feiras Francas do Concelho.....	85
	Notas conclusivas .....	89
	Bibliografia.....	93
	Anexos .....	96

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Igreja de Nossa Senhora da Lapa (Autor: Adelaide Rouceiro) .....	35
Figura 2-Torre Sineira da Igreja da Lapa (Autor: SIPA) .....	36
Figura 3- Portal, janelão superior e frontão (Autor: Adelaide Rouceiro).....	36
Figura 4- Altar-mor da Igreja da Lapa (Autor: Adelaide Rouceiro).....	38
Figura 5- Igreja da Misericórdia (Autor: Adelaide Rouceiro).....	59
Figura 6 Nossa Senhora da Porta (Autor: Imagem retirada da Tese de Doutoramento de Odete Ramos) .....	65
Figura 7- Festa de Nossa Senhora da Porta (Autor: CMAV) .....	73
Figura 8- Festa de Nossa Senhora da Porta-«Janta» (Autor: SCMAV) .....	74

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1-Elaboração própria com base nos dados do SIPA disponíveis em .....	39
Tabela 2-Elaboração própria com base nos dados da Folia disponíveis em <a href="https://folia.pt/folia_event/festas-n-sra-da-lapa-2019/">https://folia.pt/folia_event/festas-n-sra-da-lapa-2019/</a> .....	56
Tabela 3- Elaboração própria com base nos dados da SCMAV disponível em <a href="http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&amp;start=163">http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&amp;start=163</a>	
Tabela 4- Elaboração própria com base nos dados da SCMAV disponível em <a href="http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&amp;start=176">http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&amp;start=176</a>	

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS**

CMAV - Câmara Municipal de Arcos de Valdevez

DGPC - Direção geral do Património Cultural

SCMAV - Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação enquadra-se no âmbito do mestrado em Património Cultural.

O concelho de Arcos de Valdevez fica localizado no Alto Minho e, como muitas outros municípios desta região, destaca-se pela quantidade de festas e romarias que ocorrem quer na sede do município, quer no concelho, do que são exemplos a romaria de Nossa Senhora da Peneda (freguesia de Gavieira, concelho de Arcos de Valdevez), de Nossa Senhora do Castelo (Vila Fonche, Arcos de Valdevez) ou, ainda, a festa em honra de São Bento do Cando (Gavieira, Arcos de Valdevez).

Estes exemplos indicam que o município de Arcos de Valdevez apresenta um vasto património cultural imaterial.

A investigação que nos propusemos desenvolver tinha por objetivo debruçar-se sobre duas festas na vila de Arcos de Valdevez, a festa e romaria em honra de Nossa Senhora da Lapa e a festa em honra de Nossa Senhora da Porta, que nos despertaram muito interesse pelo facto de ambas se realizarem no atual centro da vila e também pelo facto de ambas terem sofrido um interregno, tendo deixado de se realizar durante décadas e voltando a ser realizadas, respetivamente, em 2009 e 2010.

Segundo o site do município de Arcos de Valdevez, a festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa deixou de se realizar em meados do século XX, tendo sido retomada a partir de 2009 e passando a integrar e a titular as Festas do Concelho que se realizam anualmente no mês de agosto, entre a primeira e a segunda semana deste mês. Segundo o mesmo site, a festa de Nossa da Senhora da Porta teve uma interrupção de, pelo menos, mais de um século, pois esta deixou de se realizar nos finais do século XIX e só foi retomada em 2010, ocorrendo, desde então, no terceiro fim de semana do mês de setembro, por iniciativa conjunta da Santa Casa da Misericórdia e da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez. Nesta festa de carácter religioso a população arcuense apresenta os primeiros frutos colhidos da terra a Nossa Senhora da Porta.

As nossas perspetivas iniciais fundamentaram-se na informação veiculada, por exemplo, no site do município. Esta dissertação tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa bibliográfica e de análise documental, em grande parte usando jornais locais, a que

procedemos. Acreditamos que, com este trabalho, damos um contributo para um mais vasto conhecimento destas duas festas arcuenses.

Uma vez que estas duas festas foram interrompidas durante décadas, pretendíamos saber se, atualmente, são sentidas como um retomar de antigas tradições, o que se sabe sobre a forma como cada uma delas foi celebrada no passado e se é possível encontrar similitudes entre o passado e o presente de cada uma delas.

Assim, esta dissertação organiza-se em seis capítulos.

No capítulo 1, apresentamos os objetivos que nortearam a investigação conducente à preparação desta dissertação.

O capítulo 2 é dedicado a apresentar de forma breve a metodologia de trabalho que delineamos inicialmente e a que foi possível seguirmos.

No capítulo 3, Estado da Arte, apresentamos o estado do conhecimento atual relativamente aos vários aspetos e temas que abordamos nesta dissertação.

O capítulo 4 é dedicado as origens da devoção a Nossa Senhora da Lapa, assim como a história da igreja, do seu património material, do que nos foi possível apurar sobre as festas em honra de Nossa Senhora da Lapa antes de se interromperem no séc. XX e desde que se voltaram a realizar desde 2009.

Similarmente, o capítulo 5, é dedicado a apresentar a devoção a Nossa Senhora da Porta, assim como a história da igreja, do seu património material, do que nos foi possível apurar sobre as manifestações em honra de Nossa Senhora da Porta e sobre as festas que lhe são dedicadas e que se realizam desde 2010.

O capítulo seis a expõe que apuramos sobre as «Festas do Concelho».

Finalmente, apresentamos as nossas «Notas Conclusivas», a bibliografia e web grafia utilizadas.

Dada a relevância que atribuímos à entrevista com uma pessoa que tem uma participação ativa e central nas festas do concelho e à utilidade - estamos convictos - de que se pode revestir para outros investigadores a recolha e transcrição que fizemos de notícias nos jornais locais relativas às festas do concelho, decidimos incluí-las nesta dissertação como «Anexos».

# 1. OBJETIVOS

## 1.1. Objetivos Gerais

Quando delineámos o nosso projeto de investigação definimos os seguintes objetivos que correspondem ao que pretendíamos esclarecer e saber:

- 1) de que forma surgiu, como se foi realizando – e interrompendo - a festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa;
- 2) o que levou à interrupção da festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa entre os meados do século XX e 2009;
- 3) qual a forma como surgiu, como se foi realizando – e interrompendo - a festa de Nossa Senhora da Porta;
- 4) o que levou à interrupção da festa de Nossa Senhora da Porta entre os finais do século XIX e 2010;
- 5) como se processou – e se processa – a retoma da festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa: há a convicção de retomar uma tradição? O que se conhece da forma como a festa era celebrada?
- 6) como se processou – e se processa – a retoma da festa de Nossa Senhora da Porta: há a convicção de retomar uma tradição? O que se conhece da forma como a festa era celebrada?
- 7) como é que os arcuenses aderem à romaria de Nossa Senhora da Lapa?
- 8) como é que os arcuenses aderem à festa de Nossa Senhora da Porta?
- 9) quais as motivações dos que participam na romaria de Nossa Senhora da Lapa (apetência para a vivência do sagrado? de que forma? outras motivações? motivações combinadas?);
- 10) quais as motivações dos que participam na festa de Nossa Senhora da Porta (apetência para a vivência do sagrado? de que forma? outras motivações? motivações combinadas?);
- 11) quais as características socioeconómicas dos participantes nestas celebrações;
- 12) que importância tem cada festa para o concelho de Arcos de Valdevez, quer ao nível turístico, quer ao nível económico;

- 13) acompanhamento presencial da preparação e do decurso da festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa, auscultando organizadores e participantes;
- 14) registo das características da festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa em 2020;
- 15) acompanhamento presencial da preparação e do decurso da festa de Nossa Senhora da Porta, auscultando organizadores e participantes;
- 16) registo das características da festa e romaria de Nossa Senhora da Porta em 2020.

## **1.2. Objetivos específicos**

- 1) Origem da devoção, época de construção e história construtiva e decorativa da atual igreja de Nossa Senhora da Lapa.
- 2) Origem da devoção, época de construção e história construtiva e decorativa da atual igreja de Nossa Senhora da Porta.

## **2. METODOLOGIA DE TRABALHO**

### **2. METODOLOGIA DE TRABALHO E SUA DESCRIÇÃO DETALHADA**

#### **2.1. Trabalho inicial de Gabinete**

O trabalho inicial de gabinete foi marcado por pesquisa bibliográfica e na web.

Na fase inicial do projeto foram levantadas as questões equacionadas no capítulo anterior que são a razão de ser para as pesquisas bibliográficas e de webgrafia que realizámos.

A nossa investigação bibliográfica incidiu sobre um conjunto de questões que inclui, por exemplo, a saber, a região e o concelho; festas e romarias; património cultural e património cultural imaterial; história da devoção, da igreja, da festa e da romaria de Nossa Senhora da Lapa; história da igreja e da festa de Nossa Senhora da Porta; história das festas do concelho na vila de Arcos de Valdevez.

Relativamente ao material disponível na internet, de modo a facilitar as nossas pesquisas, relevamos a importância, nomeadamente, de sites como o da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez (<https://www.cmav.pt/>), o da Folia (<https://folia.pt/>) o do Portal da Memória de Arcos de Valdevez (<http://memoriaarcuense.cmav.pt/>) que inclui a Hemeroteca Digital de Arcos de Valdevez (<http://memoriaarcuense.cmav.pt/hemeroteca>), o da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez (<http://www.scmav.pt/>) e o do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (<http://www.monumentos.gov.pt/>), para além dos recursos disponibilizados digitalmente pela Biblioteca Nacional (<http://www.bnportugal.gov.pt/>) e pelos repositórios de instituições do ensino superior.

#### **2.2. Trabalho de Campo**

O trabalho de campo que foi planeado incluía entrevistar o clérigo responsável pelo serviço religioso na igreja de Nossa Senhora da Lapa e de Nossa Senhora da Porta, o Arcipreste de Arcos de Valdevez, as responsáveis pelo Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia dos Arcos de Valdevez, os organizadores das respetivas festas e os participantes.

Era igualmente nosso objetivo acompanhar os preparativos e o decorrer quer da festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa, quer os da festa de Nossa Senhora da Porta no ano de 2020.

Pretendíamos também avaliar quais as características socioeconómicas dos participantes nestas celebrações, assim como, a importância de que se reveste cada festa para a vila e para o concelho de Arcos de Valdevez, quer ao nível turístico, quer ao nível económico.

Temos que assinalar que o trabalho de campo projetado e cujos principais objetivos foram acima descritos foi quase totalmente inviabilizado pelas circunstâncias e períodos de confinamento determinados pela eclosão e desenvolvimento da pandemia de SARS-Covid 19. Mais, nenhuma das festas se realizou em 2020, razão pela qual foi impossível dar resposta a vários dos objetivos a que nos havíamos inicialmente proposto.

Foi-nos, no entanto, possível entrevistar o Exmo. Senhor Arcipreste de Arcos de Valdevez, porventura o principal impulsionador do retomar destas festas e responsável pelo culto em ambas as igrejas.

Conseguimos ainda reunirmo-nos com uma das responsáveis pelo Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia dos Arcos de Valdevez, Doutora Lúcia Afonso, que nos facultou valiosíssima informação acerca da festa de Nossa Senhora da Porta.

### **2.3. Trabalho Avançado de Gabinete**

Planeamos dedicar o trabalho avançado de gabinete ao aprofundamento da abordagem das questões enunciadas quer no capítulo 1, quer neste capítulo, dando sequência à investigação que é necessário prosseguir e desenvolver. Nesta fase de trabalho incluímos também a redação desta dissertação.

### **3. ESTADO DA ARTE**

#### **3.1 A região e a atual vila de Arcos de Valdevez**

O itinerário desta investigação partiu, num primeiro momento, da revisão de bibliografia de especialidade sobre a região e sobre a vila de Arcos de Valdevez.

Queremos destacar a utilidade de que se revestiram para nós as obras *Portugal Antigo e Moderno* (Leal, Pinho (1873) e *Alto Minho* (Almeida, Carlos (1987)). Ambas se afiguraram cruciais para o enquadramento e problematização do nosso estudo.

Foi ainda consultado *As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais* (Capela, 2005).

Neste âmbito, os manuscritos de Cândido Gomes escritos ao longo das primeiras duas décadas do século XX e com o título «*A Terra de Valdevez*» (Gomes, várias datas) é uma obra de extrema importância no campo das memórias históricas, narrativas, arqueológicas, estatísticas, genealógicas e biográficas.

#### **3.2 Festas e Romarias**

Sobre este assunto, o livro *Arraial: Festa de um Povo. As Romarias Portuguesas* (Sanchis, 1983) foi-nos muito útil, uma vez que o seu autor nos apresenta uma reflexão sobre as romarias em Portugal. Neste livro Pierre Sanchis analisa uma multiplicidade de características das romarias e são referidos os aspetos que compõem as festas e que fazem vibrar cada terra em particular e, por consequência, muita da vida social portuguesa.

#### **3.3 As igrejas de Nossa Senhora da Lapa e de Nossa Senhora da Porta**

Em relação à bibliografia sobre a igreja de Nossa Senhora da Lapa, em particular, há a assinalar um conjunto de autores concordando em relação ao surgimento do culto de Nossa Senhora da Lapa. Tal é o caso de Francisco Ribeira da Silva, Artur Manso e Guilherme Leite no que diz respeito ao surgimento do culto de Nossa Senhora da Lapa e relativamente ao contributo fundamental que o seu fundador teve para que este culto se pudesse enraizar na nossa cultura e perdurar até aos dias de hoje.

Relativamente à Santa Casa da Misericórdia dos Arcos de Valdevez dispomos dos trabalhos fundamentais das autoras, Maria Odete Neto Ramos e Lúcia Afonso.

A bibliografia acerca destes temas não é tão vasta quanto gostaríamos; no entanto, para além de salientarmos a importância dos contributos dados pelos autores acima mencionados, assinalamos, desde já, que nos referiremos a muitos outros autores e aos seus trabalhos na abordagem que faremos a cada um dos temas que abordaremos nos capítulos seguintes.

### **3.4 Património Cultural**

O livro de Françoise Choay, *Alegoria do património*, talvez, a melhor abordagem que encontrámos relativamente ao significado original do conceito de património e à história da evolução do conceito de património cultural até à data da sua primeira edição, 1982 (Choay, 1999).

Queremos também sublinhar a importância de que se revestiu para nós o trabalho de António Rosa Mendes e das suas reflexões sobre a importância do património cultural e do impacto que o mesmo tem na sociedade atual. Segundo este autor, através do património cultural estabelecemos uma ponte entre o passado e o presente, criando assim uma memória que, por sua vez, acaba por nos dar uma consciência histórica. Em suma, este autor diz-nos que o património cultural é o resultado de uma memória coletiva e se constitui como base para uma sociedade.

Qual é a importância que o património cultural tem para o país?

Originalmente, o património era aquilo que se herdava, sendo, portanto, um legado. O património cultural é uma herança cultural; muitas vezes, e, mesmo não tendo consciência disso, somos forçados a herdá-lo (Mendes, 2012).

Sabendo nós que somos herdeiros de um passado ou, por outras palavras, tendo o ser humano consciência histórica e memória, entendemos que aquilo que somos no presente é, pelo menos em parte, consequência do nosso passado,

*«Na sociedade, as funções da memória no individuo são desempenhadas pelo Património Cultural.»* (Mendes, 2012, p. 17).

Contudo, não se pode delimitar totalmente o passado pois realidades com origem no passado podem continuar bem presentes no nosso dia a dia; muitos dos hábitos culturais que hoje temos vêm do passado estabelecendo-se, assim, uma ponte de ligação com o presente e o futuro. Se temos a pretensão de conhecer mais profundamente os nossos costumes atuais, temos por força que recorrer á nossa memória coletiva para assim conhecermos o passado e, em comunidade, criarmos uma consciência histórica.

A consciência histórica que vamos adquirindo ao longo da vida tanto pode ser coletiva como individual. Nenhum ser humano começa do zero; chegamos a este mundo e encontramos uma bagagem que nos é imposta pela sociedade em que nos inserimos e, conforme vamos crescendo, levamos connosco aquilo que fomos no passado e é assim que o tempo se vai articulando entre o passado e o presente. No entanto, é de notar que o tempo reside no interior de cada pessoa e não no seu exterior, e cada pessoa tem uma capacidade que lhe permite continuar a ser a mesma ao longo das diferentes fases da vida, que se vão alterando e transformando, e essa aptidão é especificamente humana; é a memória que é o fundamento da identidade (Mendes, 2012).

*«O património não se limita a um tempo, nem passado nem futuro. Usamos o património de ontem para construirmos o património de amanhã, porque a cultura é, por natureza, dinâmica e está em constante renovação e enriquecimento.»* (ICOMOS Canadá, 1982, p. 5).

Para a sociedade, o património cultural é um sinal de memória coletiva, é o que nos confere uma identidade e é através dele que se vai construindo a chamada identidade coletiva.

No entanto, depois de termos a noção do que é e do que representa o património cultural, surge-nos a questão, de quem é o dever de assegurar e zelar por esta herança que nos vai sendo legada ao longo dos tempos? Segundo nos diz o Diário da República, é responsabilidade do Estado, das autarquias locais, e da restante administração pública certificar a efetivação do direito à cultura e ao usufruto cultural e a realização de todos os outros valores, tarefas e ligações colocadas, neste domínio, pela Constituição e pelo direito internacional (Diário da República Eletrónico, 2001).

Aquilo que define o património cultural é o conjunto de todos os bens que são testemunhos da importância do progresso de uma civilização e cultura e são considerados como tendo um interesse cultural relevante; estes devem, pois, ser protegidos e valorizados.

O conhecimento, análise, proteção, valorização e divulgação do património cultural são uma obrigação do Estado que, assim, deve certificar-se da preservação do legado de uma herança nacional cuja continuidade e desenvolvimento unirá as gerações num caminho civilizacional. No entanto, é de salvaguardar que o património cultural é dividido em três grandes grupos, património imaterial, património móvel e património imóvel.

O património é o resultado da atribuição aos objetos e bens de um sentido valorativo que acaba por lhes conferir o estatuto de apoio da memória e da identidade. Ora estes objetos e

bens são de tal forma importantes que as comunidades passam a protegê-los para assim os legarem às gerações futuras, como sendo algo que vai unir o passado ao futuro e, assim, desta forma, promove-se a união e o entendimento entre gerações.

Para além disto, o património cultural é um fator de valorização para o território, contribui para a qualidade de vida e é tido como um importante recurso económico. No entanto, não é só nestas vertentes que o património cultural é relevante, pois, para além disso, pode ser um fator de competitividade cuja promoção, sublinhando as suas particularidades e diferenças, pode contribuir para o tornar atrativo para visitantes e turistas.

É de salientar que a conservação e valorização do património gera uma diversificada gama de produtos e serviços que impulsionam a economia e favorecem competências especializadas com alto valor acrescentado.

### **3.5 Património Imaterial**

O que é o património imaterial? Eis uma pergunta com a qual nos deparamos muitas vezes ao longo do nosso percurso, pois a palavra imaterial remete-nos logo para algo que não é material, que não se pode pegar ou tocar. No entanto, a palavra património remete-nos para um conjunto de bens, ou seja, algo que é físico e até mesmo visível. E a definição de património cultural imaterial compreende os seguintes pontos segundo a Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN):

*«tradições e expressões orais, envolvendo a língua como veículo do património cultural imaterial; manifestações de carácter social, rituais e episódios performativos; práticas sociais, ritos e eventos festivos; conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo; competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais.»* (Direção Regional Cultura do Norte Disponível em <https://culturanorte.gov.pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/>).

Resultado de uma transmissão que vai passando de geração em geração - em alguns casos trata-se de tradições milenares – mas, também, de uma constante recriação e adaptação, o património imaterial é um testemunho da diversidade cultural que favorece assim a compreensão e o respeito pela diferença e, simultaneamente, o sentido de orgulho e de coesão das comunidades.

Aquilo que entendemos por património cultural mudou bastante ao longo das últimas décadas, muito graças às ferramentas desenvolvidas pela UNESCO. Não podemos limitar o

património cultural apenas aos monumentos e coleções de objetos, pois nesta definição encaixam também as tradições e as expressões que são vividas e muitas vezes herdadas dos nossos antepassados e que nós acabamos por transmitir aos nossos descendentes, como é o caso de por exemplo das tradições orais, artes cénicas, praticas sociais, rituais e eventos fúnebres , conhecimentos e práticas sobre e a propósito do universo e práticas necessárias para o artesanato tradicional.

O património cultural imaterial tem muita importância; no entanto, a sua real importância não está tanto na manifestação cultural em si mas sim no valor de conhecimentos que é fruto de uma transmissão geracional. E este legado de saberes tem um valor social e económico muito importante para os grupos minoritários, tal como também o tem para os grupos sociais majoritários dentro de um estado e é tão relevante para países que se encontram em desenvolvimento quanto para os países que já se encontram desenvolvidos.

O património cultural imaterial é tradicional, contemporâneo e vivo ao mesmo tempo. O património cultural imaterial não abrange só as tradições que nos chegam dos nossos ancestrais, mas também os costumes rurais e urbanos recentes que são indícios dos mais diversos grupos culturais.

O património cultural imaterial é inclusivo; muitas vezes, as suas expressões são parecidas às praticadas por terceiros. Em alguns casos podem chegar dos mais diversos sítios como por exemplo da aldeia vizinha, de uma cidade ou até mesmo adaptadas por povos que emigraram e acabaram por se fixar noutra região e todos estão incluídos no património cultural imaterial, pois são fruto de uma transmissão vinda dos nossos antepassados, evoluindo como forma de adaptação, acabando assim por nos prover de um senso de identidade e seguimento, fazendo assim a ponte entre o nosso passado e, através do presente, ligando-nos ao futuro. O património cultural imaterial não coloca a questão da particularidade ou não de certos costumes no que diz respeito a uma cultura, antes contribui para a coesão social.

O património cultural imaterial é representativo. O património cultural imaterial não é avaliado ou analisado apenas como uma mais-valia cultural, a título de comparação, pela sua exclusividade ou pelo seu valor excepcional. Pois é fortalecido a partir das suas origens nas comunidades e depende muito daqueles que detêm o saber das tradições, habilidades e costumes e que acabam por os transmitir para a restante comunidade, de geração em geração, ou para outros grupos.

O património cultural imaterial é fundado na comunidade. O património cultural imaterial só se pode chamar assim quando é reconhecido como tal pelas comunidades que o criam, preservam e transferem; sem o seu consentimento, ninguém pode decidir por uma comunidade se uma determinada expressão ou prática faz ou não parte do seu património.

### **3.6 O que era uma romaria?**

Antigamente as peregrinações chamavam-se romarias, e em Portugal, fazem parte da vida religiosa local desde a Alta Idade Média.

Segundo nos diz Pierre Sanchis, a romaria é uma manifestação popular que completava o imaginário religioso das populações, sobretudo no Norte de Portugal

*«uma experiência, singular, individual e/ou coletiva, que ritmava, em muitos casos, o fluxo dos anos, as etapas da vida (namoros, casamentos, chegada dos filhos, carreira, problemas e restabelecimentos da saúde)»* (Sanchis, 2006, p. 86)

As romarias são uma jornada que, muitas vezes, pode ser deveras amargurada e aflitiva e, em contextos instáveis; ainda que, voluntariamente, estes percursos, por norma, demorem bastante tempo a fazer-se, é aí que está o seu encanto,

*«A romaria é uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um «santo».* (Sanchis, 1983, p. 20).

Muitas vezes a administração local aproveita-se deste acontecimento e acaba por lhe agregar uma vertente mais profana, acabando por transformar aquilo que inicialmente era uma romaria relevante num acontecimento mais importante para a região ou até mesmo para o concelho,

*«(...) é certo que à volta deste núcleo religioso e popular se agregaram outras manifestações, a cargo da administração local ou regional. Certas romarias importantes tornaram-se assim «festas do concelho».* (Sanchis, 1983, p. 20)

De tal forma que acabam por tomar proporções que fogem ao formato original da romaria.

A maior parte das romarias em Portugal são rurais e, por norma, a sua sede fica situada numa zona rural; podem muitas vezes ser a festa do santo patrono ou, então, uma das festas mais importantes daquela localidade,

*«(...) as romarias portuguesas são, no entanto, a maior parte das vezes rurais; quer tenham por sede uma ermida, quer constituam, senão a festa do patrono, pelo menos a festa (ou uma das festas) principais de uma aldeia».* (Sanchis, 1983, p. 22).

No entanto, isto não quer dizer que não haja romarias citadinas, ainda que em menor número. Por norma, realizam-se em arrabaldes importantes, capitais de concelho ou de distritos e escassas são as que não dão sinais da sua origem

*«Raras são as que, tendo lugar num burgo importante ou numa capital de concelho ou de distrito, não denotem a sua origem...».* (Sanchis, 1983, p. 22).

No entanto, existem muitas festas que são chamadas de romaria apenas por extensão. Geralmente, quando isto acontece é porque naquela localidade existem muitas festas ao longo do ano que são frequentadas apenas pelos habitantes daquela zona, ou seja, não atraem habitantes de fora, de outras aldeias, vilas ou cidades, acabando assim por ser mais simples do que a festa que atrai mais pessoas e assim esta é apelidada de romaria,

*«(...) tem outras ao longo do ano, mais simples, menos frequentadas... totalmente intramuros.»* (Sanchis, 1983, p. 22).

Podemos, portanto, concluir, segundo Pierre Sanchis, que existem dois tipos de romarias: existe aquela romaria que está diretamente relacionado com uma aldeia, em que as pessoas da aldeia recebem com muito afeto e carinho as pessoas que vem de fora para venerar o santo; e temos ainda a romaria regional que se edifica como epicentro de uma região mais vasta; ainda que esteja situada numa determinada freguesia todos os habitantes da região sentem-se ali como se estivessem em casa; assim, a romaria regional é uma festa para toda a gente e todos os que lá vão chamam ao santo “nosso”.

*“O essencial é que toda a romaria constitui um ajuntamento, um encontro e um momento de vida em comum...”* (Sanchis, 1983, p. 23).

### **3.7 Festas de Nossa Senhora da Lapa e de Nossa Senhora da Porta**

A bibliografia acerca das festas de Nossa Senhora da Lapa e de Nossa Senhora da Porta de Arcos de Valdevez é muito escassa. Assim, entendemos ser necessário fazer uma pesquisa nos jornais locais tais como A Vanguarda, Noticias dos Arcos e o Arcuense. Apresentaremos os resultados das nossas pesquisas nos capítulos seguint

## **4. A FESTA DE NOSSA SENHORA DA LAPA**

### **4.1 Padre Ângelo Sequeira, divulgador e impulsor da devoção a Nossa Senhora da Lapa: aspetos biográficos**

O Padre Ângelo Sequeira, era natural de São Paulo, Brasil. Provinha de uma família nobre e estudou com os Padres da Companhia de Jesus, acabando por se formar em direito. Chegou mesmo a exercer a profissão, ainda que, não a tenha exercido por muito tempo, pois, quando acabou o curso, devido a uma zanga pública com uma das partes de um caso, tendo sido muito ofendido e injuriado, acabou, assim, por se dedicar de vez à vida religiosa e vendendo grande parte do seu património para construir templos na sua zona, e também para poder ajudar aqueles que eram mais desfavorecidos. (Leite, 1939)

No entanto, não podemos deixar de reparar que este missionário contrariou a migração dos servos de Deus, pois o normal era irem de Portugal para o Brasil, para aí evangelizarem, e, neste caso, deu-se precisamente o contrário, acabando o Padre Ângelo Sequeira, nascido no Brasil, por desembarcar em Lisboa a 15 de janeiro e 1753, onde, segundo nos dizem as fontes históricas, se demorou «um ano e oito meses», até ao dia em que o governador de armas do Porto que, àquela data, era Dom Diogo de Sousa, o convidou para se estabelecer naquela cidade, pois estava deslumbrado com o seu poder de oratória (Silva, 1998).

Ao que tudo indica, a sua chegada à cidade do Porto acabou mesmo por se dar em setembro de 1754 (Silva, 1998). Trazia consigo um projeto em mente, o de construir uma capela em honra de Nossa Senhora da Lapa. No entanto, esse projeto foi tendo alguns contratempos, pois tinha em mente construí-la no monte de Santa Catarina, mas não foi possível fazer a construção nesse lugar; a esse projeto de localização seguiu-se o da Torre da Marca que também não se pôde realizar (Manso, 2010).

Foi devido à interceção de D. Antónia Joana de Azevedo e Albuquerque que era esposa do contador da fazenda, João de Figueiroa Pinto, que conseguiu um terreno camarário, o Monte do Padrão Velho, que não tinha grande fama, próximo da quinta de Santo Ovídeo, e que pertencia ao casal. No entanto, corria-se o risco de a capela passar a erário

público e, para isso não acontecer, o fidalgo Lourenço de Amorim da Gama Lobo ofereceu-se para ser o fiador da construção; não tardou muito para que a fiança se pagasse graças as inúmeras esmolas dos fiéis (Manso, 2010).

A 7 de janeiro de 1755 iniciou-se a construção do primeiro templo em honra de Nossa Senhora da Lapa (Silva, 1998) e, passados alguns dias, estava pronto um pequeno compartimento no qual Frei Ângelo de Sequeira dormia e fazia as confissões, sobretudo àqueles que roubavam, mas, mais tarde, demonstravam arrependimento e queriam devolver os bens; e foi assim que decidiu dar-lhe o nome de confessionário das restituições (Silva, 1998). Não tardou muito para que aquele local ficasse conhecido por Capela de Nossa Senhora da Lapa das Confissões (Silva, 1998). Passado um mês, a 9 de fevereiro, celebrou-se a primeira missa (Silva, 1998), mesmo com a obra inacabada. As obras seguiram com muita rapidez, graças às ajudas dos muitos devotos de Nossa Senhora, que contribuíram com a sua mão de obra para que o templo ficasse pronto o mais rápido possível e, assim, a 10 de março desse mesmo ano, a Capela estava apta para receber a imagem de Nossa Senhora da Lapa (Silva, 1998).

Ora, com a colocação da imagem em sede própria, chegaram muitos devotos e com eles também vieram as mais variadas ofertas, tais como,

«... azeite, grão, linho, teias, vestidos, roupas, joias adereços, cordões de ouro...» (Silva, 1998, p. 132).

A afluência era tanta que o fundador já não era capaz de gerir as ofertas sozinho, razão pela qual, de certa forma, se viu obrigado a associar-se a um outro padre, José de Almeida, para este o ajudar (Silva, 1998).

Foi nas celebrações do dia 1 de novembro de 1756 que o Padre Ângelo de Sequeira deu a primeira bênção papal por indulto apostólico (Silva, 1998). A humilde capela de Nossa Senhora da Lapa depressa se transformou num local de peregrinação com muita afluência, onde os fiéis acabavam por deixar esmolas e, devido a essas esmolas, o missionário teve a ideia de criar um estabelecimento de ensino para os jovens portuenses, ao qual viria a dar o nome de Seminário, que ele próprio iria dirigir (Silva, 1998). Assim que conseguiu a autorização do Município, foi para Lisboa, para conseguir a necessária autorização régia. Mas, ao que tudo indica, o seu pedido não foi levado em conta, não tendo, portanto, conseguido a tão desejada autorização (Silva, 1998). A partir daqui e devido a uma data de sucessivas falhas, tal como a má gestão dos bens, a

reputação do missionário nunca mais foi a mesma, pois os fiéis começaram a deixar de acreditar nas suas capacidades como administrador

«... O resultado imediato foi um certo afrouxamento no entusiasmo dos crentes...» (Silva, 1998, p.133).

Foi graças a um grupo de cidadãos, composto por cerca de 20 pessoas, que decidiram sair em defesa do fundador e que pediram ao Bispo para se tratar da ereção canónica da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, que este missionário foi recuperando aos poucos a sua imagem de homem íntegro. A autorização do bispo foi concedida a 23 de junho com estatutos confirmados a 5 de julho de 1757 (Silva, 1998). A sua primeira mesa administrativa era composta por 52 irmãos e o cargo de diretor foi oferecido ao Padre Ângelo de Sequeira de forma vitalícia (Silva, 1998).

Entretanto, devido à sua grande vontade de espalhar o culto de Nossa Senhora da Lapa, o missionário dirigiu-se para o Minho, onde se fazia acompanhar de um livro no qual registava os novos irmãos e os contributos que estes davam (Silva, 1998).

Todas as ajudas que angariou no Minho foram entregues à Mesa Administrativa da Irmandade. No entanto, a sua relação com esta não era a melhor e, ao que tudo indica, esta falta de entendimento devia-se a não se entenderem no que dizia respeito às obras da igreja (Silva, 1998).

Em fevereiro de 1759, o missionário encontrava-se em Trás-os-Montes, onde piorou de uma doença que já lhe tinha aparecido em Guimarães e, devido a esta situação, a Mesa Administrativa ofereceu-se para pagar os tratamentos e insistiu para que este regressasse ao Porto; o padre recusou, alegando que, a seu tempo, regressaria (Silva, 1998). No entanto, em abril desse mesmo ano, a Mesa Administrativa foi substituída e, ao que tudo indica, o Padre demonstrou bastante agrado em relação a esta mudança. Aos poucos, a Irmandade de Nossa Senhora da Lapa foi recuperando o seu prestígio e o Padre Ângelo de Sequeira regressou ao Porto em abril de 1761 (Silva, 1998).

Depois de esta Irmandade ter ganho raízes profundas e de ter inúmeros devotos no norte de Portugal, o Padre acabou por regressar ao Brasil, seu país de origem, onde acabou por fundar na região de São Paulo o seminário de Nossa Senhora da Lapa. Faleceu a 7 de fevereiro de 1775, sendo recordado como uma pessoa de grande virtude (Pereira & Rodrigues, 1904).

## 4.2 O culto à Nossa Senhora da Lapa

A devoção a Nossa Senhora da Lapa surgiu em Portugal mais ao menos por volta do século XV (Ferreira & Assis, 2010). Em Portugal, um dos santuários mais antigos em honra de Nossa Senhora da Lapa encontra-se em Sernancelhe, na freguesia de Quintela, distrito de Viseu (Ferreira & Assis, 2010).

Esta capela em honra de Nossa Senhora da Lapa foi construída em 1498 com o aparecimento de uma imagem de Nossa Senhora debaixo de uma lapa. No entanto, a lenda faz-nos recuar ainda mais no tempo, fazendo remontar os vestígios da devoção a Nossa Senhora da Lapa ao século X (Ferreira & Assis, 2010).

Segundo nos diz a lenda, por volta do ano de 982, o general mouro Al Mansur atacou o convento de Sisimiro e alguns religiosos conseguiram fugir levando consigo a imagem da Senhora da Lapa. Esta mesma lenda conta ainda que os religiosos acabaram por encontrar abrigo numa gruta, onde acabariam por deixar a imagem que foi encontrada cerca de 500 anos depois por uma pastora (Ferreira & Assis, 2010).

No entanto, e na sequência do que já referimos anteriormente, tudo aponta para que tenha sido no século XVIII que esta veneração por Nossa Senhora da Lapa tenha atingido o seu auge muito devido á ação do Padre Ângelo Sequeira. (Silva, 2013). Quando este padre desembarcou em Lisboa assumiu como sua missão espalhar esta sua devoção e, assim, pregou em várias regiões do país, tendo começado pelo Alentejo; posteriormente, deslocou-se para a região do Entre o Douro e Minho. (Silva, 2013), acabando por chegar ao Porto no ano de 1754, a convite do governador de armas do Porto, D. Diogo de Sousa (Silva, 2013). Este padre teve tanto sucesso no Porto que os espaços fechados dos maiores templos estavam sempre repletos de gente só para o ouvir.

«Pelo que nos dizem testemunhos da época, ao Missionário foi oferecido o ensejo de pregar nas diversas igrejas do Porto e arrabaldes e o êxito foi tal que depressa os espaços fechados dos maiores templos eram pequenos para tamanha afluência de ouvintes» (Silva, 2013, pp. 216-217).

No ano de 1757 este padre esteve na cidade de Braga. Mais tarde, acabou por direcionar a sua ação para o Minho e Trás-os-Montes. (Sistema de Informação para o Património

Arquitetónico

disponível

em

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193) )

A forma como o padre Ângelo Sequeira seleccionava o local onde iria colocar a imagem de Nossa Senhora da Lapa era muito simples pois escolhia um local ou um edifício que fosse central, que se destacasse de tudo o resto e, logo depois, começava a pregar.

«O padre Ângelo Sequeira dava início às suas missões colocando uma estampa de Nossa Senhora da Lapa numa parede de um edifício público central». (Pires de Oliveira, 2003, p. 205).

Deste modo, gradualmente, foi estimulando a fé e, também, suscitando a devoção por Nossa Senhora da Lapa nas multidões que o ouviam, de tal forma que conseguiu espalhar e enraizar este culto ao ponto de, com ele, aparecerem oratórios, altares, capelas e, até, igrejas dedicadas a Nossa Senhora da Lapa. Ainda que não se acredite que Ângelo Sequeira tenha sido autorizado para o propósito de fazer surgir todas estas estruturas e supondo-se, até, que nem sequer era esse o seu objetivo, há casos em que esteve envolvido na criação delas. A sua pregação foi de tal forma aceite que, onde quer que fosse possível prestar culto à Senhora da Lapa, os rendimentos da igreja aumentavam notavelmente. (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico disponível em

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193)). Ora este fenómeno acabou por ser reconhecido pela hierarquia da Igreja e, em Braga, acabou por ser concedida a essa comunidade de Nossa Senhora da Lapa autonomia em relação ao pároco local, ficando assim com uma jurisdição semelhante à dos santuários.

«(...) ciente do imenso dinheiro que entrava nos cofres destes oratórios, capelas ou igrejas, a hierarquia religiosa não hesitou, em Braga, em tornar esta comunidade independente do poder do pároco e em declarar que a igreja tinha uma jurisdição similar à dos santuários» (Pires de Oliveira, 2003, p. 205).

Foi a partir daí que a criação de altares, capelas e igrejas aclamando a Senhora da Lapa foram surgindo por toda a região do Entre Douro e Minho, tal como o culto acabou por ir tocando cada vez mais crentes dos mais variados quadrantes. (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193))

Contudo é de salientar que as construções destes equipamentos religiosos em honra da Senhora da Lapa não seguiam nenhuma tipologia ou sequer uma ideia artística premeditada.

«(...) tanto quanto podemos observar, nos templos que já visitamos, o padre Ângelo Sequeira não manifestava nenhuma intenção artística (...)» (Pires de Oliveira, 2003, p. 209).

Segundo defende Eduardo Pires de Oliveira, o missionário não queria obrigar os fiéis a levantar de imediato um templo em honra de Nossa Senhora da Lapa, queria apenas trazer os devotos ao bom caminho, ou seja, à Senhora da Lapa. No entanto, isto não significa que o missionário não tivesse a pretensão de construir novos equipamentos como aconteceu por exemplo em Vila Real, não querendo isto dizer que, neste caso,

«(...) ele não tentasse construir novos templos, como aconteceu, por exemplo, em Vila Real ou que, após a sua passagem, não tenham surgido uma série destes pequenos templos» (Pires de Oliveira, 2003, p. 210).

A fundação de novas igrejas em honra da Senhora da Lapa era sustentada pela autorização que o padre Ângelo Sequeira dizia ter do bispo D. Frei Aleixo

«(...) essa é, muito possivelmente, a razão que leva a que hoje se possam ver igrejas magníficas, como a de Arcos de Valdevez, ao lado de outras muitíssimo simples, como a de Resende, Paredes de Coura (...)» (Pires de Oliveira, 2003, p. 210).

### 4.3 A igreja de Nossa Senhora da Lapa, Arcos de Valdevez

Corria o ano de 1758 quando frei Ângelo Sequeira chegou à vila de Arcos de Valdevez e aí implementou o culto a Nossa Senhora da Lapa.

«Ahi pelos anos de 1758 veio fazer uma missão a esta vila o vantajoso FR. Ângelo de Sequeira, que trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora da Lapa.» (Gomes, p. 72).

O templo em honra de Nossa Senhora da Lapa foi levantado sobre a antiga capela de São Braz,

«No local onde foi erguido este templo, houve em remotas eras uma capela consagrada a S. Braz.» (Gomes, p. 72).

Esta imagem foi colocada na capela de São Braz, que se encontrava no centro da vila e, assim, ficou exposta à veneração de todos os fiéis que logo acorreram a orar e a pedir graças. Como já era costume nas outras terras e em Arcos de Valdevez não foi diferente, os fiéis contribuíram com muitas esmolas,

«Esta imagem foi colocada na referida capela de S. Braz, e exposta à veneração dos fiéis, que além de acorrerem a orar e a implorar-lhe graças foram lhe dando avultadas esmolas...» (Gomes, p. 72).

O que fez despertar a ideia de a ampliarem nos diretores da capela. No entanto, como se aperceberam de que esta ampliação não seria suficiente, acabaram por concluir que seria melhor construir um templo mais admirável,

«(...) que sugeriram aos diretores da capela, a ideia de a ampliar. Mas como esta obra pouco jeito tinha, resolveram então edificar um templo mais espantoso que se concluiu entre os anos de 1772 e 1774.» (Gomes, p. 72).

A intenção do Padre Ângelo Sequeira era espalhar o culto de Nossa Senhora da Lapa no Minho, e não tinha qualquer exigência ou eleição pela terra. Ao que tudo indica, não demorava mais do que um dia em cada terra. Pois no dia 8 de julho de 1758 encontrava-se em Ponte da Barca e no dia seguinte em Arcos de Valdevez. (Pires de Oliveira, 2003) Ao que tudo indica só tinha uma exigência, que era fazer a sua pregação num local central. E a vila, Arcos de Valdevez, servia o seu propósito muito bem, visto que se encontrava entre Monção e Ponte de Lima. E era uma área urbana muito favorável, também no que diz respeito ao movimento tanto de feiras como de romarias.

O que esteve na origem do progresso desta zona, foi a ponte sobre o rio vez, que não se sabe ao certo a sua data de construção, mas tudo indica que é anterior ao século XIV. E a sua principal função era facilitar os acessos tanto à feira que se realizava no Ladário como também, facilitar a passagem dos galegos para a feira de Ponte de Lima,

*«Na passagem do rio Vez, para servir a Feira de Ponte de Lima, não bastavam as poldras e os pontilhões que ficariam cobertos com a mais pequena das cheias. Por este motivo havia sido construída a ponte que Félix Alves Pereira afirma que «não é posterior ao século de 1400» (Caldas, 1994 p.95).*

Uma das consequências diretas da construção desta ponte, foi a passagem de muita gente pelo concelho e como consequência o aglomerado populacional da Valeta foi crescendo aos poucos, criando assim a área urbana que conhecemos na atualidade,

*«O mesmo descreve as estruturas de urbanização que vieram a formar-se por influência da nova construção, que substituía, com toda a segurança, as passagens a vau anterior.» (Caldas, 1994 p.95).*

Esta área, a Valeta, ia desde a igreja do Espírito Santo até à estrada de Monção, incluía ainda ao atual jardim dos centenários, que naquela época era conhecido como sendo o campo da feira, e o atual Largo da Lapa, que era denominado por Largo de São Braz, pois era ali que se encontrava uma capela em sua honra,

*«A Valeta que se aninhava na margem direita abria-se em forma de concha desde o Espírito Santo e o antigo Campo da Feira (hoje Jardim dos Centenários) passando pelo Largo de São Braz (hoje Largo da Lapa) e pelo Largo das Ervas, onde vem desembocar a Quelha das Hortas, até à estrada de Monção.» (Caldas,1994 p. 95).*

e naquele tempo estava incluído na rota da espiritualidade da população que rodeava o concelho, estando assim ligado a romarias que eram muito importantes,

*«Esta área urbana seria importante na altura em que o D. Abade de Sabadim mandou construir, como referimos, a Capela da Praça, junto da Capela de São Brás dava motivo à concorrida romaria e não nos repugna acreditar que no recinto se encontravam os habituais «quarteis», onde se abrigavam os romeiros (...))»(Caldas, 1994 p.95)*

O templo em honra de Nossa Senhora da Lapa é dos mais importantes da vila de Arcos de Valdevez, é uma construção com muito interesse arquitetónico e artístico, que foi concluído no ano de 1767; este templo é atribuído ao mestre bracarense André Soares, (Almeida, 1987).

Como se verifica, as datas para a conclusão da igreja de Nossa Senhora da Lapa propostas por Gomes (várias datas) e Almeida (1987) não coincidem, o mesmo acontecendo com as datas propostas por outros autores.

Segundo nos diz José Cândido Gomes o templo foi concluído entre os anos de 1772-1774, e no ano de 1769, a 13 de março, foi atribuído o retábulo da capela-mor ao escultor de Braga André António da Cunha, por cerca de 500,000 reis. E passado dois anos, em 1771, a 1 de fevereiro, foram dados ao mesmo escultor os dois alteres das laterais, (Gomes, várias datas).

Carlos Alberto Ferreira de Almeida no seu livro «*Alto Minho*», aponta a data de 1767 como sendo a data da conclusão deste templo.

Eugénio de Castro Caldas aponta o ano de 1767 como sendo o ano do início da sua construção.

«Em 1767 a renovação dos templos na vila de Arcos de Valdevez deu lugar à construção de um dos monumentos de maior interesse, a capela de Nossa Senhora da Lapa, da autoria de André Soares» (Caldas, 1994, p. 138).

Eduardo Pires de Oliveira indica como data da conclusão deste templo o ano de 1764 pois, segundo este autor afirma, o início da obra deu-se no ano de 1758, data da

«(...) provisão para a ereção de uma irmandade de Nossa Senhora da Lapa a favor de Ângelo Sequeira, padre missionário apostólico e mais de vila de Arcos (...)» (Pires de Oliveira, 2003, p. 235).

Este autor refere e cita ainda prova documental segundo a qual no ano de 1763

«...os irmãos da confraria de Arcos de Valdevez dizem que tem feito e acabado o cerco principal da capela nova que edificaram à mesma Senhora e para haver de a lajear é preciso desfazer capela antiga que está no meio...» (Pires de Oliveira, 2003, p. 236).

Um ano mais tarde, 1764, é então pedida a bênção desta nova igreja que já se encontrava acabada

«Dizem o presidente e mais oficiais da confraria de Nossa Senhora da Lapa da vila dos Arcos de Valdevez que eles suplicantes têm acabado a capela-maior e corpo da mesma capela que de novo edificaram (...)» (Pires de Oliveira, 2003, p. 236).

Podemos assim concluir que a Capela de Nossa Senhora da Lapa se deu por concluída no ano de 1764.

Este novo templo é descrito como

«elegante, com altar-mor e corpo de forma circular. Tendo a coroa-lo uma cúpula. No corpo tem apenas dois altares» (Gomes, 1900, p. 72).

É um templo muito relevante a nível nacional, dada a sua muita importância artística e histórica (Almeida, 1987).

Esta igreja de Nossa Senhora da Lapa de Arcos de Valdevez é considerada por muitos autores como sendo a sua mais rara joia artística, havendo mesmo quem afirme que é a igreja com mais-valia no concelho:

«O mais valioso monumento de Arcos de Valdevez» (Pires de Oliveira, 2003, p. 236).

#### **4.4 A construção e o equipamento da igreja de Nossa Senhora da Lapa de Arcos de Valdevez**

Como já se referiu anteriormente desconhece-se a data exata do início e da conclusão da Igreja de Nossa Senhora da Lapa (Figura 1). No entanto há alguns factos que não deixam margens para qualquer tipo de dúvidas, pois todos os autores que foram consultados durante esta pesquisa dão como certo que esta é uma obra da autoria do arquiteto bracarense André Soares, ainda que não haja nenhum contrato que dê esta informação como certa, possuindo talha atribuída ao mestre bracarense Frei José de Santo António Vilaça.



Figura 1- Igreja de Nossa Senhora da Lapa (Autor: Adelaide Rouceiro)

É uma igreja da segunda metade do século XVIII, cuja arquitetura religiosa se enquadra no período do barroco e rococó. (Almeida C. A., 1987)

Podemos afirmar que a igreja da Lapa tem uma feição exterior arquitetónica muito rica, ao contrário de algumas igrejas da mesma época na vila.

A planta do corpo da igreja é octogonal, como acontece com tantas igrejas e baptistérios como o Baptistério de São João Batista de Florença, Itália. (Ferreira & Assis, 2010) Tem uma volumetria exterior na qual se impõe o amplo corpo octogonal com cúpula, que acaba por ficar mais alto do que a galilé de paredes curvas que está colocada imediatamente antes, ou do que a capela-mor que é retangular que fica do lado oposto, e a um nível próximo da torre sineira (Figura2).



Figura 2-Torre Sineira da Igreja da Lapa (Autor: SIPA)

A torre sineira fica junto à capela-mor, o que é considerado uma tradição bracarense (Gonçalves, 1973).

No entanto, na fachada desta igreja podemos observar que existem contactos com outras arquiteturas que são muito características do arquiteto bracarense André Soares. A composição unitária que abrange o portal, o janelão superior e o frontão, (Figura3) transporta-nos de imediato para outras obras já anteriormente realizadas pelo arquiteto, como por exemplo a casa da Câmara de Braga; existem ainda outros elementos que nos fazem lembrar a Casa do Raio, a igreja de Santa Maria da Falperra, ou ainda o Arco da Porta Nova em Braga. (Smith, 1973).



Figura 3- Portal, janelão superior e frontão (Autor: Adelaide Rouceiro)

Este templo tem paredes duplas; é de notar que estas paredes estão separadas, pois entre si, existe um corredor que se pode considerar como uma defesa contra a humidade que acaba por vir do exterior e, assim, não atinge o retábulo ou qualquer outra obra de arte. (Ferreira & Assis, 2010). Contudo, não se sabe bem ao certo porque motivo este templo tem duas paredes, pensa-se que a parede interna é muito antiga, pode até já ter vindo do tempo em que ali era a capela de São Braz (Ferreira & Assis, 2010), uma mera hipótese, uma vez que, quando a igreja sofreu obras em 2006, os arqueólogos não encontraram as origens da capela antiga como se previu, o que nos leva a crer que a fundação e algumas paredes possam ter sido aproveitadas para esta nova igreja. (Ferreira & Assis, 2010)

No interior deste templo podemos observar que os,

«(...) alçados se encontram dinamizados pelas pilastras que assim definem os diferentes panos murários, modificando composições formadas por porta, janela de sacada e óculo, com os retábulos laterais de talha dourada e policroma executados em 1771» (Pereira, 1995, p. 114).

A talha desta igreja foi feita a duas mãos por frei José Vilaça, que tinha renome a nível nacional, e que é o autor do retábulo da capela-mor, e pelo bracarense André da Cunha, este autor sendo mais conhecido a nível regional, e que foi quem executou os dois altares laterais, também eles de uma qualidade única (Ferreira & Assis, 2010).

A talha da igreja da Lapa é considerada única e extraordinária, é de um rococó completamente diferente de tudo aquilo que era feito na altura. O desenho que ali nos é apresentado é único e aquilo que mais sobressai é a banquetta do altar (Figura 4), torneada, em estilo e em consola francesa, quando as que são da mesma época são a direito (Afonso L. , Fantástica talha da Lapa feita pelos melhores da época, 2010).



Figura 4- Altar-mor da Igreja da Lapa (Autor: Adelaide Rouceiro)

O trono desta igreja (Figura 4) é descrito como sendo simples e ao mesmo tempo muito imponente, com especial destaque para o resplendor que abre e que acaba por rematar o trono, este trono é composto por terminações sobrepostas, que são a representação da escada do céu, para a glória de Deus (Afonso L. , Fantástica talha da Lapa feita pelos melhores da época, 2010).

Como referi anteriormente a talha deste templo é considerada única. Existem alguns pormenores que fazem a diferença em relação aos altares daquela época, como por exemplo a quase ausência de anjos, cachos de uvas, pássaros e folhas de acanto próprios do estilo anterior, o «estilo nacional». Tudo indica que o pretendido era um «Altar á moderna» (Afonso L. , Fantástica talha da Lapa feita pelos melhores da época, 2010).

Esta igreja é considerada por alguns investigadores como sendo a mais brilhante da vila, quer ao nível da talha, quer ao nível da arquitetura.

Cronologia da Igreja da Lapa	
Data	Acontecimento
seculo XVI	Composição da Freguesia de Salvador.
Século XVIII	
1758	Chegada do Padre Ângelo Sequeira á vila de Arcos de Valdevez, trazia consigo a imagem de Nossa Senhora da Lapa, que acabou por expor na capala de São Braz.
30-06-1758	Ergue-se a 1ª confraria; e o seu 1º presidente é Alexandre António de Brito Brandão.
09-06-1758	Prevê-se que o Padre Ângelo Sequeira e os devotos de Nossa Senhora da Lapa ergam uma confraria.
20-01-1760	Confirmação dos estatutos da confraria de Nossa Senhora da Lapa.
1761	Feitura dos retábulos das capelas colaterais e outras talhas.
1-11-1763	Bênção do altar para dizer a missa.
11-11-1763	Provisão de licença a favor dos irmãos da confraria de Nossa Senhora da Lapa, para que se pudessem dizer missa num dos altares colaterais e colocar a imagem da Virgem Mãe; os irmãos tinham feito e acabado o cerco principal da capela nova dedicada à mesma Senhora.
19-02-1764	Bênção da capela; conclusão da capela-mor e corpo da mesma capela, dos altares colaterais e de todas as tribunas; aquisição de todos os ornatos necessários para o sacrário.
1767	Visita de um representante do arcebispo de Braga; a capela-mor estava concluída; renovação dos templos de Arcos de Valdevez, sobretudo desta igreja.
21-03-1768	Autorização para colocar confessionários, na forma das pastorais, feitos de madeira.
08-03-1769	Contrato de execução do retábulo-mor assinado por Lourenço José Coelho, em nome de Luís Manuel da Silva e de seu pai Jacinto da Silva, André António da Cunha (morador em Chãos de Baixo), mestre a que caberia definir o risco e execução do dito retábulo, pelo valor de 500\$000 rs.
13-03-1769	Contrato com o escultor bracarense André António da Cunha e para a execução do retábulo, tribuna e camarim do altar-mor, tendo este dado como prazo de entrega o mês de setembro de 1770; se não cumprisse seriam abatidos 50\$000 rs ao valor acordado, cujo pagamento seria parcelar: no primeiro receberia 150\$000 rs, os três seguintes seriam pagos quando o próprio entendesse ser oportuno, ficando para o último pagamento 100\$000 rs, pagos depois do trabalho ser apreciado por outros dois mestres.
22-12-1770	André António da Cunha, Jacinto da Silva e Luís Manuel da Silva, assinaram uma procuração para a escritura do contrato dos retábulos para as duas capelas colaterais, incluindo a grade do coro, recebendo o primeiro 268\$000 rs, que deveriam ser pagos pelos outros dois; execução do retábulo da capela-mor.
1771	Feitura do retábulo da nave.
1-02-1771	Contrato com André António da Cunha, para execução de dois retábulos para as duas capelas colaterais, até ao mês de junho de 1772, e as grades do coro de madeira, até ao mês de maio no valor de 270\$000 rs, em parcelas, a primeira após assinatura da escritura, no valor de 100\$000 rs, a segunda quando o mestre pedisse e a terceira quando a obra estivesse concluída e fosse revista; neste orçamento não se incluíam os ferros e a madeira, pagos pela confraria.
06-09-1774	Escritura, no tabelião Joaquim Inácio Coelho, no valor de 350\$000 rs, para pintar e dourar a capela de Nossa Senhora da Lapa, atribuída ao pintor, de Vila Nova de Famalicão, Luís Pinheiro de Azevedo Lobo.
06-04-1775	Contrato com o pintor Luís Pinheiro, de Vila Nova de Famalicão, a fim de que este procedesse à pintura e douramento da capela de Nossa Senhora da Lapa e, outra obra, para a qual não foi elaborada escritura, pelo valor de 40\$000 rs, pagos pela Confraria, incluindo quatro portadas da capela que o pintor pintou.
25-11-1775	Contrato com Luís Pinheiro de Azevedo Lobo, para dourar os altares colaterais, as grades do coro e mais quatro grades do corpo da capela, devendo, ainda, ser pintados o caixão da sacristia, duas portas e a cornija da mesma para parecerem de madeira e, igualmente as quatro portas da capela e da capela-mor, o arco de pedra da capela-mor que, devia ser de mármore azul e faixas de ouro, pelo valor de 308\$800 rs, dos quais 28\$800 rs seriam pagos de imediato pela confraria, além de 140\$000 rs que, o tesoureiro, José Teodoro da Costa Pereira, lhe pagou, restando outros 140\$000 rs que seriam pagos após a conclusão e revisão das obras.
1833	O juiz de fora de Arcos de Valdevez, Francisco José de Azevedo Lemos instituiu a confraria de Nossa Senhora da Conceição.

Tabela 1-Elaboração própria com base nos dados do SIPA disponíveis em [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193)

#### **4.5 A festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa antes da sua interrupção**

Como já referimos anteriormente, faltam estudos sobre esta festa. Por essa razão entendemos que seria uma estratégia de investigação adequada a da pesquisa de notícias publicadas nos jornais locais. Infelizmente, os constrangimentos provocados pela pandemia atual não nos permitiram usar presencialmente os recursos existentes, mas apenas os disponibilizados pela Hemeroteca Digital de Arcos de Valdevez (<http://memoriaarcuense.cmav.pt/hemeroteca>), recursos esses que exploramos o mais sistemática e completamente possível.

A notícia mais antiga de que temos conhecimento relativa à festa de Nossa Senhora da Lapa refere-se a 1872. A 20 de julho de 1941 o jornal Notícias dos Arcos publicou uma peça com o título «O Concelho dos Arcos há 69 anos» e com o subtítulo «Domingo 7 de Agosto de 1872», reproduzindo uma notícia publicada nesse ano,

«Festa da Lapa- esteve brilhante e concorrida a festividade de N<sup>a</sup> Senhora da Lapa, no Domingo passado, merecendo a comissão dos festejos os devidos louvores pela agradável diversão que na véspera proporcionou aos apaixonados destas festas um grande arraial. A iluminação era dum lindo efeito, o fogo muito e variado, e as músicas do Couto e a nova de Ponte de Lima não desmentiram os seus créditos. Para o ano futuro manter o mesmo esplendor, nomeadamente uma comissão composta dos senhores: Félix Joaquim Carlos de Andrade, José da Rocha Sampaulo, Manuel Berto Fernandes da Rocha, Bernardino da Silva Sarmiento Soares e Diogo José Cerqueira Dantas.» (Sem Autor, Notícias dos Arcos, 20 de julho de 1941).

Cândido Gomes revela alguns factos relativos a formas de devoção que se praticavam na vila relativamente a Nossa Senhora da Lapa. Assim, era hábito na vila, quando uma mulher casada estava com as dores do parto e este era lento ou doloroso, o marido ir dar nove badaladas no sino da igreja de Nossa Senhora da Lapa (Gomes, p.72).

Só voltamos a encontrar notícias anunciando ou reportando estas festas a partir de **1945**.

Assim, o Notícias dos Arcos, a 5 de agosto de 1945, dá-nos várias informações importantes:

-No ano anterior, 1944, o concelho havia sido solenemente consagrado a Nossa Senhora da Lapa;

- Não se esperava que em 1945 se realizassem estas festas que se tornaram possíveis por se formar uma comissão entre os Bombeiros Voluntários que A tinham como padroeira;

- A 5 de agosto de 1945, esta notícia anuncia as festas para setembro, mas ainda não se sabia qual a sua data exacta que se prometia divulgar no número seguinte do jornal.

E, com efeito, a 19 de agosto de 1945, este jornal divulga que as festas se realizariam a 15 e 16 de setembro e que a comissão de bombeiros havia constituído uma comissão organizadora exclusivamente constituída por «meninas».

A 23 de setembro de 1945, o Notícias dos Arcos divulga a constituição da comissão organizadora das festas para o ano seguinte, 1946, desta vez exclusivamente constituída por homens.

A 14 de Julho de **1946**, o Notícias dos Arcos anuncia as festas para os dias 10 e 11 de agosto. Note-se que, portanto, a data para esta festa não era fixa nem estável: em 1945 realizou-se nos dias 15 e 16 de setembro e em 1946 realizar-se-ia nos dias 10 e 11 de agosto. O jornalista indica também quais os «ingredientes» e atractivos da festa,

*«(...) os nossos arraiais minhotos, as iluminações, as ornamentações, os nossos bailados as nossas danças e descantes são incomparavelmente belos, são inimitáveis»* (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1946, p.3).

e faz um apelo às gentes da vila,

*«Embandeirai e iluminai as vossas casas»* (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1946, p.3).

A 28 de Julho de 1946, no mesmo jornal comunica-se que,

*«(...) a respectiva Comissão Festeira tenciona deslocar para o Campo Trasladário o arraial de sábado (...）」* (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1946, p. 2).

decisão da qual o jornalista discorda, assim encetando uma discussão - entre outras que se seguirão ao longo dos anos - sobre «tradição»,

*«(...) Se, porém, tal acontecesse e viesse a adotar-se idêntica solução para outros arraiais, lá se nos ia de todo o valor inerente à tradição (...）」* (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1946, p.2).

No ano seguinte, **1947**, a 3 de agosto, é a vez de A Vanguarda publicitar não as festas de Nossa Senhora da Lapa, mas as «*Feiras francas em Arcos de Valdevez*», comentando as festas do concelho nos seguintes termos,

*«(...) Vão, pois, realizar-se as festas do concelho, as quais havia tantos anos estavam sepultadas no túmulo do esquecimento. (...)»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1947, p.3).

Este comentário parece implicar que, aos olhos deste jornalista, havia uma diferença entre as festas de Nossa Senhora da Lapa (que, como vimos, se realizaram nos anos de 1945 e de 1946) e as «festas do concelho». Este comentário parece indicar que se trata de dois conceitos diferentes: «festas de Nossa Senhora da Lapa», por um lado, e «festas do concelho», por outro. Estas duas denominações estariam ligadas a diferenças de posicionamento político destes jornais? Em 1945 e 1946, no jornal Notícias dos Arcos escreve-se sobre as «festas de Nossa Senhora da Lapa», enquanto em 1947, o jornal A Vanguarda escreve sobre «Festas e Feiras Francas do Concelho de Arcos de Valdevez». O jornalista d' A Vanguarda explica ainda o seguinte,

*«(...) Segundo o nosso modo de ver, é mais sugestivo êste titulo, do que o de: Festas do Concelho. E a razão é esta: - Às Feiras francas com festas, é mais fácil poder ir: nas festas com Feiras Francas, vai o dinheiro e torna a vir.*

*É que às feiras com festas, o nosso povo, principalmente o povo das nossas aldeias acorre com mais entusiasmo, porque vende e compra a gozar: às festas simplesmente, muita gente deixa de ir. A filha mete a mãe por intermediária para o pai dar licença, o que muitas vezes não consegue (...) Mas para ir às feiras francas já a dificuldade diminui porque vai levar qualquer coisa de que pode fazer dinheiro. Por isso estão de parabéns os que alvitram as feiras francas nas festas do concelho.*

*Sim, teremos aqui os regatões e apreciadores do bom gado bovino, suíno, cavalari e porcino, os quais se deslocam de longes terras. Haja em vista o que se passa com as imponentes feiras novas de Ponte de Lima, aonde afluí gente de terras bem afastadas.*

*As festas do concelho são sempre caracterizadas por um sentido local o que já não acontece com as feiras principais do ano. Oxalá que as feiras francas dos Arcos, com as suas festas, principiém em boa hora e que o nosso Município, num*

*bem compreendido bairrismo e para um aliciente estímulo da nossa lavoura, inaugure e vinque bem o dia das Feiras Francas, de tal modo que elas não venham a deixar êste mundo só com 3 dias de idade, como tem acontecido a tantas obras e empreendimentos de variadas feições, que quasi desapareceram ao nascer. Se em todos os anos elas não poderem ser as deste ano, façam-nas mais modestas, porque é melhor assim do que as não fazer. (...)*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1947, p.3).

Sublinhamos a referência e valor de bom exemplo atribuído às feiras novas de Ponte de Lima.

Ainda relativamente ao interesse de associar uma feira franca às «festas do concelho» (este jornalista nunca se refere às festas de Nossa Senhora da Lapa), sublinha,

*«(...) Vão inaugurar-se as feiras francas que vão ser as mensageiras de uma nova era de bairrismo e progresso para a vila e para todo o concelho.*

*Aqui veremos representada a indústria caseira com os seus lindos tecidos de côres cambiantes e caprichosos desenhos. E nisto leva a palma a todas, a freguesia de Távora, onde a tecelagem se exerce em larga escala e muito mais se desenvolveria se tivéssemos acarinhado aquela arte com estímulo dum prémio anualmente distribuído à tecelôa ou tecedeira que melhor trabalho apresentasse. Lá se confeccionam cobertas, toalhas, tapetes, com policromos relevos que prendem a atenção de quem-quer-que-seja.*

*(...) de cuja inauguração nos vai dar a honra o supremo magistrado do Distrito, o Snr. Governador Civil (...)*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1947, p. 4).

Quanto à data das festas continuamos a verificar que não lhes estavam associadas a datas fixas,

*«(...) inicialmente marcadas para 1, 2 e 3 do corrente [Agosto]. Porém circunstâncias ponderáveis, certamente, levaram as Ex.mas Comissões a transferi-las para 29, 30 e 31 de Agosto, precisamente o último domingo em que invariavelmente se realiza a festa estatutária da Senhora dos Remédios, estamos disso bem informados. Por isso a ninguém poderá passar pela mente que as festas da Senhora dos Remédios propositadamente se ligaram às do concelho. (...)*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1947, p. 4).

A Vanguarda publica ainda o Programa Geral para 1947,

*«Programa Geral*

*Dia 29: (sexta-feira)*

*Às 6:30 h. – Alvorada com salva de morteiros, banda de música «Zés P'reiras» e repiques de sinos em todas as igrejas da vila.*

*Às 9 h. – Hasteamento, no edifício da Câmara Municipal da Bandeira do Concelho.*

*Fará a guarda de honra uma formação do corpo activo dos Bombeiros Voluntários, que se fará acompanhar da sua banda de música.*

*Às 10 h. – Inauguração da FEIRA FRANCA por entidades oficiais, assistidas do Senhor Presidente da Câmara e respectiva Vereação.*

*Às 15 h – Início do Concurso Pecuário com 3 valiosos prémios aos melhores exemplares de gado bovino, cavalar e porcino.*

*À noite – Atraente Festival, Concertos Musicais, Magnífica sessão de fogo de artifício.*

*Dia 30 (Sábado)*

*Às 6:30 h.- Alvorada com as mesmas demonstrações do dia anterior. GRANDE FEIRA FRANCA.*

*Às 14 h. – Concurso agrícola organizado pelo Grémio da Lavoura local, com distribuição de valiosos prémios aos melhores produtos regionais que se apresentem no recinto da feira.*

*À noite- Atraente festival, concertos Musicais, Magnífica Sessão de Fogo de Artifício.*

*- Haverá estrado reservado para dança.*

*Dia 31 (Domingo)*

*Às 6:30 h.- Alvorada, idêntica a dos dias procedentes.*

*Às 10 h.- Concurso de janelas e varandas ornamentadas com 3 prémios para as mais artísticas.*

*Às 14 h.- Início do Torneio de Tiros aos Pombos com 8 valiosos prémios e 2 taças.*

*Às 23 h.- Marcha de Ranchos Populares com 1 prémio.*

*Surpreendente Festival*

*Novos concertos musicais*

*Sessão de fogo preso e do ar*

*Que rematará por um lindíssimo «bouquet»*

///

*Durante os dias festivos 5 Escolhidas bandas de música, tocarão no recinto principal das Festas e em coretos colocados em várias ruas da vila.*

*GIGANTONES E CABEÇUDOS*

*Vistasas ornamentações e deslumbrantes iluminações no edifício dos Paços do Concelho, Campo Trasladário, Ponte e Ínsua do Vez.*

*No decorrer das 3 noites de festival subirão ao ar aeróstatos luminosos»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1947, p. 3).

No ano seguinte, **1948**, novamente A Vanguarda publicita as «Festas e Feiras Francas do Concelho» que se realizariam a 27, 28 e 29 de agosto. Os membros da comissão de festas eram «(...) *nomes sobejamente conhecidos do nosso meio comercial (...)*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1948, p.1), o programa muito semelhante ao do ano anterior, mas suprimindo o «*Concurso de janelas e varandas ornamentadas*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1947, p.3) e o «*Torneio de Tiros aos Pombos*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1947, p.3). Não há nem uma referência a Nossa Senhora da Lapa, antes, de modo bem diferente, se associam às «festas do concelho» as «festas do Mártir São Sebastião»,

*«(...) as nossas festas, as festas do concelho, não podiam cair novamente em tumular silêncio em que jazeram até ao ano transacto.*

*(...) vai ter lugar aquando estas festas a antiquíssima festa religiosa do Mártir S. Sebastião de grande devoção entre os arcuenses a qual rematará com uma vistosa e imponente procissão que desfilará pelas ruas do costume no último domingo de Agosto.*

*(...) fica resolvido e definitivamente assente que de futuro as festas do Mártir S. Sebastião se hão de realizar nas festas do concelho. (...)*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1948, p.1).

A 11 de julho, A Vanguarda reporta o facto de que,

*«(...) Já está organizada a comissão das festas religiosas do Mártir S. Sebastião para 29 [de Agosto] (...)*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1948, p. 1).

e assinala:

«(...) É que a projecção das festas dos Arcos não fica dentro dos limites de um lugar ou duma freguesia; vai a todos os recantos do concelho. (...)» (Sem Autor, A Vanguarda, 1948, p. 1).

A 8 de agosto, A Vanguarda esclarece que,

«(...) Integradas nas festas do concelho, a que nos vimos referindo na «Vanguarda», realizam-se as tradicionais festas do Mártir S. Sebastião de S. Paio desta vila, de tanta devoção dos arcuenses. (...)

A comissão das festas religiosas, distinta da comissão das festas profanas (...) desta festa vai destacar-se a procissão pelas ruas do costume, indo á Valeta (...) Anjinhos e dezenas de figuras simbólicas (...) Em 15 andores, delicadamente ornamentados, serão levados outras tantas belas e formosas imagens. (...)

Alto-falantes, transmitirão da igreja paroquial o sermão, por um distinto orador sacro, e as cerimónias religiosas.

(...) Nos dias anteriores, haverá na igreja da freguesia, vários actos de culto e devoção ao Mártir» (Sem Autor, A Vanguarda, 1948, p. 1).

No dia 22 de agosto, A Vanguarda promete,

«(...) Na igreja da freguesia da vila - S. Paio – far-se-á ouvir o Ver. P. Paulo Marcelino da Conceição, grande orador sacro e notável escritor do Porto. (...)» (Sem Autor, A Vanguarda, 1948, p. 1).

e:

«(...) Princesa do Vez que ora vai a receber dentro das suas portas, com a mais requintada fidalguia, milhares e milhares de hóspedes e forasteiros. (...)» (Sem Autor, A Vanguarda, 1948, p. 1).

No ano seguinte, **1949**, a 24 de julho, A Vanguarda divulga as datas das «festas do concelho», mais uma vez sem qualquer alusão a Nossa Senhora da Lapa, que se realizariam a 26, 27 e 28 de agosto. A Vanguarda assinala ainda os esforços da comissão organizadora ao nível concelhio,

«(...) A comissão continua, com todo o ardor e entusiasmo, a percorrer as aldeias, para quem as festas são também

Os ranchos populares prosseguem nos seus ensaios e cuidadosamente afinam as cordas das violas e cavaquinhos e as cantadeiras perfilam-se para as cantigas ao desafio» (Sem Autor, A Vanguarda, 1949, p.1).

A 21 de agosto divulga-se a procissão e o programa das festas do concelho, muito semelhante ao dos anos anteriores, esclarecendo-se, relativamente às «Festas do Mártir S. Sebastião» que,

*«A comissão destas festas, inteiramente distintas das Festas do Concelho, promete levar a feito na tarde de 28, uma majestosa procissão pelas principais ruas da vila»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1949, p. 1).

A 4 de setembro reporta-se o que efectivamente ocorreu e esclarecendo qual o percurso seguido pela procissão,

**«As Festas do Concelho revestiram-se de toda a grandiosidade**

***A procissão do Mártir S. Sebastião atraiu à vila milhares de pessoas***

***Festas de Mártir S. Sebastião***

*As festas do Mártir da igreja da Vila- S. Paio, foram singularmente esplendorosas. Tomaram parte sete sacerdotes, tendo feito a apologia do Santo o Ver. P. Manuel Barbosa de Castro, pároco da Vila da Barca.*

*A procissão, que desfilou pelas principais ruas da Vila às 18 horas, foi duma surpreendente beleza.*

*la constituída por 20 andores, 126 anjinhos e figuras alegóricas, duas bandas de música, Arcuense e a de Freamunde, Bombeiros Voluntários, Asilo Cerqueira-Gomes, Confrarias locais e duas freguesias vizinhas, corporações, etc.*

*As ricas colgaduras de delicados tecidos e mimosas cores, drapejando ao vento que, de vez em quando se fazia sentir, davam às Ruas: Teixeira de Queirós, Amorim Soares, Cerqueira Gomes, Valeta de Cima, Largo da Valeta de Cima, Soares Pereira e Largo da Lapa*

*Terminou com a bênção de Santo Lenho. E o brilhantismo, grandiosidade e importância das festas do Mártir, deve-se aos Srs.: Fernando Carvalhosa de Freitas, estimado comerciante e Presidente da Junta de freguesia, e Eugénio de Abreu Vasconcelos, hábil Furriel- enfermeiro no hospital Militar do Porto, cujas fotografias publicamos, e Miguel Gonçalves Araújo»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1949, pp. 1- 2).

Em 1950, a 25 de junho, A Vanguarda divulga a constituição da comissão de festas. O mesmo jornal, a 23 de julho, indica as datas das festas de Arcos de Valdevez, 25, 26 e 27 de Agosto, comentando o perfil dos membros da comissão de festas,

*«(...) os homens que, de comum acôrdo e de pensamento homogénio, mui dignamente representam o Grémio do Comércio, entidade a quem há três anos, acertadamente, foi confiada a realização destas festas.» (Sem Autor, A Vanguarda, 1950, p. 1).*

Este jornalista dedica uma parte do seu artigo ao subtítulo «**O nosso folclore**», tecendo comentários sobre os trajes envergados em anos anteriores e dando orientações sobre o assunto, pretendendo fixar «tradições» de trajar para homens e para «as raparigas» dos Arcos, diferenciadas do traje à vianesa,

*«(...) Também temos o nosso folclore. Porém, nos anos transactos, a indumentária que alguns grupos trajavam, é absolutamente condenável. Alguns elementos maltrapilhos, davam a ideia do carnaval.*

*Para os homens, esteve muito em uso entre nós o chapéu de aba larga e copa baixa – ainda hoje é usado por muitos lavradores – a carapuça ou barrete preto ou verde, e a camisa de linho com canhão e calça apertada com bôca de sino. Para as raparigas, também devia haver uniformidade. Entre nós, a indumentária fina da componêsa, era saia de baeta preta com farta roda e barra de veludo ao fundo, jaqueta de veludo, bordada a vidrilhos, lenço de seda branco na cabeça e chinela à ponta do pé com meia branca feita de croché.*

*Para grupos que se apresentem, não há indumentária mais típica, Se nós temos trajes antigos tão interessantes, para quê ir buscar o traje à vianesa ou uma amálgama que destoa, sem graça nenhuma?*

*Senhores grupos: - vão-se organizando, façam os seus ensaios e apresentem-se bem, sem qualquer tom carnavalesco.» (Sem Autor, A Vanguarda, 1950, p. 1).*

A 6 de Agosto, A Vanguarda divulga o programa das «GRANDIOSAS FESTAS DO CONCELHO», muito semelhante ao dos anos anteriores.

A reportagem de A Vanguarda sobre as festas, publicada a 3 de setembro, dá realce aos sucessos,

*«As festas religiosas do Mártir foram um poderoso motivo de atração dos crentes.*

*A procissão realizada em 27, prendeu a atenção dos milhares de forasteiros que nela se incorporaram e se apinhavam ao longo do percurso. Tomaram parte activa naquele extenso e vistoso cortejo religioso quatrocentas pessoas que se*

*conduziram sempre na mais respeitosa atitude. Foram bandeiras e cruces, que não contamos, eram vinte e dois lindos andores, setenta e dois anjinhos, etc.*

*Abriram alas no meio da massa compacta do povo duas patrulhas da G.N.R. sob as ordens do 2.º sargento sr. Figueiredo e a Polícia de Segurança Pública.*

*A corporação dos nossos Bombeiros, ia comandada pelo Adjunto do sr. Comandante, sr. Amândio da Rocha. Sob o pálio ia o sr. Arcipreste do concelho, Rve.o P.e Brito Dantas. que se fazia acolitar pelo Rev.o P.e de S. Jorge, Manuel Alves e de Paçô, Cesário de Miranda.*

*O orador foi o Rev.o P.e Manuel Fernandes de Sá, ilustre filho deste concelho e pároco em Entre-os-Rios, Ponte da Barca» (Sem Autor, A Vanguarda, 1950, pp. 1-4) mas começa também a desvendar dificuldades, dificuldades que se agravarão em anos seguintes, como veremos:*

*«Comissão das Festas do Concelho constituída pelos sr.s: J. A. Leitão, José Joaquim Crespo, António Pereira Barbosa, Aurélio Alves, Rogério Soares de Azevedo, Manuel Alves Rebola, Joaquim Gonçalves e Fernando Barbosa Lobo e a do Mártir S. Sebastião, composta pelos sr.s.: António Fernandes Rodrigues, Miguel Fernandes de Araújo, Firmino José Cerqueira, Joaquim de Abreu, António José de Barros, Manuel Gomes e Abílio Afonso Pereira.*

*Foi pena não ter havido verba para engalanar as ruas desde Conselheiro Pedro de Brito até ao Quartel do Bombeiros, onde foi colocado um lindo arco.*

*Devemos, porém dizer, à laia de comentário, que as Comissões reúnem, resolvem e agem sem receio da crítica acerada a que o nosso meio é atreito.*

*Muitos fogem a estas realizações só com medo do que os outros dirão depois.*

*Os críticos derrotistas são os que nada fazem, nem querem que os outros façam. Comissões há que, só porque os criticaram, juram não mais entrar em tais iniciativas. E é assim como certos empreendimentos da nossa terra, mui dignos de louvor, morrem ao nascer.» (Sem Autor, A Vanguarda, 1950, pp. 1-4).*

Para o ano de **1951** só dispomos de uma notícia, anterior à realização das festas. Assim, a 8 de julho, A Vanguarda anuncia as festas do concelho para «*De treze a quinze do corrente [ano de 1951? mês de julho?] (...)*» (Sem Autor, A Vanguarda, 1951, p. 2).

Não sabemos, portanto, como decorreram as «festas do concelho» e se foram associadas à «festa do Mártir São Sebastião» que tanto sucesso tivera no ano anterior, 1950.

A partir de **1952** reportam-se com frequência dificuldades e insucessos. Assim, a 6 de julho, A Vanguarda comenta,

*«A Comissão que tem o difícil encargo de levar a efeito as festas do concelho, não tem sido recebida como era para desejar.*

*É certo que toda a gente se vê a braços com ingentes dificuldades financeiras na hora grave que passa para todos, m̀ormente para o comércio, que se encontra por demais paralizado, mas também é certo que as festas do concelho não devem deixar de se fazer, ainda que não atinjam aquele esplendor dos anos transactos»*  
(Sem Autor, A Vanguarda, 1952, p. 1).

Reporta-se também a organização de eventos para angariação de fundos,

*«Ontem realizou-se no Jardim dos Centenários um arraial Minhoto e hoje no Campo do Trasladário uma gincana de automóveis, cujo produto reverte em favor das festas»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1952, p. 1).

A 20 de Julho o mesmo jornal apresenta o programa das festas, a realizarem-se a 29, 30 e 31 de agosto, programa muito semelhante ao dos anos anteriores, retomando o,

*«(...) concurso das janelas e varandas, sendo distribuídos três prémios (...)»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1952, p. 1)

e incluindo,

*«(...) concurso de estúrdias populares, vindas de todas as freguesias do concelho, nas quais serão distinguidos, com interessantes prémios, os melhores tocadores, cantadores e cantadeiras (...)»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1952, p. 1).

e uma novidade adaptada aos tempos,

*«Um dos números de grande atracção, vai ser a corrida de bicicletas motorizadas, numa prova de competição entre os motores Alpino e Cucciolo»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1952, p. 1).

Este jornal dá também a conhecer donativos,

*«Recebeu [a Comissão de Festas] dos srs. Álvaro José da Cunha e António Fernandes, 25 e 15 dólares, respectivamente»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1952, p. 1).

O que se torna muito claro é que, a partir de 1952, não só continua a não haver qualquer referência a festas em honra de Nossa Senhora da Lapa como deixa de haver qualquer menção às «festas do Mártir São Sebastião».

Em **1953**, as festas realizaram-se a 28, 29 e 30 de agosto. A 30 de Agosto, A Vanguarda reportava,

*«(...) A vila está pejada, literalmente cheia de forasteiros. (...)»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1953, p. 1).

A 13 de setembro, o mesmo jornal avaliando o que ocorrera conclui,

*«(...) Arcuenses e forasteiros viveram horas de satisfação e encantamento, empolgados pela grandiosidade dos festejos, em que a música, o fogo e demais atractivos contribuíram grandemente para a imponência e êxito das nossas romarias, que, a continuarem, serão, num futuro mais ao menos próximo, conhecidíssimas e vinculadamente tradicionais. (...)»* (Sem Autor, A Vanguarda, 1953, pp. 1-4).

Sublinhamos a conclusão: *«vinculadamente tradicionais»*.

Em **1954**, a 22 de agosto, o Notícias dos Arcos dá notícia do andamento dos preparativos das «Festas do Concelho» de acordo com um programa semelhante ao dos anos anteriores,

*«(...) Passado que foi este período de angustiante expectativa da anunciada «invasão pacífica» dos nossos territórios de Goa e Dio, trabalha-se agora afinadamente para que as Festas do Concelho deste ano se revistam da maior luminosidade e esplendor. (...)»* (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1954, p. 6).

Esta notícia deixa transparecer dificuldades,

*«(...) A razão e o bairrismo hão-de levar de vencida a comodidade da indiferença e não faltará quem deseje assumir a responsabilidade de lhes assegurar briosamente a continuidade (...)»* (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1954, p. 6).

Apesar disso, a 27 de agosto, primeiro dia das «Festas e Feiras Francas do Concelho», o mesmo jornal, divulgando a composição da Comissão de Festas, concluía,

*«(...) De ano para ano tem aumentado gradualmente a fama destas importantes festividades e (bairrismo à parte) pode afirmar-se que elas são hoje das mais importantes da região minhota.*

*É cada vez maior a afluência de forasteiros, crescem as divisões, aumentam os números, engrandecem-se as ornamentações, procuram criar-se-lhes um ambiente característico, imprimindo-lhes uma ligação mais acentuada com o factor rio.*

*A Serenata do Vez, pela sua grandeza e originalidade, está destinada a ser a mais acarinhada e sensacional atracção das Festas, um número que, por si só, será suficiente para lhes insuflar uma vida e magnificência que funcionem como chamariz garantindo de inúmeros visitantes. (...) e não há dúvida que à volta dele deve girar o restante entrecho festivo, enraizando-o profunda e eficientemente no ânimo dos comissionistas e assistentes (...)» (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1954, pp. 1- 6).*

A 19 de setembro o mesmo jornal reflectia ainda sobre a atractividade das festas e do concelho,

*«(...) O povo acorreu de todos os pontos do País, e até da vizinha Espanha, a visitar Arcos de Valdevez.*

*(...) Os arredores como as Padrosas e Fonte da Pérgula, o Tournal, a Volta da Lamela, o Paço de Giela e outros locais, foram muito visitados por turistas ávidos de motivos pitorescos. (...)» (Sem Autor, Noticias dos Arcos, 1954, p. 1).*

Em **1955**, segundo A Vanguarda as festas correram mal em múltiplos aspetos e, ainda para mais diminuiu a atratividade, ao que se acrescentaram dificuldades de alojamento e de restauração,

*«(...) Sobre as Festas haveria muito a dizer: muito de bom e muito de mau. (...) Decorrem menos animadas, e bastante menos concorridas as nossas festas. Deve ter influído nesses factores a crise económica da população rústica, a depressão financeira do nosso comércio – a base da vida burguesa - e, essencialmente, de alojamentos em nível relativo à categoria dos visitantes que nos passam durante esta quadra. O encerramento do Hotel Ribeira desempenhou aqui um papel relevante: urge remediar os três males, mas o último, principalmente, está na mão dos arcuenses. Oxalá no próximo ano o Hotel funcione, o Bar Restaurante, que o nosso dedicado arcuense e bairrista Francisco Cerqueira (o Venezuela) pensa instalar no edifício adquirido no Campo Trasladário, também, já esteja em*

*laboração, a Pensão Emília possa manter o ritmo deste ano (e Deus queira até que aumente: a Julinha é merecedora de tudo), e as «casas de pasto» consigam alojamentos provisórios para os forasteiros. Faça-se como em Viana: as casas particulares alugam aos Hotéis, Pensões e Restaurantes, os quartos mobilados disponíveis. (...)» (Sem Autor, A Vanguarda, 1955, pp. 1- 3).*

Em **1956**, este mesmo jornal, A Vanguarda avalia muito positivamente o trabalho da Comissão de festas e o decurso da «Festa e Feiras Francas do Concelho,

*«(...) Estão de parabéns os membros da Comissão (...). De um modo geral, este ano, as “Festa e Feiras Francas” foram bastantes superiores as do ano transacto. Melhores ornamentações, óptima disposição dos abarcamentos e divertimentos, agradável colocação das músicas, lindíssimo aproveitamento da “Ínsua” a que o “Ínsula Bar” emprestou belos serviços.*

*(...) À noite, “O Carrocel d’Alegria” entreteve os seus admiradores no reservado da Ínsua. Nós não somos muito da opinião que se tragam destas “Companhias” para as nossas características “Festas” regionais. Com a despesa que lhe esteve inerente, talvez, fosse possível organizar um desfile folclórico, entre as freguesias deste concelho, dando continuidade àquele certamen que há anos deslumbrou os arcuenses e foi um dos números que deu maior admiração as festas. (...)» (Sem Autor, A Vanguarda, 1956, pp. 1- 4).*

Em 1957, a 11 de agosto, A Vanguarda reportava,

*«(...) Chovem-nos de todos os recantos os pedidos de informação sobre as Festas, a efectuar em Agosto do corrente repostas na tradição (interrompida havia anos) pela Câmara de 1946, de cuja comissão foi presidente o ex-vereador Sr. António Pereira Barbosa. Esta comissão entregou-as ao Grémio do Comércio que as estava a realizar com raro brilho.*

*O sr. Presidente da Câmara entendeu retirá-las daquele e constituir as comissões com pessoal da sua confiança. E muito bem. Assim se vem praticando desde há pelo menos 5 anos.*

*Este ano o Sr. Presidente resolveu não constituir a dita Comissão, por se lhe negarem todos os elementos que procurou, apesar de lhe continuarem a merecer a confiança vários cavalheiros desta vila – com capacidade para a efectivarem. (...)» (Sem Autor, A Vanguarda, 1957, p. 4).*

Não encontramos mais notícias sobre as «Festas e Feiras Francas do Concelho». A partir de 1957, não há mais «Festas e Feiras Francas do Concelho» de Arcos de Valdevez Com esta resolução do então Presidente da Câmara assim parecem ter acabado.

\*

Há alguns aspectos de entre o que temos vindo a reportar que merecem ser sublinhados.

Até 1946 as «Festas de Nossa Senhora da Lapa» não tinham data fixa.

A partir de 1947 os jornais arcuenses Noticias dos Arcos e A Vanguarda deixam de fazer qualquer referência a «Festas de Nossa Senhora da Lapa», passando a referir-se às «Festas e Feiras Francas do Concelho». Mais, entre 1948 e, pelo menos, 1950, às «Festas e Feiras Francas do Concelho» associa-se uma festa religiosa, sim, não a de Nossa Senhora da Lapa, mas a «Festa do Mártir S. Sebastião», tendo cada festa a sua comissão, isto é, parafraseando a nomenclatura usada nestes jornais, uma comissão para a festa profana, as «Festas e Feiras Francas do Concelho», e uma comissão para a festa religiosa, a «Festa do Mártir S. Sebastião».

Porque deixou de ser associada a «Festa de Nossa Senhora da Lapa» à «Festa do Concelho»? Não conseguimos apurar, o que quer dizer que é necessário abrir diferentes tentativas de investigação.

Porque é que, tendo-se associado às «Festas e Feiras Francas do Concelho» a «Festa do Mártir S. Sebastião», tendo esta tanta adesão e sucesso crescente, esta festa religiosa deixou de se realizar e de estar associada às «Festas e Feiras Francas do Concelho»? Não sabemos, o que mais uma vez, suscita a necessidade de pesquisas futuras.

A análise das datas de realização, dos programas, dos locais de festejos, dos circuitos, do que é reportado sobre o trajar, etc., tudo nos indica que se tratou de processos que, não estando fixados à partida, se procurava ir estabelecendo, fazendo-o tendo em vista uma ideia prévia do que era «tradição» e, frequentes vezes, procurando fixar o que se considerava próprio que fosse- sublinhamos, *fosse* - «tradição».

#### **4.6 2009: o retomar da festa de Nossa Senhora da Lapa**

Segundo o atual Arcipreste de Arcos de Valdevez, esta veneração dos arcuenses por Nossa Senhora da Lapa é muito forte e são-lhe feitas muitas promessas (Freitas, Igreja

da Lapa é o local de recolhimento e oração, 2010), sendo até considerada como uma segunda padroeira da vila, logo a seguir a São Bento, que é, de facto, o padroeiro.

A festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa, tal como a conhecemos atualmente, voltou a realizar-se em 2009; estas festividades passaram a integrar e a titular as festas do concelho com a designação «Festas em Honra de Nossa Senhora da Lapa», realizando-se em agosto.

Um dos principais impulsionadores da festa e romaria de Nossa Senhora da Lapa foi o Arcipreste de Arcos de Valdevez, Padre Aventino Freitas.

Desde o ano de 2009, estas «Festas em Honra de Nossa Senhora da Lapa» passaram a resultar do esforço conjunto do Arcipreste com a Câmara Municipal (Freitas, Igreja da Lapa é o local de recolhimento e oração,2010).

Assim, o Arcipreste passou a ter a seu cargo a organização das celebrações religiosas, encarregando-se este também da organização de tudo o que diz respeito à procissão, desde a entrada da banda de música, aos figurantes.

A parte profana das festas, que inclui uma Feira Franca, é da responsabilidade da Câmara Municipal e inclui o trabalho da «Folia - Associação de Festas e Animação Cultural de Arcos de Valdevez».

Para se ter uma ideia da estrutura das festas, incluímos aqui o seu Programa para 2019:

Festas de Nossa Senhora da Lapa 2019			
Data	Hora	Evento	Local
03/08/2019	22:00 H	The queen symphony hony	Anfiteatro Trasládario
04/08/2019	22:00 H	Festival Folclórico "Terras de Valdevez"	Anfiteatro Trasládario
	23:00 H	Conjunto Eclipse	Campo Trasládario
05/08/2019	21:30 H	31 aniversário da rádio Valdevez	Campo Trasládario
	22:00 H	Festival Folclórico "Terras de Valdevez"	Anfiteatro Trasládario
	23:59 H	Baile conjunto Microsom	Campo Trasládario
06/08/2019	22:00H	Festa do emigrante	Campo Trasládario
07/08/2019	20:00H	Funk you band	Campo Trasládario
	22:00H	Concerto de verão pela banda musical de Arcos de Valdevez	Anfiteatro Trasládario
	23:00H	Grupo Showband	Campo Trasládario
08/08/2019	16:00H	Concurso agrícola	Mercado Municipal
	20:00H	BJAZZ	Campo Trasládario
	22:30H	Baile Cortissom	Campo Trasládario
	23:00H	Expensive Soul	Anfiteatro Trasládario
09/08/2019	09:15H	Entrada do grupo de bombos	Praça Municipal
	21:00H	Cortejo Etnográfico	Eira das Tasquinhas
	22:30H	Cantares ao desafio	Campo Trasládario
	01:00H	Sessão de fogo de artifício	Praia Fluvial da Valeta
10/08/2019	09:00H	Entrada do Grupo de Bombos	Praça Municipal
	11:00H	23ª Batalha do grupo de bombos	Praça Municipal
	12:00H	Concentração do grupo de bombos	Largo da Lapa
	16:00H	Desfile do grupo de bombos	Largo da Lapa
	21:30H	Volta do vira encontros de concertinas Festas e rusgas	Campo da Feira
	22:00H	Festas e Rusgas	Anfiteatro Trasládario
	00:30H	Fogo de Artifício	Praia Fluvial da Valeta
11/08/2019	10:00H	Feira das Trocas e Baldrocas	Campo Trasládario
	11:00H	Eucaristia em Ação de Graça pelos Emigrantes	Igreja Matriz
	17:00H	Eucaristia em Honra de Nª Senhora da Lapa	Igreja da Lapa
	18:00H	Solene Procissão em Honra de Nª Senhora da Lapa	Igreja da Lapa
	22:30H	Festas do Rio com Barcos Alegóricos	Campo Trasládario

Tabela 2-Elaboração própria com base nos dados da Folia disponíveis em [https://folia.pt/folia\\_event/festas-n-sra-da-lapa-2019/](https://folia.pt/folia_event/festas-n-sra-da-lapa-2019/)

Em 2019, o início da procissão em honra de Nossa Senhora da Lapa foi marcado com o desfile da Banda Filarmónica de Arcos de Valdevez; logo de seguida, por volta das 17:00 horas, deu-se a chegada da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, que se dirigiu para os seus lugares, já reservados anteriormente, nas filas da frente.

Por volta das 18:00 horas, ocorreu a bênção com incenso e deu-se início à solene procissão em honra de Nossa Senhora da Lapa.

O seu percurso foi o seguinte: saiu do Largo da Lapa, dirigindo-se para a rua Soares Pereira, passando assim à porta do quartel dos Bombeiros Voluntários de Arcos de

Valdevez, que fizeram ouvir a sirene numa espécie de homenagem a Nossa Senhora, a caminho para o Campo Trasladário, subindo a rua Conselheiro Pedro Brito, passando à porta da igreja da Misericórdia e seguindo, depois, em direção à Rua Plácido de Abreu e, por fim, regressando ao Largo da Lapa, ou seja, ao ponto de partida.

Esta procissão foi organizada da seguinte forma: à frente saem quatro cavalos, logo de seguida vem a fanfara dos Bombeiros Voluntários de Arcos de Valdevez, depois seguem-se as bandeiras, depois os andores que, por norma, incluem a participação das freguesias do concelho (no ano de 2019 temos de destacar a presença do moto clube que, tendo-lhes sido lançado esse desafio, tinham como missão carregar os andores; destacou-se também a presença do Rancho Folclórico de São Paio que, para além de assegurar o andor da sua freguesia, ainda se comprometeu a levar o andor convidado). Este desfile de andores encerra com o andor de Nossa Senhora da Lapa, em grande destaque e, logo a seguir a este, vem o Padre sob o pálio, depois o Presidente da Câmara Municipal, o Vice-presidente, os Vereadores municipais e, por fim, a Banda Filarmónica de Arcos de Valdevez. Seguem-se os anjinhos, os figurados e o povo.

No ano de 2019, a procissão teve como convidado o andor de Nossa Senhora dos Remédios que fez assim parte do momento solene, a par dos andores de Santa Comba, São Vicente, São Paio, São Bento, Divino Salvador, Nossa Senhora da Porta e Nossa Senhor da Lapa, um total de oito andores, naquele que é um dos momentos altos das festividades.

Sublinhe-se que, desde 2009, com o passar do tempo, as festas e também a procissão de Nossa Senhora da Lapa têm vindo a atrair cada vez mais participantes de ano para ano, estando a comunidade local cada vez mais envolvida.

## **5. FESTA DE NOSSA SENHORA DA PORTA**

### **5.1 A fundação da Misericórdia em Arcos de Valdevez**

Foi em 1595, que um grupo de arcuenses, decidiu fundar a Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez

«...um grupo de arcuenses, com a autorização régia de Filipe I, levou a cabo a criação da Irmandade da Misericórdia». (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008, p. 13).

Tendo como primeiro provedor Francisco de Palhares Rocha e como tesoureiro Gaspar Gonçalves Lourenço, esta informação consta de uma nota manuscrita que foi lançada na primeira folha do compromisso pela qual a Irmandade se administrou. (Areiro, 1995). Como em tantos outros pontos do país, este grupo de arcuenses tinha algumas missões que já estavam definidas no Compromisso da Misericórdia de Lisboa, como por exemplo, a assistência aos mais necessitados e desprotegidos, construir um templo de raiz, para que os cidadãos que eram auxiliados pela Misericórdia também tivessem acesso aos serviços espirituais. (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008)

É de notar que o amparo aos doentes no domicílio, aos presos e aos pobres começou logo no ano de 1595 (Areiro, 1995).

### **5.2 A construção do templo**

Um dos objetivos a que esta Irmandade se propunha era a construção de um templo. As primeiras eleições para a Mesa Administrativa foram a 2 de julho de 1597, com a eleição do padre António de Brito, para provedor e mais cinco membros (Areiro, 1995).

No entanto, é de notar que quando estes tomaram posse e começaram a exercer a sua atividade, a construção da igreja e da albergaria para os pobres e doentes já se tinha iniciado com pedra vinda do Requeijo (Areiro, 1995).



Figura 5- Igreja da Misericórdia (Autor: Adelaide Rouceiro)

Foram muitos os beneméritos que aderiram a esta causa desde o início e que contribuíram com doações, possibilitando assim a concretização dos planos da Irmandade.

Graças a estes atos de generosidade foi possível comprar um terreno e construir uma capela; também contribuíram com matérias-primas que eram precisas para a construção da igreja. (Gomes, 1900).

Esta obra tornava-se muito útil pois aí se podiam realizar as cerimónias religiosas que lhes diziam respeito e ter o seu próprio local para enterrar os mortos. No entanto, também era proveitosa porque lhes permitia a realização das suas próprias reuniões da Mesa Administrativa e, assim, estruturar a sua atividade na vila e seu termo. (Afonso L. , 2017)

O terreno onde foi construído este templo pertencia a Francisco Anes, que era conhecido como o Carrapiço, e a sua esposa; este terreno ficava na parte de trás da casa da Misericórdia, onde também já havia em funcionamento um albergue e um hospital. (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008)

Segundo se pode ler na página da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, os documentos dizem que a construção desta igreja se deve ter iniciado em 1595, pois tudo leva a crer que o primeiro cadáver que ali foi sepultado, o foi no ano de 1597 (Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html> ). Ainda que, ao que tudo indica, se estivesse ainda

numa fase de construção (Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html> ).

A 12 de junho de 1596, a construção este templo já se encontrava numa fase avançada, pois o edifício já se encontrava forrado e com telhado e os altares também já estavam feitos; só se estava à espera de que o arcebispo de Braga desse autorização para a sua inauguração (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008).

Um ano mais tarde, a 13 de junho de 1597, o Abade de São Paio certifica que este templo reúne todas as condições para nele se realizar a missa. E, assim, no dia 15 de junho desse mesmo ano, o arcebispo de Braga, que naquela altura era D. Frei Agostinho de Jesus, acaba por conceder a tão desejada licença. (Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html> )

No dia 2 de julho, que era o dia da festa da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, é dita a primeira missa na igreja da Misericórdia. (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008)

Havia muito entusiasmo em relação a esta igreja e vários provedores lhe fizeram importantes doações ao longo do século XVII. (Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html> ).

Em 1710 fez-se a reconstrução da frontaria da sacristia que ameaçava ruínas e em 1773 fez-se o projeto para a nova frente da Igreja.

Contudo existia outro problema relacionado com este templo, que era o facto de se afigurar pequeno em relação aos outros templos desta vila. E foram estes problemas que levaram os irmãos da Misericórdia a tomarem a decisão de fazer obras, reconstruindo assim a igreja, acrescentando-lhe uma capela-mor e uma tribuna, tal como hoje em dia as conhecemos, com os altares laterais, que são do século XVII, e que foram feitos para substituir as tábuas laterais, que já se encontravam velhas (Afonso L. , Igreja matriz e do Espírito Santo espicaçaram irmãos da Misericórdia, 2010).

No entanto por volta de 1710 a parte fronteira deste templo encontrava-se em ruínas, de tal forma que acabou mesmo por ser demolida, acabando assim por se construir uma nova, que segundo se apurou é descrita como sendo mais sólida e toda de cantaria.

Sabe-se ainda que sobre a porta principal, encravado no coro e voltado para o largo há um altar em honra de Nossa Senhora da Porta (Gomes, 1900).

No templo atual a imagem de Nossa Senhora encontra-se dentro do templo, ao contrário do primitivo frontispício onde a imagem estava á porta e era objeto de grande devoção. (Gomes, 1900)

A partir do ano de 1710, este templo esteve sempre em obras, enquanto houve dinheiro, ora era o telhado, ora um altar, ora as pinturas do tecto, ou até mesmo uma parede (Areiro, 1995).

E foi na continuidade destas obras que, no ano de 1740, a 24 de abril, foi proposta mais uma intervenção; desta feita a ideia era uma intervenção na parede lateral da capela-mor, que se encontrava em ruínas e a ideia era reedificá-la. No ano seguinte, em 1741, foi contratado um artista, um dos mais renomados da época na área de imaginária, um filho da terra, o mestre Manuel Gomes, que foi contatado para fazer o madeiramento da capela-mor, porta e reconstrução do retábulo. Contudo as obras não se ficaram por aqui, pois foi-lhe pedido que fizesse mais obras, como, por exemplo, o forro do altar-mor, entre muitas outras (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008).

No ano de 1742, colocaram-se vidros nas janelas da capela-mor, e a Irmandade da Misericórdia ficou muito agradada com o trabalho do mestre; prova disso mesmo é que, no ano de 1745, o mesmo mestre voltou a ser chamado para fazer concertos nas asas dos anjos da tribuna, duas trombetas novas para os anjos e cinco sanefas (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008).

No ano de 1752, a Irmandade mandou fazer um novo cruzeiro que estivesse mais ao nível deste novo templo, maior, mais airoso e artisticamente mais opulento. (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008)

A partir de 1781, as intervenções neste templo são cada vez mais constantes; primeiro substitui-se a tribuna antiga por uma nova; em 1791 forra-se o corpo da Igreja; no ano de 1797 faz-se um novo altar em honra de Nossa Senhora da Humildade; no ano seguinte comparam a imagem de Nossa Senhora das Dore. (Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&limitstart=> ).

Existe ainda um outro altar em honra de Santo António que foi encomendado por João Bento de Barros e por sua esposa, D. Joana Teresa de Costa Lima, que viviam em Lisboa,

resultado de uma promessa que fizeram, no ano de 1813, se os franceses fossem expulsos de Lisboa sem porem aquela cidade a saque (Gomes, 1900).

Em 1854 o cruzeiro foi mudado da frente da igreja para o adro nascente, que ficava perto da entrada do cemitério (Afonso, Ramos, Campos, & Pimenta , 2008).

Entretanto o decreto 2/98 de 6 de março, classifica como sendo de «interesse público» a Igreja da Misericórdia de Arcos de Valdevez. (Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&limitstart=> ).

No ano de 2004 a Igreja foi encerrada ao público porque carecia de grandes e urgentes obras de conservação. Com a intervenção do IPPAR, as obras acabaram por se iniciar no ano de 2006 e findaram no ano de 2008. E a 9 de Agosto de 2008 este templo foi reaberto ao público, na presença do Presidente da Direcção da União das Misericórdias, do Presidente da Assembleia Geral, de todos os membros da direcção da Santa Casa, dos Presidentes de Junta das freguesias do concelho, do Arcipreste e representantes de todas as Santas Casas do Distrito de Viana, depois de uma sessão solene, finda a qual foi celebrada a Santa Missa ( Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&start=1>).

Cronologia do templo da Senhora da Porta	
Data	Acontecimento:
1595	Formação da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez
1595	Aquisição do terreno no lugar do cruzeiro a Francisco Anes, mais conhecido por carrapiço.
1596	A construção já se encontrava numa fase adiantada, sendo que o edifício já se encontrava com telhado e forro, com os altares construídos, e aguardando a autorização do arcebispo de Braga, para assim começar a officiar.
1597	Primeira missa na Igreja da Misericórdia
1614	Iniciação da construção da Capela da Humildade
1622	Primeira missa na Capela da Humildade
1625	O provedor Belchior Aranha de Brito ordenou que se fizesse um altar novo, mandou pintar o painel do altar grande e as grades.
1634	O provedor António de Magalhães doou um azulejo composto por 960 peças, cujo valor foi de cerca de 190 reis. No ano que se seguiu mandou às suas custas colocar o chão de madeira na Igreja.
1639	O provedor Paio da Rocha doou 40 mil reis para pintar o tecto da Igreja.
1639	Foi mandado fazer um anteparo para a porta principal, o sobrado do coro, os "taburnos dos altares", dourar o arco, o púlpito e "frestas".
1644	O Provedor Francisco de Araújo Vasconcelos mandou fazer o coro e as grades.
1644	Início da obra do órgão.
1733	Dá-se a grande obra de remodelação.
1734	Obra do frontispício e Pórtico para a sacristia.
1735	Constrói-se no pórtico da Igreja a Capela de Nossa Senhora da Porta com altar para se celebrar a missa.
1742	Mandou-se lajear o adro.
1747	Dá-se o arranjo do forro do teto e da capela-mor.
1748	O Papa Pio VI concedeu indulgências aos fiéis que assistissem às missas nesta Igreja.
1748	Faz-se o novo órgão.
1751	Mandou-se fazer um cruzeiro novo em frente à Igreja, no local em que estava o antigo.
1757	Mandou-se fazer a talha de dois altares colaterais, para se substituir as tábuas pintadas que se encontravam lá e fazer assim um escano em substituição do velho.
1765	Faz-se uma nova reforma ao órgão.
1771	Devido aos estragos do terramoto, foram feitas obras no "outão", porque ameaçava ruir.
1772	O Papa Clemente XIV torna o altar da Capela da Humildade privilegiado perpetuamente.
1772	Mandou-se dourar os dois retábulos dos altares colaterais.
1786	Mandou-se fazer uma tribuna nova no altar-mor de "figura moderna".
1821	Obra da bacia do órgão e da varanda do coro.
1854	O cruzeiro é transferido para o cemitério.
1995	Iniciação das obras de restauro.
2005	início da última fase de intervenção de restauro.
2008	Reabertura da Igreja da Misericórdia.

*Tabela 3- Elaboração própria com base nos dados da SCMAV disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&start=1>*

### 5.3 A devoção a Nossa Senhora da Porta

Segundo o site da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez,

«Na primitiva fachada da Igreja da Misericórdia, existia um nicho com a imagem em pedra da Senhora da Misericórdia, a que carinhosamente o povo começou a chamar de Senhora da Porta. Em 1733, devido ao mau estado em que se encontrava o frontispício, a Mesa Administrativa decidiu fazer obras de remodelação, tendo sido o Arcebispo de Braga informado, em 1735, da construção de um altar na fachada, sobre o pórtico, pedindo a Irmandade autorização para o benzer e nele rezar missa.

Todos os anos, no princípio do mês de setembro, se fazia uma novena em honra da Senhora da Porta, consagrando-se o dia 7 em sua honra, dia em que se abria o seu “oratório” à noite, com iluminação, e se celebrava uma missa. A devoção que a população do concelho dedicava à imagem, era expressa na enorme quantidade de cera, roupa, cereais, animais e peças em ouro que ofereciam à Senhora da Porta, como pagamento de promessas. Devido às restrições orçamentais que a Misericórdia se viu forçada a fazer nos finais do século XIX, deixou de se realizar a festa em sua honra.» (Município de Arcos de Valdevez disponível em [https://www.cmav.pt/pages/1710?poi\\_id=449](https://www.cmav.pt/pages/1710?poi_id=449))



Figura 6 Nossa Senhora da Porta (Autor: Imagem retirada da Tese de Doutoramento de Odete Ramos)

Sobre as questões que se nos colocavam relativamente a esta invocação, Nossa Senhora «da Porta», (Figura 6) e sobre as formas de devoção que lhe foram sendo dedicadas encontramos respostas na Tese de Doutoramento de Maria Odete Neto Ramos, «A gestão dos bens dos mortos na Misericórdia dos Arcos de Valdevez: caridade e espiritualidade (séculos XVII-XVIII)», tese apresentada no âmbito do Doutoramento em História, Especialidade de Idade Moderna, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, datada de outubro de 2013 (Ramos, 2013).

Relativamente a esta invocação, diz-nos,

«A invocação de Nossa Senhora da Porta não era uma particularidade da santa casa de Arcos de Valdevez, uma vez que na irmandade de Monção, a Virgem da

Misericórdia era assim designada. Em 1723, chegaram a atribuir-lhe um milagre a um religioso da Ordem de S. João de Deus.<sup>107</sup> Terá sido, a popularidade de Nossa Senhora da Porta, na misericórdia vizinha que criou o mesmo tipo de devoção em Arcos de Valdevez?» (Ramos, 2013, p. 205).

Por vezes, as igrejas e Casas de Despacho das Misericórdias eram construídas nos locais disponíveis, menos centrais e mais periféricos, nas entradas-saídas das povoações, o que -aventamos como hipótese – talvez explique a designação de Nossa Senhora «da Porta». Não se sabe bem ao certo em que momento começou a devoção a Nossa Senhora da Porta. Segundo esta historiadora,

«Cremos que a sua veneração virá de inícios do século XVIII, uma vez que na década de 30 era grande a devoção tida pela imagem, dada a quantidade de esmolas de que temos registo a partir de 1736 e de alguns informes da sua existência anteriormente. Supomos que as ofertas em dinheiro e géneros aí vertidas, antes de 1735, eram bastantes. Só desta forma se compreende que, nesta data e com esse rendimento, os irmãos construíssem um altar, voltado para a rua, por trás do coro da igreja, com o objetivo de celebrar missa de alva com ladainha, todos os sábados por tenção dos devotos e benfeitores da mesma Senhora.» (Ramos, 2013, p. 204).

A análise feita por Odete Ramos do «Libro do resibo de Nosa Senhora da Misericórdia ou da Porta (1736-1820)» (Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, doravante ASCMAV) revela que,

«As esmolas deixadas pelos devotos a Nossa Senhora da Porta eram maioritariamente em dinheiro, contabilizando duzentas e setenta e nove ofertas (idem, p.115); seguida pela dádiva de roupas e tecidos (duzentas e quarenta); de cera (cento e trinta) e animais (noventa). As oferendas de cabelo, joias, ovos foram menos significativas (vinte e sete, vinte e quatro e dez respetivamente). Na rubrica outras inserimos nove esmolas compostas por um cortiço e favos de mel, duas caixas, um leque de papel, um ramo, um ramalhete, um donativo de vinho e outro de azeite.» (idem, p. 207).

«(...) o tipo de esmola mais rentável era constituído por cereais. Desconhecemos o número de ofertas feitas com estes produtos, mas a sua venda, no período em análise, rendeu 314.971 réis. Era seguido pelas roupas e tecidos, dádiva que

atingiu o segundo lugar nos óbolos concedidos à instituição e de cuja venda a santa casa ameahou 117.007 réis. Sucedeu-se o dinheiro recebido da venda da cera, que computou 59.339 réis, e o do gado, num total de 37.002 réis. Quantia semelhante foi a que adveio das joias (35.180 réis), que apesar de inferior em quantidade a outros donativos, a sua venda foi muito mais rentável. Simbólicas foram as vendas de cabelo, ovos e outros, cuja troca resultou, respetivamente, nas quantias de 4.140, 272 e 1.234 réis.117» (idem, p. 208).

Ofertas como cereais, gado, ovos, cortiços e mel, vinho e azeite, poderíamos dizer ofertas de produtos da terra, compreendem-se num local como Arcos de Valdevez, uma vila raiana portuguesa, atualmente do distrito de Viana do Castelo, inserida no noroeste de Portugal que é uma zona predominantemente rural. Segundo Pina Cabral, na sua obra «Filhos de Adão, Filhas de Eva», e mesmo relativamente ao século XX, as gentes do Alto Minho encontram muitas explicações no mundo sobrenatural para o que sucede no seu dia-a-dia. E, assim, ao longo dos tempos, foram estabelecendo uma troca de favores com as entidades divinas e pedindo também aos santos que os ajudassem sob promessa de dádivas, pagando-lhes as suas promessas para que nada de mal lhes acontecesse ou, então, mesmo antes de o seu pedido ter sido atendido, já a oferta tinha sido feita, numa tentativa de agradar ao divino (Cabral, 1997).

Como decorreu a devoção a Nossa Senhora da Porta? Houve momentos durante os quais se manifestou com mais intensidade?

«(...) É curioso verificar que a devoção a Nossa Senhora da Porta deve ter atingido o seu auge no momento em que lhe foi construído o novo altar, uma vez que, como se pode ver do gráfico 6, após fechada a imagem dentro da igreja, concedendo-lhe um altar mais digno, o número de esmolas conheceu um percurso descendente e abrupto. Qual a razão que moveu os irmãos a encerrar a imagem dentro da igreja? Considerando que era indigno uma imagem tão devota, que movia muitos crentes a abeirarem-se da santa casa para esmolá-la e/ou pagar promessa, estar na porta da igreja, decidiram fazer-lhe um altar no seu interior, virado para a rua. Concederam-lhe um altar riquíssimo em talha barroca joanina. Mas, o problema das intempéries e das pilhagens fez com que lhes colocassem portadas, passando a abrirem-se apenas em determinadas

ocasiões e, pelo menos, todos os sábados para celebrar a missa de alva. (...)»  
(idem, 209).

A análise de variações nas esmolas dedicadas a Nossa Senhora da Porta talvez possa indicar flutuações na intensidade da devoção que lhe era dedicada. Odete Ramos analisa,

«(...) o total do dinheiro esmolado a Nossa Senhora da Porta, e o capital que rendia da venda das esmolas em géneros. Após um momento ascendente entre 1736/37 e 1738/39, período em que a devoção à santa ainda era ardente, conheceu-se um movimento de descida acentuada na receção das ofertas até 1748/49, com um ou outro pico relativo à chegada de uma ou outra esmola mais significativa. Na segunda metade de setecentos, continuou a assistir-se a um decréscimo na chegada destas dádivas, havendo anos, como o de 1774, em que se recebeu apenas 310 réis ou os 50 réis esmolados, em 1779/80. Em 1781/82, não houve qualquer tipo de oferta e, a (idem, p. 209) partir de 1783/84, Nossa Senhora da Misericórdia não recebeu mais nenhuma esmola. De salientar que esta evolução descensional verificou-se em todo o tipo de óbolos. (...)» (idem, p. 210).

Odete Ramos questiona,

«(...) Que fatores explicarão esta descida? (...) Contudo, cremos que o grande fator que moveu os devotos a deixarem de esmolar Nossa Senhora da Porta foi provocado pelos próprios confrades. Estes, numa atitude de agradecimento e respeito pelos muitos crentes, decidiram criar à santa um altar mais digno. Tiraram-na da porta e colocaram-na, ainda que voltada para o exterior, encerrada dentro do templo. Privados da sua visualização, os devotos acabaram por esquecê-la. Nossa Senhora da Misericórdia deixava de estar no exterior da igreja, impedindo a visualização dos crentes que se abeirarem dela a qualquer hora do dia ou da noite. Para a verem tinham que entrar na igreja ou esperar que os irmãos lhe abrissem a porta. Acreditamos que a veneração a Nossa Senhora da Porta não movia peregrinos de diversas partes do país. Foi mais uma devoção local, que foi perdendo tradição porque quando encerrada na igreja, deixou de estar ao acesso dos devotos, não se conseguindo vê-la por dentro nem por fora. O seu altar é muito particular e de acesso restrito, localizado por trás do coro,

virado para a rua e apenas vislumbrado se as portadas estiverem abertas e cujo acesso se faz pela escadaria do adro interno da igreja. Não sendo visualizada na nave da igreja, mas apenas por quem sabia a sua localização e fechadas as portas que a permitiam ver do exterior, acabou por ser esquecida. (...)» (idem, p. 210). No que toca às esmolas deixadas a Nossa Senhora da Porta, verificamos que, a partir de 1795, no Livro do resibo de Nosa Senhora da Misiricordia ou da Porta (1736-1820) desapareceu o registo de esmolas e dádivas de cera, galinhas, ovos, cabelo, bezerros, entre outros, para passar a registar, exclusivamente, entregas de dinheiro a juro e remissões de dívidas. (...)» (idem, p. 211).

Outra questão que se nos colocava era a de quem eram os devotos de Nossa Senhora da Porta,

«(...) Das mais de oitocentas ofertas entregues apenas temos dados de identificação ou de morada para noventa e dois esmoleres (11,5%). Muitos eram designados apenas por devotos. Só conhecemos o nome de oitenta e sete esmoleres, os quais eram maioritariamente do sexo masculino, representando 78% do total, enquanto as mulheres patentearam apenas 22% (idem, p. 130). No que respeita à residência dos quarenta e dois casos conhecidos, concluímos que a devoção a Nossa Senhora da Porta extrapolava a vila e o próprio concelho. A maioria vivia nas freguesias do município de Arcos de Valdevez, totalizando vinte e um devotos. (...) espírito daqueles que se deslocavam de fora do concelho para agradecer a Nossa Senhora da Porta, como se comprova dos bois que chegaram de Bravães, em 1738, dos devotos que vinham do concelho vizinho de Ponte da Barca, assim como da região baixo-minhota de Guimarães. (...)» (idem, p. 212).

Embora os dados documentais sejam poucos, está assinalada a devoção de arcuenses de fora da vila e até de Ponte da Barca ou de Guimarães.

Pretendíamos também saber se a vinda à vila de arcuenses de outras freguesias, por exemplo nos dias de feira, se refletia em dádivas na caixa de esmolas da igreja,

«(...) e eram mais importantes, em termos de receita, as ofertas particulares que as esmolas caídas na caixa ou em dias de feiras. As primeiras totalizaram cerca de 225.000 réis, enquanto as segundas não chegaram aos 30.000 réis e as terceiras passaram dos 60.000 réis. (...)» (idem, p. 215).

Os ex-votos talvez revelem o que os devotos pediam a Nossa Senhora da Porta,

«(...) A cera foi recebida maioritariamente na forma de rolo. Os fiéis ofereciam também partes do corpo em cera, alusivas à graça recebida. Peitos e cabeças foram os mais esmolados, seguidos de pernas, mãos, pescoços, pés e braços. Em menor número chegaram caras, olhos, ouvidos, joelhos e barrigas. Em ótimo estado ou quebrada, revelaram-se esmolas cujo valor oscilou entre os 20 réis e (idem, p. 220) mais de 30.000 réis (...)» (idem, p. 221).

Outra questão que se nos colocava era a de se havia um dia – ou dias – durante os quais fossem mais expressivas as manifestações de devoção a Nossa Senhora da Porta,

«(...) É-nos desconhecido o dia em que os devotos vinham trazer as suas esmolas. Provavelmente, além do dia da festa da Nossa Senhora da Porta, no início do mês de setembro, e à semelhança do que acontecia com as ofertas em dinheiro, seriam entregues ao longo do ano. (...)» (idem, p.223)

Lembre-mos que a igreja da misericórdia não era um grande santuário, destinado a peregrinações como acontecia com o seu vizinho de Nossa Senhora da Peneda. (idem, p.181) Era um pequeno templo, com a imagem da Virgem da Misericórdia à porta, por quem os devotos, sobretudo da terra, volveram as suas crenças e recorreram nos momentos de aflição. Davam o que tinham e podiam, fosse apenas uma dúzia de ovos ou um frango, assim como grandes somas de dinheiro. A santa casa aceitou todas as esmolas, vendendo todos os bens oferecidos, para os colocar a render junto com o capital ofertado no mercado creditício. Desta forma, constituiu-se num importante recurso financiador das práticas caritativas da santa casa. (idem, p. 224)

#### **5.4 A festa de Nossa Senhora da Porta antes da Interrupção: o que nos foi possível apurar**

Nossa Senhora da Porta é a invocação da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, igreja que ficava numa das entradas-saídas da vila de Arcos de Valdevez, o que talvez justifique a designação de Nossa Senhora da Porta.

As pessoas quando se deslocavam à vila por algum motivo de força maior, talvez pedissem a Nossa Senhora da Porta apoio para o caminho, para que nada de mal lhes acontecesse, pois muitas vezes o caminho era longo e podia tornar-se perigoso. Mas, se

não foi esse o caso – que não está documentado -, de qualquer forma, como já vimos, os ex-votos em cera – esses, sim, documentados - indicam que se pedia a Nossa Senhora da Porta auxílio para curar problemas de saúde. Pedindo os devotos fosse o que fosse, quando passavam na igreja aí deixavam as suas oferendas,

Em 1758, a *Memória Paroquial* da «freguesia de São Paio da villa dos Arcos» refere

«Item, esta freguesia tem as capellas seguintes, São Thiago de Morilhoens, que hé da freguesia; a Senhora dos Remédios, que está em huma alameda de carvalhos e castinheiros, que hé da caza do Outeiro que ficou de Francisco de Abreu e Lima, fidalgo da Caza Real e a capella da Senhora da Penha de França, de João Antonio Pereira de Castro, asima nomeado; a de Santo Antonio que hé de Jozé de Castro Maris e a da Senhora das Angustias que hé do Governador de São Paullo na América, Alexandre Luís de Souza e Menezes, cavalheiro da Ordem de Christo. E na villa está hum sumptuozo templo do Spirito Santo no limite desta freguesia que tem huma populosa irmandade que se compõem de sacerdotes e só tem o numero de trinta leigos e hé governada pellos mesmos sacerdotes; tem de capital perto de dez mil e quinhentos cruzados, etc<sup>a</sup>.(...) Caza da Misericordia que está nos lemites da freguesia, na quoyal se venera em hum altar portátil feito com todo o primor huma venerável imagem de Nossa Senhora da Porta, fazendo muitos milagres. Foi erigida esta misericordia, há cento e sincoenta anos e tem de capital oitenta mil cruzados. Item, não há romagens nesta freguesia, (...)»  
(Capela, 2005, pp. 25-26)

Note-se que, em 1758, enumerando-se todas as capelas e templos, incluindo a igreja da Misericórdia, referindo-se a sua «venerável imagem de Nossa Senhora da Porta, fazendo muitos milagres», o abade «de São Paio da villa dos Arcos», Luís Lourenço Barbosa, afirma de forma retumbante: «não há romagens nesta freguesia». Em 1758, nada, nenhuma romagem.

Segundo nos diz a página da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, todos os anos, no início do mês de setembro, havia uma novena em honra de Nossa Senhora da Porta, e o dia 7 era reservado em sua honra. Nessa mesma noite, abria-se o seu oratório e celebrava-se a missa, com iluminação. A devoção que a população do concelho tinha por esta Santa demonstrava-se através da enorme quantidade de ofertas a Nossa

Senhora da Porta como forma de pagamento das suas promessas. (Município de Arcos de Valdevez disponível em [https://www.cmav.pt/pages/1710?poi\\_id=449](https://www.cmav.pt/pages/1710?poi_id=449) )

No entanto, não foram encontradas descrições ao pormenor da romaria por estas não existirem. Contudo, segundo Lúcia Afonso, há referências num documento ou noutra sobre as novenas que aconteciam no início de setembro, no altar exterior. Sabemos ainda que esta novena era realizada durante a noite pois, as pessoas queixavam-se dos malandros que ficavam á espera das senhoras que vinham para a novena pela Quelha das Hortas, com intenções pecaminosas.

## 5.5 A festa de Nossa senhora da Porta a partir de 2010



Figura 7- Festa de Nossa Senhora da Porta (Autor: CMAV)

A partir de 2010 a Irmandade da Misericórdia passou a organizar, no terceiro fim de semana de setembro, a «Festa de Nossa Senhora da Porta» (Figura 7).

Em 2010, os responsáveis pela organização desta festa não queriam que fosse mais uma, igual a tantas outras, e, por entenderem dever tratar-se de uma romaria de índole rural, surgiu a ideia da bênção das uvas que, de certo modo, representam as colheitas feitas pelos agricultores, assim como a «chegada dos romeirinhos com as suas ofertas à Senhora» e a celebração da missa em honra de Nossa Senhora da Porta. As rusgas e os ranchos folclóricos complementam a festa, constituindo-se como a sua componente profana.

Todos os anos é nomeada a Mordomia de Nossa Senhora da Porta, que é constituída por Irmãos da Irmandade da Misericórdia, ficando assim a seu cargo a realização da Festa de Nossa Senhora da Porta no terceiro Domingo de Setembro. (Santa Casa da

Misericórdia de Arcos de Valdevez disponível em <http://www.scmav.pt/noticias/97-noticias/252-romaria-nossa-senhora-da-porta.html> )

Esta festa é descrita como uma festa de cariz rural e popular e pretende evocar o ambiente alegre e espontâneo das romarias antigas do Alto Minho, como já foi referido anteriormente, pois é realizada no tempo das colheitas, apresentando-se a Nossa Senhora da Porta os primeiros frutos que a terra dá como forma de agradecimento. (Esteves, Araújo, & Afonso, 2018).

No entanto, tratando-se de uma festa, surgiu a ideia de, no sábado à noite, se organizar a «Janta» (Figura 8), (Esteves, Araújo, & Afonso, 2018): os restaurantes colocam mesas corridas pelas ruas, o que proporciona aos seus clientes condições para um convívio mais informal com os seus vizinhos comensais; não se tratando de um jantar comunitário, permite uma certa experiência alusiva a um sentido de comunidade de âmbito concelhio - e até mais lato, consoante a diversidade de origens dos visitantes -, saboreando-se a gastronomia local e podendo provar-se o vinho novo da região.



Figura 8- Festa de Nossa Senhora da Porta «Janta» (Autor: SCMAV)

Durante a festa, tal como atualmente se realiza, pode assistir-se às rusgas, e terminar a noite, madrugada dentro, num dos bailes mandados que os ranchos das várias freguesias organizam.

Segundo a mordomia da festa de Nossa Senhora da Porta, esta festa é diferente, pois encerra o calendário das romarias e festas do concelho e tem um cariz familiar (Esteves, Araújo, & Afonso, 2018).

Para que se possa avaliar como se processa atualmente esta festa indicamos abaixo o seu programa para o ano de 2019:

Romaria de Nossa Senhora da Porta			
Dia	Hora	Evento	Local
14/set	21h30	Cerimónia da Entrada da Mordomia	Adro da Igreja da Misericórdia
	22h00	Cantares ao Desafio com a participação de Pedro Cachadinha e Amigos	Adro da Igreja da Misericórdia
15/set	10h30	Feira do Pão e dos Doces e Tasquinhas com enchidos e vinhos da	Adro da Igreja da Misericórdia e ruas adjacentes
	15h30	IV Torneio Internacional de Rugby " N.º S.º da Porta"	Estádio Municipal de
	15h30	A toque de concertina - concentração de tocadores	Adro da Igreja da Misericórdia
	19h30	Hora da Janta	Ruas adjacentes à Igreja da
	21h30	Chegada dos Romeirinhos	Adro da Igreja da Misericórdia
	22h15	Entrega dos Troféus do torneio de Rugby	Adro da Igreja da Misericórdia
	22h30	Entrada das Rugas	Adro da Igreja da Misericórdia
	01h00	Baile Mandado	Adro da Igreja da Misericórdia
16/set	10h00	Abertura da Feira de Pão e Doces Tradicionais	Adro da Igreja da Misericórdia
	15h00	Entrada do Grupo de Dancas de S. Jorge	Adro da Igreja da Misericórdia
	15h00	Arrematação de Oferendas	Adro da Igreja da Misericórdia
	17h00	Entrada do Rancho Folclórico Etnográfico de S. João de Rio Frio	Adro da Igreja da Misericórdia
	17h30	Arrematação de Oferendas	Adro da Igreja da Misericórdia
	18h30	Bênção das Uvas das Vindimas	Adro da Igreja da Misericórdia
	19h00	Missa Solene em honra da Senhora da Porta	Igreja da Misericórdia

Tabela 4- Elaboração própria com base nos dados da SCMAV disponível em <http://www.scmav.pt/2015-05-29-13-52-45/2015-06-16-10-25-18.html?showall=&start=1>

## 6. FESTAS DO CONCELHO

### 6.1 Festas do Concelho ou da Batalha de Valdevez

#### 1914

Segundo Cândido Gomes (Gomes), as festas do concelho, ou da Batalha de Valdevez como inicialmente foram chamadas, tiveram a sua primeira edição no ano de 1914, e foram criadas por um grupo de cidadãos que tiveram a ideia de comemorar a batalha ou o famoso recontro de Valdevez,

*«No ano de 1914 um grupo de cidadãos tomou a iniciativa de comemorar e celebrar a batalha ou recontro de Valdevez (...)» (Gomes, vol. II, p.82).*

Inicialmente esta festa tinha o dia 25 de junho como data de arranque, sendo que era uma festa anual, e com um cunho patriótico com a intenção de assim se conseguir atrair a atenção do governador do país para esta terra histórica.

A ideia da festa surgiu acompanhada pela ideia de se fazer uma feira anual que se esperava que competisse com as feiras novas de Ponte de Lima,

*«(...) Além da parte festiva, também se inaugurou uma feira anual, que se esperava que tivesse de futuro grande concorrência e um certo nome, como as feiras novas de Ponte de Lima. (...)» (Gomes, Vol. II, p, 82).*

A feira franca arrancava um dia antes da festa do concelho, ou seja, a 24 de junho, aí marcando presença muitos feirantes vindos de outras terras,

*«No dia 24 de junho realizou-se a feira franca, à qual concorreram muitos feirantes de fora (...)» (Gomes, Vol. II, p. 82).*

Nesse mesmo dia, a organização do evento atribuiu prémios a animais bovinos de modo a conseguirem chamar assim as atenções dos criadores desta espécie de animais,

*«Foram conferidos prémios aos melhores representantes de gado bovino» (Gomes, Vol. II, p. 72).*

Durante esse dia, as ruas da vila eram animadas com música ao vivo,

*«(...) durante o dia tocaram pelas ruas os gaiteiros e uma banda de música (...)» (Gomes, Vol. II, p. 72).*

A vila nesses dias estava toda enfeitada, e os moradores das ruas principais também tinham o cuidado de pôr bandeiras nas suas janelas de modo a não destoar de tudo o resto e contribuindo assim para decorar a terra para aquele que era um evento que se pretendia que tivesse importância,

*«(...) os moradores das principais ruas tinham bandeiras nas janelas (...)»*  
(Gomes, Vol. II, p. 72).

O dia 25 era o dia em que, de facto, se dava o evento principal. Logo de manhã *«(...) no dia 25 houve uma salva de morteiros (...)»* (Gomes, Vol. II, p.82) que serviam para anunciar o início das festas *«(...) e a banda de música arcuense percorreu as ruas tocando o hino da independência (...)»* (Gomes, Vol. II, p.82). *«(...) Às 10 horas chegou a banda da infantaria número 3, de Viana, que ao meio-dia subiu a um coreto no campo, onde tocou até as 14 horas.»* (Gomes, Vol. II, p.82). *«(...) Às 15 horas dirigiram-se as músicas para o teatro onde houve uma sessão solene, a que presidiu o dr. António Ferreira, presidente da camara ladeado pelo administrador do concelho Henrique de Pina Manique e pelo tenente Augusto Salgado, membro da comissão dos festejos. Falaram o presidente o Dr. Herculano Gomes e de novo o mesmo presidente. Depois organizou-se o cortejo para a Veiga da Matança no qual se incorporaram cerca de 4000 pessoas (...)»* (Gomes, Vol. II, p.82). *«(...) À noite houve um festival no campo Almirante Reis, que teve enorme concorrência. Tocaram durante ele três bandas de música, e queimou-se muito fogo do ar e aquático..., muitas casas particulares iluminaram as suas fachadas.»* (Gomes Vol. II, p.82).

As festas do concelho/Batalha do Valdevez duraram cinco anos, de 1914 a 1919. Realizavam-se sempre nas mesmas datas, dias 23,24, e 25 junho. Contudo só se realizaram três vezes, devido à primeira Guerra Mundial e à situação política em que o país se encontrava.

### **1915**

No ano de 1915, as festas voltaram a repetir-se e tiveram o mesmo sucesso do ano anterior, pois o povo aderiu bem a este evento,

*«A concorrência foi enorme não só de forasteiros como de feirantes»* (Gomes, p. 83).

## 1916

Em 1916 as festas do concelho realizaram-se pelo terceiro ano consecutivo. Manteve-se a programação dos anos anteriores, no entanto, já se notava que os festejos não eram os de outrora, pois a feira franca teve pouca adesão, devido à crise resultante da primeira Guerra Mundial, e a política local também não se encontrava na sua melhor fase,

*«Os festejos já iam declinando e a feira franca teve pouca concorrência. Já se manifestava a crise resultante da guerra e andava a política local em leve encarniçada?»* (Gomes, p. 83).

## 1917

No ano de 1917 a feira franca foi anunciada como de costume, contudo, não se realizou, pois não houve a adesão necessária,

*«Em 1917 foi anunciada a feira franca mas não teve concorrentes»* (Gomes, p. 83).

## 1918

No ano seguinte as festas do concelho não se realizaram, pois, o estado da política do país não permitiu,

*«Em 1918 nada se fez. O estado político do país assim o permitiu»* (Gomes, p. 83).

## 1919

Por fim, o último ano em que estas festas se realizaram foi 1919. Para que estas festas se pudessem concretizar, a câmara municipal decidiu nomear uma comissão para as organizar. Integraram esta comissão os senhores: Crispiniano da Fonseca, delegado da comarca, Germano Amorim, advogado e notário, Alberto Carlos de Azevedo Amorim, oficial do registo civil, e Álvaro Aguiam, administrador do concelho, que anunciaram assim a realização das festas. No entanto, a recolha dos donativos não foi a esperada e, por esse motivo, a festa só se celebrou o dia 25,

*«(...) Em 1919 fizeram-se as festas pela última vez até hoje. (1927).*

*A Camara nomeou uma comissão composta pelos Sr. Crispiniano da Fonseca, delegado da comarca; Germano Amorim advogado e notário; e Alberto Carlos de Azevedo Amorim, oficial do registo civil; e Álvaro Aguiam, administradores do concelho. Anunciaram-se as festas, mas a colheita de donativos foi diminuta. Apenas se festejou a data de 25 de junho (...)*» (Gomes, pp. 83-84).

Contou com gaiteiros e música da vila tendo também marcado presença a banda da infantaria nº 3, que cegou as 11 horas e atuou num coreto no campo Trasladário. Também foi organizado o cortejo às Veigas da Matança, que foi composto maioritariamente por militares, pois a população civil não aderiu ao evento. À noite houve o tradicional festival, que se realizou no Campo e contou com 3 bandas de música e fogo de artifício. Embora o programa ficasse reduzido a um dia de festa, a adesão no dia 25 foi muita, sobretudo por pessoas dos concelhos vizinhos,

*«(...) com alvorada, gaiteiros e música da vila. Às 11 horas chegou a banda d'infantaria 3, que tocou num coreto, no Campo. Às 16 horas organizou-se o cortejo cívico às Veigas da Matança, com a composição dos outros anos, tendo a mais um esquadrão de cavalaria 5, que estava aquartelado aqui e na Ponte da Barca, e uma bateria de artilharia que no fim dos discursos deu uma salva. A não ser o aparato militar, o cortejo seria pequeno, porque o elemento civil faltou. À noite houve no Campo o costumado festival com iluminação, três banda de música e fogo de artifício. Apesar do reduzido programa, a concorrência no dia 25 foi grande, principalmente de povo dos concelhos limitantes (...)» (Gomes, p. 84).*

## **6.2 Festas do Concelho: de 1945- 1957**

### **6.2.1 Festas de Nossa Senhora da Lapa**

Numa segunda fase, como já vimos no capítulo 4, as festas do concelho foram retomadas em 1945. Mas desta feita com outro nome, Festas de Nossa Senhora da Lapa. No ano de 1946, as festas em honra de Nossa Senhora da Lapa passaram a festejar-se em agosto. Segundo se pode ler na notícia publicada pelo jornal Notícias dos Arcos, estas festividades iriam realizar-se nos dias 10 e 11 de agosto, sendo lançado o convite para que as pessoas aderissem,

*«(...) Venham assistir às de Nossa Senhora da Lapa (...)» (Sem autor, Notícias dos Arcos, p.3).*

Lançando-se o desafio,

*«(...) Povo dos Arcos! Povo da Nossa terra! ...  
Sabei mostrar que sois bairristas.*

*Ajudai a comissão, pois ajudando enalteceis a terra que vos é querida.*

*Embandeirai e iluminai as vossas casas.*

*Assim glorificais, também a Virgem da Lapa»* (Sem autor, Notícias dos Arcos, p.3).

Mas, este ano também ficou marcado por uma novidade, que não caiu muito bem aos olhos dos arcuenses, pois o arraial de sábado à noite que era tradição realizar-se no Largo da Lapa, foi transferido para o Campo Trasladário, ao que tudo indica por ser um sítio mais espaçoso e que, por isso, oferecia melhores condições. Contudo, na notícia publicada a 28 de julho de 1946, no semanário nacionalista Notícias dos Arcos, esta mudança não é vista com bons olhos para aqueles que são mais conservadores,

*«(...) Disseram-nos que a respectiva Comissão Festeira tenciona deslocar para o Campo Trasladário o arraial de sábado.*

*Se olhar mos, somente, as publicas comodidades, o local não poderia ser melhor escolhido pois que, dentro da vila, nem o há mais amplo nem mais ameno.*

*Se, porém, tal acontecesse e viesse a adotar-se idêntica solução para outros arrais, lá se nos ia de todo o valor inerente à tradição e, com ele, tudo o que de mais belo existe para a gente minhota, aferradamente conservadora. Nesta ordem de ideias seria então preferível assentar no seguinte: a festa dos Remédios, passaria a fazer-se igualmente, no Campo Trasladário: a do Carmo, nas Pedrosas: a da Peneda, transitaria para Giela, etc. etc. etc... para comodidade do indígena. Acham bem?»* (Sem autor, Notícias dos Arcos, p.2).

### **6.2.2 1947: Festas e Feiras Francas do Concelho**

No ano de 1947, o nome das festas muda e, nesta data, sim, passam a ser denominadas como festas do concelho, pois até então não temos a certeza de que assim fosse. Deixam assim de ser designadas como «Festas de Nossa Senhora da Lapa», e passam a ser nomeadas como «Festas e Feiras Francas do Concelho de Arcos de Valdevez». Neste ano, a organização das festas foi entregue ao Grémio do Comércio pelo vereador Sr. António Pereira Barbosa, que tinha presidido à última comissão de festas,

*«(...) pela Câmara de 1946, de cuja comissão foi presidente o ex-vereador Sr. António Pereira Barbosa. Esta comissão entregou-as ao Grémio do Comércio (...)»*  
(Sem autor, A Vanguarda, 1957, p.4).

Podemos ler numa notícia publicada pelo jornal, A Vanguarda, a 3 de agosto de 1947, que o nome das festas foi trocado porque assim as pessoas aderiam com mais facilidade a este evento,

*«(...) Segundo o nosso modo de ver, é mais sugestivo êste titulo, do que o de: Festas do Concelho. E a razão é esta: - Às Feiras francas com festas, é mais fácil poder ir: nas festas com Feiras Francas, vai o dinheiro e trona vir (...）」* (Sem autor, A Vanguarda, 1947, p.3).

No que diz respeito às datas desta festa, foi um ano um pouco atribulado, pois inicialmente tinham em mente realizar o evento no início de mês de agosto, mas, por força das circunstâncias, foram obrigados a realizá-las no fim do mês,

*«(...) incondicionalmente aplaudimos a ideia de não ligar às Feiras Francas e festas dêste ano tinham sido inicialmente marcadas para 1, 2 e 3 do corrente. Porém circunstâncias ponderáveis, certamente, levaram as Ex.mas Comissões a transferi-las para 29, 30 e 31 de Agosto (...）」* (Sem autor, A Vanguarda, 1947, p.3).

Saiu uma notícia no mesmo jornal, na edição do dia 14 de setembro, com o título “Festas Do Concelho”. Neste artigo do quinzenário A Vanguarda, podemos encontrar uma descrição muito detalhada do que foram as festas nesse ano. Desde as ornamentações, às músicas, sessões de fogo, à visita oficial do senhor governador civil,

*«(...) O Senhor Governador Civil do Distrito, na sua segunda visita oficial ao concelho, na sessão solene da recepção, depois de outros discursos, fez desassombradas afirmações, como primeiro MAGISTRADO DO DISTRITO (...）」* (Sem autor, A Vanguarda, 1947, p.1-4).

Os concursos folclóricos e de ornamentação de janelas, e ainda, o longo discurso do presidente da Câmara Municipal são também reportados. No ano de 1947, as festas do concelho voltaram a ganhar o brilho que tiveram noutros tempos. Pois nos anos anteriores foram consideradas um pouco apagadas, como não sendo feitas com o brio que este concelho merecia,

*«(...) Dar aos nossos respeitáveis leitores de longe e de perto um relatório minucioso do que foram as festas e feiras do nosso concelho que há tantos anos não se realizavam com tão invulgar brilhantismo, seria tentar o impossível no limitado espaço do nosso jornal. Por isso, em notas fugidas vamos dar só uma pálida ideia (...）」* (Sem autor, A Vanguarda, 1947, p.1-4).

### 6.2.3 1948-1950: Festas e Feiras Francas do Concelho e Festa do Mártir S. Sebastião

Podemos perceber pelo artigo publicado a 27 de junho de 1948 pelo jornal A Vanguarda, que as «festas do concelho» estiveram sem se realizar até ao ano de 1947, só então sendo reanimadas,

*«É que as nossas festas, as festas do concelho, não podiam cair novamente em tumular silêncio em que jazeram até ao ano transacto: ressuscitaram voltaram á vida (...)»* (Sem autor, A Vanguarda, 1948, p.1).

A festa religiosa que é associada a este evento, já não é a de Nossa Senhora da Lapa, mas sim a do Mártir São Sebastião, assim ficando definido para o futuro,

*«Este ano também vai ter lugar a quando estas festa a antiquíssima festa religiosa do Mártir S. Sebastião de grande devoção entre os arcuenses a qual rematará com uma vistosa e imponente procissão desfilará pelas ruas do costume no último domingo de Agosto.*

*E, para alegria de todos de todos os arcuenses, fica resolvido e definitivamente assente que de futuro as festas do Mártir S. Sebastião se hão de realizar nas festas do concelho (...)»* (Sem autor, A Vanguarda, 1948, p.1).

Passam também a existir duas comissões, uma para as festas religiosas e outra para as festas profanas,

*«A comissão das festas religiosas, distinta da comissão das festas profanas, tem trabalhado com todo o afinco, no sentido de dar toda a grandeza e religiosidade aos actos a realizar»* (Sem autor, A Vanguarda, 1948, p.1).

Dos vários números que as festas tiveram aquele que mereceu mais destaque foi a procissão do Mártir São Sebastião, que passou pelas ruas do costume, e era esperado que fosse a procissão mais imponente que a vila dos Arcos alguma vez tivesse,

*«(...) Dos diferentes números desta festa vai destacar-se a procissão pelas ruas do costume, indo á Valeta, a qual segundo informações colhidas, será a mais imponente de todas quantas nos Arcos se têm realizado (...)»* (Sem autor, A Vanguarda, 1948, p.1).

No que diz respeito á data exata da realização das festas, não se encontra informação precisa em relação a este assunto, no entanto, pelas notícias podemos concluir que se

realizou no fim do mês de agosto, sendo que a 22 desse mês saiu uma notícia a dar conta de que se estava a poucos dias da realização das mesmas,

*«Os Arcos em festa*

*Estamos a poucos dias das festas e feiras anuais do nosso concelho»* (Sem autor, A Vanguarda, 1948, p.1).

#### **1949**

No ano de 1949, as datas das festas são os dias, 26,27 e 28 de agosto, e a comissão de festas está muito empenhada em divulgá-las nas aldeias, que davam um contributo muito importante a estas festas com os produtos da lavoura, sendo também uma forma de demonstrarem interesse pelos produtos da terra,

*«A comissão continua, com todo o ardor e entusiasmo, a percorrer as aldeias, para quem as festas são também: e justo é dizer que tem sido recebida como provas de bairrismo e manifesta dedicação pelas coisas da nossa terra»* (Sem autor, A Vanguarda, 1949, p.1).

Neste ano, a comissão das festas do Mártir São Sebastião é completamente distinta da das festas profanas e é anunciada uma procissão na tarde do dia 28 pelas principais ruas da vila, por esta altura já as festas do concelho tinham atingido um nível nunca antes visto, pois aos poucos estavam a tornar-se numa festa de referência,

*«Está demonstrado à evidência, que as Festas estão bem entregues, estão em boas mãos. Por isso toda a Ex.ma Comissão deve, desde já, ir pensando na realização das de 1950. É o bem da terra que o exige, é o nosso bom nome que o impõe»* (Sem autor, A vanguarda, 1949, p.1).

#### **1950**

Mais um ano, o terceiro, em que as «festas do concelho» são organizadas pelo Grémio do Comércio, considerando-se

*«(...) que as festas do concelho são uma nota de vida e expressão real do bairrismo arcuense. O comércio nada tem a perder. As feiras francas com concursos pecuários e exposição agrícola são, um forte e poderoso incentivo para o nosso lavrador»* (Sem autor, A Vanguarda, 1950, p.1).

Apela-se ainda a que se apresentem outras indústrias caseiras como a da tecelagem e, em articular as tecedeiras de Távora, que não se tinham feito representar em anos

anteriores, para que compareçam nas feiras para vender os seus produtos que tanto orgulham os arcuenses.

Como já referimos no Capítulo 4, também se tenta fixar o trajar à arcuense, quer para homens, quer para raparigas, deixando-se de parte os trajes á vianesa.

No que diz respeito as festas religiosas, em honra do Mártir São Sebastião, eram consideradas um forte atrativo para os crentes. A procissão em sua honra realizou-se no dia 2 e contou com a presença de muitas pessoas vindas de fora,

*«A procissão realizada em 27, prendeu a atenção dos milhares de forasteiros que nela se incorporaram e se apinhavam ao longo do percurso. Tomaram parte activa naquele extenso e vistoso cortejo religioso quatrocentas pessoas que se conduziram sempre na mais respeitosa atitude. Foram bandeiras e cruzeiros, que não contamos, eram vinte e dois lindos andores, setenta e dois anjinhos, etc.*

*Abriram alas no meio da massa compacta do povo duas patrulhas da G.N.R. sob as ordens do 2.º sargento sr. Figueiredo e a Polícia de Segurança Pública.*

*A corporação dos nossos Bombeiros, ia comandada pelo Adjunto do sr. Comandante, sr. Amândio da Rocha. Sob o pálio ia o sr. Arcipreste do concelho, Rve.o P.e Brito Dantas. que se fazia acolitar pelo Rev.o P.e de S. Jorge, Manuel Alves e de Paçô, Cesário de Miranda.*

*O orador foi o Rev.o P.e Manuel Fernandes de Sá, ilustre filho deste concelho e pároco em Entre-os-Rios, Ponte da Barca» (Sem autor, A Vanguarda, 1950, p.1).*

## **1951**

No ano de 1951, apenas foi encontrada uma nota no quinzenário regionalista A Vanguarda, publicada a 8 de julho, de que as festas do concelho se iriam realizar no mês de julho, do dia 13 ao 15.

### **6.2.4 1952-1957: Festas e Feiras Francas do Concelho**

A partir do ano de 1952, as notícias sobre as festas do concelho deixam de falar sobre festas religiosas, isto é, não é encontrada em nenhuma fonte notícia que as relacione seja com Nossa Senhora da Lapa, seja com o Mártir São Sebastião. Também neste ano a comissão organizadora das «Festas e Feiras Francas do Concelho» não foi recebida como de costume, pois, segundo se pode ler nas notícias da época, a população estava a passar por dificuldades financeiras. Contudo, apela-se a todos os arcuenses para que façam um

esforço, pois as festas são um sinal de vitalidade da vila e das suas gentes, ainda que não se realizem com o brilho dos anos anteriores.

Posteriormente é publicada uma notícia no jornal A Vanguarda, no dia 17 de agosto, que diz que as festa se realizariam do dia 29 a 31 de agosto. Mais tarde, o mesmo jornal publica outra notícia sobre as festas do concelho onde faz um resumo de como correram, e onde felicitam a comissão de festas,

*«As festas no concelho, de que demos larga reportagem aos nossos assinantes e leitores, remataram num brilhantismo apoteótico.*

*Se tivéssemos de fazer comentários, diríamos que a Comissão promotora foi felicíssima no delineamento e condução de todos os números do programa»* (Sem autor, A Vanguarda, 1952, p.1).

Este foi também o último ano em que a organização das festas esteve a cargo do Grémio do Comércio, pois o presidente da Câmara Municipal, José dos Santos, decidiu retirar as festas a esta comissão que já as vinha a organizar há cerca de 6 anos, criando assim uma comissão com homens da sua inteira confiança,

*«O sr. Presidente da Câmara entendeu retirá-las daquele e constituir as comissões com pessoal da sua confiança. E muito bem. Assim se vem praticando desde há pelo menos 5 anos»* (Sem autor, A Vanguarda, 1957, p.4).

### **1953 – 1956**

De 1953 a 1956, as festas do concelho decorreram com normalidade, no ano de 1953 foi introduzido um novo número no último dia das festas, a grandiosa serenata no rio Vez, barcos enfeitados que vão desfilando ao longo do rio, cada ano tem um tema diferente,

*«Para encerramento das Festas: Grandiosa Serenata no Rio Vez, com barcos lindamente engalanados e iluminados por um distinto artista de Braga, o que constituirá um grande espetáculo de sonho e beleza. Para complemento deste número, prestará o seu concurso um agrupamento musical da nomeada, da cidade do Porto, formado unicamente por distintos amadores, o qual ofereceu, gentilmente, a sua colaboração»* (Sem autor, Notícias dos Arcos, 1954, p.6).

Com exceção do ano de 1954, em que as festas estiveram quase para não se realizar devido ao conflito em Goa, Damão e Dio,

*«Passado que foi este período de angustiante expectativa da anunciada «invasão pacífica» dos nossos territórios de Goa, Dio, trabalha-se agora afincadamente para que as Festas do Concelho deste ano se revistam da maior luminosidade e esplendor» (Sem autor, Notícias dos Arcos, 1954, p.6).*

## **1957**

No ano de 1957 as festas do concelho já não se realizaram. A 11 de agosto, o jornal A Vanguarda publica um artigo onde se pode ler que o presidente da Câmara Municipal decidiu nesse ano não formar comissão por todos os elementos que foram escolhidos se terem negado a assumir este compromisso,

*«Festas do Concelho*

*Chovem-nos de todos os recantos os pedidos de informação sobre as Festas, a efectuar em Agosto decorrente respostas na tradição (interrompida havia anos) pela Câmara de 1946, de cuja comissão foi presidente o ex-vereador Sr. António Pereira Barbosa. Esta comissão entregou-as ao Grémio do Comércio que as estava a realizar com raro brilho.*

*O sr. Presidente da Câmara entendeu retirá-las daquele e constituir as comissões com pessoal da sua confiança. E muito bem. Assim se vem praticando desde há pelo menos 5 anos.*

*(...) este ano o Sr. Presidente resolveu não constituir a dita Comissão, por se lhe negarem todos os elementos que procurou, apesar de lhe continuarem a merecer a confiança vários cavalheiros desta vila – com capacidade para a efectivarem.*

*Parece-nos que uma comissão constituída pelos senhores Aventino Saraiva, Vasco Segadas, Adolfo Sampaio, Professor Augusto Veloso e quaisquer outros que ajudassem a completar a equipe de trabalho, seria uma boa comissão.*

*Ficam com a palavra reservada as entidades oficiais deste concelho, em número suficiente para efectuar as Festas. Se não forem mais brilhantes, sejam mais modestas. Uma certeza deve surgir: a realização das Festas do Concelho de Arcos de Valdevez» (Sem autor, A Vanguarda, 1957, p.4).*

\*

Só em 2009 se voltariam a fazer festas do concelho com a designação de «Festas de Nossa Senhora da Lapa».



## NOTAS CONCLUSIVAS

O nosso ponto de partida para a esta investigação foi, sendo as nossas raízes familiares profundas arcuenses, a nossa própria vivência, desde, respetivamente, 2009 e 2010, das «Festas de Nossa Senhora da Lapa» e da «Festa de Nossa Senhora da Porta», assim como a informação disponibilizada sobre elas pelo site da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez e que esteve disponível até meados de julho do corrente ano de 2021:

«A implantação em 1758 do culto a Nossa Senhora da Lapa na vila de Arcos de Valdevez estimulou a edificação de um templo religioso em sua homenagem, concluído em 1767, sendo deste período as primeiras manifestações públicas de celebração, que se mantiveram constantes até meados do século XX. Retomadas em 2009, as festividades passam a integrar, e a titular, as Festas do Concelho, realizadas no segundo fim-de-semana de agosto, devolvendo aos arcuenses uma das suas mais importantes e simbólicas festividades religiosas.» ([https://www.cmav.pt/pages/1710?poi\\_id=451](https://www.cmav.pt/pages/1710?poi_id=451)).

«Na primitiva fachada da Igreja da Misericórdia, existia um nicho com a imagem em pedra da Senhora da Misericórdia, a que carinhosamente o povo começou a chamar de Senhora da Porta. Em 1733, devido ao mau estado em que se encontrava o frontispício, a Mesa Administrativa decidiu fazer obras de remodelação, tendo sido o Arcebispo de Braga informado, em 1735, da construção de um altar na fachada, sobre o pórtico, pedindo a Irmandade autorização para o benzer e nele rezar missa.

Todos os anos, no princípio do mês de setembro, se fazia uma novena em honra da Senhora da Porta, consagrando-se o dia 7 em sua honra, dia em que se abria o seu “oratório” à noite, com iluminação, e se celebrava uma missa. A devoção que a população do concelho dedicava à imagem, era expressa na enorme quantidade de cera, roupa, cereais, animais e peças em ouro que ofereciam à Senhora da Porta, como pagamento de promessas. Devido às restrições orçamentais que a Misericórdia se viu forçada a fazer nos finais do século XIX, deixou de se realizar a festa em sua honra.

Em 2010 a Irmandade da Misericórdia retomou a tradição, organizando, no terceiro fim de semana de setembro, uma festa de cariz popular, que tenta recriar o ambiente alegre e espontâneo das romarias antigas do Alto Minho. Assim, para além de saborear a boa gastronomia e provar o vinho novo da região, assistir à chegada dos romeirinhos com as suas ofertas à Senhora, pode partilhar da alegria esfusante das rusgas que

percorrem toda a festa, e terminar a noite, madrugada dentro, num dos bailes mandados que os ranchos das várias freguesias organizam.» ([https://www.cmav.pt/pages/1710?poi\\_id=449](https://www.cmav.pt/pages/1710?poi_id=449)).

Acreditamos que a investigação a que procedemos contribui para melhor se conhecerem os antecedentes das atuais festas.

Por um lado, relativamente às origens das duas invocações, à construção e equipamento móvel das respetivas igrejas procuramos oferecer aos leitores deste trabalho o estado atual dos conhecimentos sobre estas questões.

Por outro lado, usando a *Memória Paroquial de S. Paio dos Arcos*, datada de 1758, os manuscritos de Cândido Gomes, e os jornais arcuenses disponíveis na Hemeroteca Digital disponibilizada pela Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, recolhendo e analisando as notícias que se referem sucessivamente às «Festas de Nossa Senhora da Lapa», às «Festas e Feiras Francas do Concelho e Festas do Mártir São Sebastião» e, finalmente, às «Festas e Feiras Francas do Concelho», cremos ter contribuído para que melhor se conheça a história destas festas.

Quando elaborámos o nosso projeto de investigação planeámos dedicar-nos fundamentalmente a dois tipos de abordagem, uma de carácter histórico e outra, acompanhando a preparação e o decurso destas festas no ano de 2020, mais de carácter antropológico. Os constrangimentos causados pela atual pandemia impediram essa segunda vertente da investigação que havíamos planeado, tanto mais que nenhuma das festas se realizou no ano de 2020. Devemos também tornar claro que os constrangimentos referidos também limitaram a investigação de carácter histórico que planeámos inicialmente porque, por exemplo, só pudemos usar os recursos da Hemeroteca Digital que não sabemos se disponibiliza todos os jornais que efetivamente se incluem nas coleções.

Terminando esta dissertação, estamos convictos de que, ao longo dela, se foram clarificando muitos aspetos relativos às festas em honra de Nossa Senhora da Lapa e, sobretudo usando os resultados da vastíssima investigação levada a cabo por Maria Odete Neto Ramos no âmbito da sua tese de doutoramento, relativamente às manifestações de devoção e cerimónias em honra de Nossa Senhora da Porta. Mas – cremos que de forma muito salutar – colocam-se-nos agora muitas outras perguntas

que poderão dar mote para pesquisas futuras, levadas a cabo por nós ou por outros investigadores.

Assim, ao longo do século XX, parece-nos que houve simultaneamente – ou paralelamente – a vontade de realizar na vila de Arcos de Valdevez festas do concelho (até tendo como tema central a celebração do Recontro de Valdevez), de feição totalmente civil, mas também a de associar as festas do concelho a festas religiosas, fosse às festas de Nossa Senhora da Lapa, fosse às do Mártir São Sebastião, associação que, num caso e no outro, apesar da grande adesão dos arcuenses, durou apenas por alguns poucos anos. Na verdade, ao longo do século XX, tanto quanto pudemos apurar usando os recursos documentais aos quais tivemos acesso, na maioria dos anos, as «Festas do Concelho» e «Festas e Feiras Francas do Concelho» não foram associadas a festas ou, sequer, celebrações religiosas. Porquê? Por razões políticas? Porque havia aqui, entre aqueles que tinham capacidade para organizar as festas, um espírito de cariz republicano que pretendia conquistar autonomia em relação a celebrações religiosas? Ou foram estas flutuações devidas às vontades – ou falta delas - dos organizadores de cada ano, civis e clérigos?

A partir de 1957 e até 2009, as «Festas do Concelho» não se realizaram. Porquê? Já se sentia neste concelho de Arcos de Valdevez o impacto da emigração dos homens que, quando começou a guerra colonial em África, muitas vezes levavam também consigo os seus filhos rapazes menores de 18 anos (antes de terem que pedir a respetiva licença militar)? E porque é que, depois do 25 de Abril de 1974 e de finda a guerra colonial, não se fizeram festas do concelho durante quase trinta e cinco anos? Porque se faziam sentir os efeitos da emigração de décadas anteriores? E porque é que, em 2009, no segundo ano de uma gravíssima crise financeira, se voltaram a realizar? Como resultado de uma dinâmica conjunção de vontades do atual Arcipreste de Arcos de Valdevez e do executivo municipal de então? O mesmo acontecendo com as «Festas de Nossa Senhora da Porta», a partir de 2010, resultando da conjunção de desígnios e esforços da Santa Casa da Misericórdia, do Arcipreste e do município?

Nestas «Notas Conclusivas» pareceu-nos importante deixar enunciadas estas questões, entre outras que nos parecem pertinentes, por exemplo relativas aos impactos económicos destas celebrações, e que, no nosso entender, justificam que estas festas continuem a convocar futuras pesquisas de diversa índole.



## **BIBLIOGRAFIA**

### **Artigos de Jornal, entrevistas**

- Afonso, I. (08 de 04 de 2010). Fantástica talha da lapa feita pelos melhores da época. (J. C. Ferreira, & F. Assis, Entrevistadores), p. 5.
- Ferreira, J. C., & Assis, F. (2010/04/08). Património. Diário do Minho, pp. 02-08.
- Ferreira, J. C., & Assis, F. (2010/04/30). Património. Diário do Minho, pp. 02-08.
- Freitas, A. (30 de abril de 2010). Igreja da Lapa é local de recolhimento e oração. (J. C. Ferreira, & F. Assis, Entrevistadores), p. 7.

### **Meios de comunicação audiovisuais**

- Afonso, L., Esteves, J., & Araújo, F. (16 de setembro de 2019). Festas da Senhora da Porta contou com milhares de pessoas. (A. Cunha, Entrevistador). Disponível a partir de  
[https://www.youtube.com/watch?v=RwNAbKUfI14&ab\\_channel=AltoMinhoTV](https://www.youtube.com/watch?v=RwNAbKUfI14&ab_channel=AltoMinhoTV)

### **Fontes impressas**

- Noticias dos Arcos, (1945- 1957). Disponível a partir de <http://memoriaarcuense.cnav.pt/hemeroteca#pesquisar>
- A Vanguarda, (1945- 1957). Disponível a partir de <http://memoriaarcuense.cnav.pt/hemeroteca#pesquisar>
- Gomes, José Cândido. (várias datas). *A terra de Valdevez Vol. II*. Disponível a partir de <http://memoriaarcuense.cnav.pt/publicacoes#undefined>
- Gomes, José Cândido. (várias datas). *A terra de Valdevez Vol. III*. Disponível a partir de <http://memoriaarcuense.cnav.pt/publicacoes#undefined>

### **Estudos**

- Ramos, Odete. (2013), A gestão dos bens dos mortos na Misericórdia de Arcos de Valdevez: Caridade e espiritualidade (séculos XVII – XVIII), Tese de Doutoramento, Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais, pp. 204-224.
- Silva, F. R. (maio de 1998). O Tripeiro. *Os Primórdios da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa*, pp. 132-133.
- Silva, F. R. (03 de 2013). A Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa do Porto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, pp. 216-221.

## Livros

Afonso, L., Ramos, O., Campo, L., & Pimenta, E. (2008). *A Igreja da Misericórdia dos Arcos de Valdevez Apontamentos sobre a sua História*. Arcos de Valdevez: Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, pp. 13 – 47.

Areiro, J. B. (1995). *Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez - 4º Centenário 1595 - 1995*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, pp. 33– 43.

Cabral, J. d. (1989). *Filho de Adão, Filhas de Eva A Visão do Mundo Camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Etnográfica Press.

Caldas, E. d. (1994). *Terra de Valdevez e Montaria de Soajo*. Lisboa: Verbo, pp. 95– 138.

Capela, J. V. (2005). *As freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto Minho Memória, História e Património*. Braga: Casa-Museu de Monção/ Universidade do Minho, pp. 25– 26.

Choay, F. (1999). *A Alegoria do Património*. Edições 70.

Gonçalves, F. (1973). *Inventário Artístico da Região Norte*.

Leite. (1939). *A Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa Erecta na Cidade do Pôrto*. Porto: Emp. Industrial Gráfica do Pôrto, Lda.

Manso, A. (2010). Ordem da Lapa. Em J. E. Franco, J. A. Mourão, & A. C. Costa Gomes, *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal* (pp. 206-209). Gradiva Publicações S.A.

Pereira, E., & Rodrigues, G. (1904). *Dicionário Histórico*. Lisboa: João Romano Torres, p. 114

Pires de Oliveira, E. (2003). *Os alvares do Rococó em Guimarães e outros estudos sobre o barroco e o rococó de Minho*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, pp. 205- 236

Smith, R. C. (1973). *André Soares, arquitecto do Minho*. Lisboa: Editorial Minerva.

## Webgrafia

<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/->

[/search/629790/details/normal?q=lei+107%2F2001+de+8+de+setembro](https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/629790/details/normal?q=lei+107%2F2001+de+8+de+setembro) (Diário da República Eletrónico) – consultado a 10/09/2020

<https://www.culturanorte.gov.pt/areas-de-intervencao/patrimonio->

[cultural/patrimonio-imaterial/](https://www.culturanorte.gov.pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/) (Direção Regional de Cultura do Norte) Consultado 12/09/2020

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2193) (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) Consultado a 10/09/2020

<https://www.mundoportugues.pt/arcos-de-valdevez-prepara-se-para-as-festas-de-nossa-senhora-da-lapa/> (Mundo português) Consultado à 14/11/2020

<https://www.cmav.pt/> (Câmara Municipal de Arcos de Valdevez) Consultado a 14/11/2020

<https://folia.pt/> (Associação de Festas e Animação Cultural de Arcos de Valdevez) Consultado a 20/11/2020

<http://memoriaarcuense.cmav.pt/> (Portal de Memoria Arcuense) Consultado a 10/9/2020

<http://memoriaarcuense.cmav.pt/hemeroteca> (Portal da Memoria Arcuense Hemeroteca) Consultado a 10/03/2021

<http://www.scmav.pt/> (Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez) Consultado a 20/09/2020

<http://www.bnportugal.gov.pt/9> (Biblioteca Nacional) Consultado a 15/12/2020

[http://www.patrimonio-santarem.pt/imagens/3/carta\\_de\\_deschambault.pdf](http://www.patrimonio-santarem.pt/imagens/3/carta_de_deschambault.pdf) (ICOMOS Canadá) Consultado a 15/02/2021

## Entrevista a um promotor da realização das festas

**Adelaide Rouceiro (Doravante, AR): Questões prévias**

**1. Quais as instituições envolvidas, e como se processa?**

- **AR: Quem operacionaliza as festas? Quem são as pessoas que estão envolvidas?**

Promotor da realização das Festas (doravante, PRF por: Adelaide Rouceiro): A festa da Senhora da Lapa tem uma base municipal. As festas do concelho, de há uns 10 anos para cá, associaram essa festa [do concelho] à devoção de Nossa Senhora da Lapa que se tinha ido perdendo há algumas décadas atrás. Na base, a organização encontramos-la sempre na organização do município que tem uma associação que é a «Folia» que vai, de certa forma, orientando tudo aquilo que vai acontecendo nessa mesma festa. A dimensão religiosa está ao meu cuidado; também peço a colaboração aos meus colaboradores da fábrica da igreja ou da confraria do Santíssimo [Sacramento] para me ajudarem a montar essa festa com eucaristia, com a procissão, mas sempre em parceria com a associação «Folia» e com o município.

**AR: Quem convoca os participantes para a procissão?**

PRF: Sou eu.

**AR: Como se faz essa seleção?**

PRF: Lançamos um desafio através da comunicação social para poderem participar tanto seja nas coisas na procissão, mas também naquele especto dos figurados; há muito a tradição dos figurados aqui no Norte de maneira que lançamos esse desafio, as pessoas vão-se inscrevendo ou através do [posto de]

Turismo, ou através da sede da Junta [de Freguesia], ou através da paróquia para poderem participar nesse evento.

**AR: Não há quem participe por promessa, ou por tradição?**

PRF: Ultimamente não têm aparecido muito. Há um ou outro que ainda aparece com essa vontade de cumprir promessa, que se refere por exemplo para levar o pálio, ou, concretamente, algumas bandeiras, entre as quais se destaca a bandeira de Nossa Senhora da Lapa ou a bandeira de São Bento que são aquelas que mais sobressaem na procissão e relativamente às quais as pessoas, de certa forma, vão também fazendo promessas e querem cumpri-las através de levar os estandartes.

**AR: Eu este ano, (2019), tive a oportunidade de assistir à celebração da missa em honra de Nossa Senhora da Lapa e pude constatar que houve um andor que foi convidado a participar na procissão.**

PRF: Convidamos sempre um andor. Têm sido sempre invocações marianas e, para já, têm sido do concelho de Arcos de Valdevez as convidadas a participar nesta festa, de maneira que lançamos o convite essa invocação, vem a sua imagem que é muito bem exposta em cima do andor e é esse o andor que vai ficar a ladear a Nossa Senhora da Lapa no dia da festa, dentro e fora da igreja, durante a eucaristia e depois, sempre com maior proximidade do andor de Nossa Senhora da Lapa que é ela que preside às festas. Temos essa tradição; foi colocada por mim, um bocadinho para chamar á atenção de que esta festa não é apenas aqui da vila, mas é de todo o concelho e assim encontramos essas intuições.

**AR: Mas tem sido rotativo?**

PRF: Sim. Até se podem oferecer. Não há nenhuma norma que rege esse convite.

**AR: E o caso do moto clube? Eles oferecerem-se para participar?**

PRF: O moto clube? Lançamos um desafio às associações para poderem participar também na procissão e na festa de Nossa Senhora da Lapa. Lançamos esse desafio para que houvesse uma participação mais visível e encontramos esse

espaço que é o do carregar dos andores. Assim, vamos encontrar, por exemplo, a «Folia» a assumir o andor de Nossa Senhora da Lapa, o rancho folclórico de São Paio assumiu o de uma imagem da igreja do seu padroeiro, o andor de Nossa Senhora da igreja de São Paio, e este ano assumiram também levar o andor convidado porque também era de São Paio que foi o de nossa Senhora dos Remédios.

**AR: Em relação ao vestuário nas procissões quem trata desse aspeto? Como funciona?**

PRF: Depende do vestuário nas procissões: há material que é da paróquia, as opas, para de certa forma dignificar um bocadinho a procissão, para as pessoas não irem de qualquer maneira, a opa aparece um bocadinho nessa função de tornar a procissão mais agradável aos olhos, dignificando-a mais um pouco. Depois vamos encontrar o aspeto dos figurados e que é a própria «Folia» que convida uma empresa para nos ajudar a tratar das roupas dos figurados. É um bocadinho dessa forma, é muito caseiro, para além dos figurados é tudo material que temos cá que é devidamente cuidado ao longo do ano para que depois no dia da procissão esteja no seu melhor.

**AR: Questões prévias:**

**Como se organizam as procissões?**

**Os participantes:**

- **Como são convocados?**
- **Como se sabe quem vai?**
- **Quem vai tocar a música?**

**AR- Como é convocada a música?**

PRF: Nós temos um coro sempre convidado para nos ajudar na eucaristia. Depois, para a procissão, a associação «Folia» contrata sempre uma banda de música ou a fanfarra dos bombeiros voluntários. Neste caso, no ano que passou e ultimamente tem sido sempre isto: a banda musical arcuense, a sociedade musical arcuense e têm animado

esta procissão muito bem, com um belo enquadramento, dignificando cada vez mais esta procissão.

**AR: Questões prévias:**

- **Papel desempenhado pelas confrarias**

**AR: Há alguma confraria responsável pela Nossa Senhora da lapa?**

PRF: Não, não há. Neste momento, é a própria paróquia que gere todo o espaço de Nossa Senhora da Lapa e a sua devoção, mas sim antigamente havia uma confraria, confraria que era forte.

**AR: Era uma confraria muito forte economicamente e que chegou a mandar fazer obras no templo?**

PRF: Sim, Sim. Estamos a falar de uma confraria que aparece em meados do século XVII/XVIII, salvo erro, e que vão de certa forma adaptar a igreja de São Braz a esta igreja que é hoje a igreja de Nossa Senhora da Lapa e convidaram os melhores artistas para isso mesmo, entre os quais o Frei Vilaça; o altar-mor é da autoria do frei Vilaça, os laterais são de um colaborador que também era de Braga, salvo erro, e, então sim, a arquitetura da igreja é de André Soares.

**AR: Este ano pude observar que a Confraria da Santa Casa da Misericórdia esteve presente na missa de Nossa Senhora da Lapa. Qual era a sua função?**

PRF: Eles, a população, vêm com bastante entusiasmo, com bastante rigor. Há muitas críticas sobre isso, pela presença deles, mas é extraordinário que uma instituição como a Santa Casa da Misericórdia se preocupe em vir a uma festa e que venham trajados a rigor. Infelizmente cada vez mais se vê que as pessoas já não se importam com isso, mas ainda encontramos instituições que procuram prezar estas tradições e que se mostram à altura e isso é muito bom.

**AR: O Frei Vilaça também não fez obras na igreja de Nossa Senhora da Porta?**

PRF: Creio que sim. Acabaram por fazer várias obras nas igrejas aqui da vila de Arcos de Valdevez, sobretudo porque quase todas elas aparecem nesta altura. No caso, por exemplo, da igreja matriz é reconstrução; a igreja do Espírito Santo é reconstrução; a

igreja da Lapa foi a conversão da igreja de São Braz para a igreja de Nossa Senhora da Lapa. De maneira que sim, há aqui uma influência muito grande.

**AR: Porque é que houve essa conversão de S. Braz para Nossa Senhora da Lapa?**

PRF: Porque se calhar a Confraria de São Braz já estava um bocadinho esmorecida e apareceu esta devoção, que era uma devoção com grande força.

**AR: Uma devoção de origem beirã?**

PRF: Sim.

**AR: Um pouco estranho?**

PRF: Era de cá, uma devoção que apareceu a nível nacional. Nossa Senhora tem um grande impacto na nossa população, não podemos esquecer isso. Apesar de São Braz ser uma grande referência para o nosso povo, Nossa Senhora marcou, marcou muito e tanto é que a nossa nação esteve sempre confiada a Nossa Senhora através de reis e por aí fora, de maneira que é normal que a Nossa Senhora da Lapa assumisse esse esplendor a nível nacional e que aparecesse também aqui no Minho com um santuário lindíssimo.

**AR: Questão prévias:**

- **Como se inscrevem?**
- **Quem trata do vestuário da procissão?**
- **Manifestações devocionais**
- **Quais são as principais manifestações?**

**AR: Quais são as principais manifestações de devoção em relação a Nossa Senhora da Lapa, para além desta festa? Vai tendo mais pontos altos ao longo do ano?**

PRF: Não, só tem esta.

**AR: Questões prévias:**

- **Como se processa a arte efémera?**
- **O fogo de artifício fica a cargo da câmara municipal?**

- **Como é que a vila se envolve?**

**AR: A vila envolve-se muito nesta festa?**

PRF: Sim, sem dúvida.

**AR: Traja a rigor? As pessoas põem panos nas janelas? Ainda se mantém essa tradição?**

PRF: Já não se vê tanto. No Largo da Lapa, durante a missa e no percurso da procissão, encontramos algumas pessoas que ainda mantêm essa tradição de colocar as suas melhores colchas às janelas; são as colchas que só saem das arcas uma vez ao ano, o que é, em parte, por causa desta devoção; mantem-se um bocadinho esta tradição. As pessoas envolvem-se mais na participação na eucaristia, em carregar as coisas necessárias para a procissão mais do que propriamente nessas tradições que se foram perdendo. Encontramos alguns sinais ainda dessas manifestações, tal como um tapete ao longo da rua; mas já não se vêem tanto. Vê-se na festa de Nossa Senhora do Castelo. Na festa da Senhora da Lapa ainda não se vê com tanta euforia o que eram as manifestações populares, podemos assim dizer, que manifestavam o agrado pelo passar de Nossa Senhora. Hoje encontramos esses sinais, mas são diferentes: é a participação muito mais presencial, e a verdade é que realmente há uma afluência muito grande de pessoas que querem ver a procissão passar o Campo do Trasladário que fica a abarrotar de pessoas que ficam ali durante muito tempo, à espera que Nossa Senhora passe.

**AR: Questões prévias:**

- **O circuito da procissão (houve alterações ao longo dos tempos? como é que a população reage?)**

**AR: Houve alterações ao circuito da procissão ao longo dos tempos? Ou pelo contrário o circuito sempre foi o mesmo?**

PRF: Não, houve alterações, várias vezes. Se há uma coisa que me preocupa sempre é a dignidade da procissão e há aqui na vila, às vezes, alguns elementos que me preocupam. Nós temos o Campo Trasladário, mas o Campo Trasladário está situado ao pé de uma praia fluvial e está também situado onde funcionam as barracas, com os bares, e onde há toda aquela animação, às vezes casas de CDs, de jogos, e também as barracas de vendas. O que eu peço sempre é que, realmente, para passar a procissão haja dignidade;

por isso, no diálogo com aqueles que colaboram e, sobretudo, com aqueles que organizam comigo esta procissão, temos vindo a ver de que forma podemos manter ou melhorar a procissão. Ora ela, inicialmente, não passava no Campo Trasladário; nos primeiros anos, descia aqui por esta rua, junto à residência da Casa das Artes, e andava por aqui por cima; o Campo Trasladário era impensável. Há uns anos atrás, depois de dialogarmos muito e de tentarmos assegurar realmente o silêncio e a dignidade necessária, a verdade é que se conseguiu. E, desde então, já há alguns anos que tem vindo a passar no Campo Trasladário.

**AR: Questões prévias:**

- **Transfiguração da terra?**
- **Diferenças entre as procissões?**

**AR: Há alguma relação entre as duas festas (Nossa Senhora da Lapa e Nossa Senhora da Porta) ou são completamente distintas?**

PRF: São distintas, muito distintas. Não nas imagens, não na devoção a Nossa Senhora, porque é Nossa Senhora num lado e no outro. Mas são festas totalmente distintas. A festa de Nossa Senhora da Lapa está enquadrada no segundo domingo de agosto; é um ambiente muito folclórico, com uma envolvência e um convívio diferente, procuramos também aproveitar a presença dos emigrantes, criar um ambiente propício à confraternização entre a comunidade que está cá e a comunidade que está fora e que, de repente, se desloca até cá para matar saudades e por aí fora. É uma festa mais «festeira».

**AR: E sempre se realizou em agosto ou é mais recente esta data?**

PRF: Eu acho que ela acabou por ser colocada em agosto por causa da questão dos emigrantes; penso que nem sequer era em agosto. Já me fizeram referência a que ela também era mais tardia; de maneira que ela assumiu o seu lugar no mês de agosto, eu creio que por causa da questão dos emigrantes.

**AR: A festa de Nossa Senhora da Porta não tem procissão? Já teve em tempos? Como funciona atualmente?**

PRF: Eu creio que há muitos anos deve ter tido alguma coisa, mas, desde que eu estou cá, não. Ainda não encontramos o enquadramento para ela, e também não quero inventar uma procissão por inventar. Eu creio que o mais importante é que nós conseguirmos recuperar o culto á volta desta festa de Nossa Senhora da Porta porque a verdade é que, durante muitos anos, não tinha nenhum tipo de expressão religiosa dentro das tradições.

**AR: Quando eu falei com a Doutora Lúcia, ela disse-me que a festa da Senhora da Porta se realizava aquando da festa da Senhora da Peneda e que, entretanto, deixaram de a realizar na mesma altura porque coincidiam e passaram a realizar a Senhora da Porta mais tarde. Foi por uma questão de dar espaço às duas, não tirar atenção a nenhuma?**

PRF: Não sei. A verdade é que eram duas festas que implicavam romagem.

**AR: A Senhora da Porta atualmente não mantém essa tradição, pois não?**

PRF: A Senhora da Porta mantém um bocadinho, numa dimensão mais de folclore um bocadinho reposta, agora a tradição da romagem tal como ela era, como a da Senhora da Peneda já não se vê muito nesta dimensão de romagem de pessoas que iam fazer a caminhada, levando os seus primeiros frutos, partilhando um bocadinho os bens que tinham com Nossa Senhora e, muitas vezes, esses bens eram usados depois para aguentar a novena, também vamos ver isso, e eram comercializados. Por exemplo à Senhora da Porta, a maior parte dos bens que eram levados a Nossa Senhora da Porta, depois eram vendidos ou eram dados às pessoas necessitadas com quem a Santa Casa da Misericórdia tinha obrigações, que eram as de socorrer os mais necessitados, de maneira que ocorria a esses bens para poder dar resposta aos mais necessitados, aos pedidos que lhe eram feitos. De maneira que a festa da Senhora da Porta, na sua romagem, enquadra-se, sim senhor, numa altura das colheitas porque é aí que vamos encontrar a maior parte das romagens que tem realmente esta simbologia das colheitas e por aí fora e a Senhora da Porta tem isso.

**AR: O que é a bênção das uvas atualmente?**

PRF: Nós aí enquadrámos a bênção das uvas um bocadinho também para contextualizar esta época das colheitas e por aí fora, acaba por ser das uvas e acaba por ser de tudo aquilo que aparece como fruto da terra nesta altura, que é a altura das colheitas.

**AR: Em relação à confraria, neste caso já é diferente porque temos a confraria da Santa Casa da Misericórdia.**

PRF: A confraria de Nossa Senhora da Porta, eu não sei se tinha confraria. Ela é gerida pela Santa Casa da Misericórdia, e aí a doutora Lúcia deve saber responder melhor a isso.

**AR- Qual era a importância da Senhora da Porta para o povo arcuense?**

PRF: Pronto, a Senhora da Porta era também a Senhora que acolhia, era a entrada da vila, as pessoas tinham que passar por ali, e apanhou essa designação e a verdade é que criaram uma porta estrondosa para acolher todos aqueles que vinham. De maneira que eu entendo muito bem que a população que vinha estivesse um bocadinho enamorada de Nossa Senhora da Porta, encontra-se nela um conforto, porque ela na verdade é apresentada com grande esplendor, é quase como uma protetora na entrada e na saída [da vila]. Às vezes pensamos só na entrada, mas as pessoas também queriam levar um bocadinho de esperança para as suas casas e estamos a falar de pessoas que viviam totalmente desligadas desta realidade que é a realidade urbana; já naquele tempo era uma realidade urbana, mas eles viviam nas suas aldeias, no meio do monte, onde não havia estradas, e eles tinham de desbravar caminhos para vir até cá e a verdade é que tinha com certeza um grande impacto na vida dessas pessoas.

**AR: Atualmente as confrarias não tem qualquer impacto na vida religiosa, ou têm?**

PRF: Temos algumas ainda a funcionar: temos a confraria do Santíssimo [Sacramento] que dá apoio a tudo o que tem a ver com o culto; nas outras freguesias encontramos outras que têm também dado apoio na dimensão dos funerais, mas não têm o peso que tinham antigamente, nem a presença que tinham antigamente. Já as vemos um bocadinho a desaparecer, o que é pena. As confrarias cumpriam uma função e infelizmente vão perdendo um bocadinho o sentido da sua função. Às vezes queremos simplificar demasiado as coisas e quanto mais as simplificamos mais as perdemos.

## Fontes Impressas

1945

**5 de agosto de 1945 – Notícias dos Arcos p.4**

**«Festas da Lapa**

*Quando toda a gente estava convencida de que não teríamos, este ano, a dita de gozar as festas em honra de N.a S.a da Lapa, a quem o ano passado foi consagrado, solenemente, o nosso concelho, eis que nos chega a agradável notícia de se haver constituído uma comissão, entre os rapazes do corpo dos nossos Bombeiros Voluntários – de quem aquela Senhora é padroeira – a fim de levar a cabo, no próximo mês de Setembro, as tradicionais e afamadas festas. Aplaudimos, calorosamente a decisão dos garbosos rapazes, que merecem o auxílio de todos os que entendem que o nome da sua terra vale tanto como o seu próprio nome.*

*No próximo número indicaremos a data certa das festas em referência e os nomes dos componentes da comissão.*

*As Festas da Lapa! As Festas da Lapa!*

*Que alegria para muitos e que saudades para tantos outros!»*

**19 de agosto de 1945 – Notícias dos Arcos p.2**

**«Festas da Lapa**

*Conforme noticiamos no penúltimo número deste semanário, a corporação dos nossos Bombeiros Voluntários tomou a grande responsabilidade de este ano, organizar as tradicionais e afamadas festas de Nossa Senhora da Lapa. Padroeira dos arcuenses!*

*É mais um serviço, entre tantos, que aquela corporação presta a esta terra, motivo pelo que todos temos obrigação de dar o auxílio que possamos.*

*As festas realizam-se nos dias 15 e 16 de Setembro próximo.*

*Aquela corporação organizou também uma comissão constituída pelas meninas: Maria Natália Tavarela, Maria Armanda Amorim, Maria Cândida Amorim, Maria Orlanda da*

*Silva, Virgínia Araújo, Filomena Araújo, Amália Lobato, Júlia Martins, Céu Martins e Estela Machado.»*

### **23 de setembro de 1945 – Notícias dos Arcos p.2**

#### **«Festas de Nossa Senhora da Lapa**

*A comissão encarregada de levar a efeito as festas em honra de Nossa Senhora da Lapa, para o ano de 1946, é constituída pelos seguintes senhores:*

*António Maria Borges Pacheco, Jorge Duarte de Carvalho, Luiz Magno da Rocha Araújo, Albano Valério de Amorim, Henrique Esteves de Araújo e Henrique de Sousa.*

*Seis rapazes dinâmicos, de cuja atividade se esperam umas festas esplendorosas».*

### **1946**

### **14 de julho de 1946 – Notícias dos Arcos p.3**

#### **«Festas da Lapa**

*Não. Não são só as outras terras que sabem realizar festas.*

*Nós, os arcuenses, também nos orgulhamos de as saber fazer.*

*Não querem ter dúvidas?*

*Venham assistir às de Nossa Senhora da Lapa e terão ocasião de ver que os nossos arraiais minhotos, as iluminações, as ornamentações, os nossos bailados, as nossas danças e descantes são incomparavelmente belos, são inimitáveis.*

*Não tenham dúvidas.*

*As que se vão realizar nos próximos dias 10 e 11 de Agosto serão uma prova do que deixamos dito.*

*A comissão que afanosamente vem trabalhando para esse fim não se poupa a trabalhos para que elas resultem brilhantíssimas.*

*As festas religiosas, serão também imponentes.*

*Povo dos Arcos! Povo da Nossa terra! ...*

*Sabei mostrar que sois bairristas.*

*Ajudai a comissão, pois ajudando enalteceis a terra que vos é querida.*

*Embandeirai e iluminai as vossas casas.*

*Assim glorificais, também a Virgem da Lapa».*

## **28 de julho de 1946 – Notícias dos Arcos p.2**

### **«Festas da Lapa**

*Duas cálidas semanas, apenas, nos separam das Festividades a que grandiosamente assistiremos – se Deus nos der Vida e saúde – e que vão efectuar-se em honra de Nossa Senhora da Lapa, Padroeira dos Bombeiros Voluntários desta vila.*

*Ao que consta, o programa em projecto prima pelo ineditismo e beleza das suas diferentes partes.*

*A concorrência, a avaliar pelos demais anos, deverá ser extraordinária.*

*Disseram-nos que a respectiva Comissão Festeira tenciona deslocar para o Campo Trasladário o arraial de sábado.*

*Se olharmos, somente, as publicas comodidades, o local não poderia ser melhor escolhido pois que, dentro da vila, nem o há mais amplo nem mais ameno.*

*Se, porém, tal acontecesse e viesse a adotar-se idêntica solução para outros arraiais, lá se nos ia de todo o valor inerente à tradição e, com ele, tudo o que de mais belo existe para a gente minhota, aferradamente conservadora. Nesta ordem de ideias seria então preferível assentar no seguinte: a festa dos Remédios, passaria a fazer-se igualmente, no Campo Trasladário: a do Carmo, nas Pedrosas: a da Peneda, transitaria para Giela, etc. etc. etc... para comodidade do indígena. Acham bem?».*

## **1947**

### **3 de agosto de 1947 – A Vanguarda p.3**

#### **«Festas e Feiras Francas do concelho de Arcos de Valdevez**

##### **Programa Geral**

*Dia 29: (sexta-feira)*

*Às 6:30 h. – Alvorada com salva de morteiros, banda de música «Zés P'reiras» e repiques de sinos em todas as igrejas da vila.*

*Às 9 h. – Hasteamento, no edifício da Câmara Municipal da Bandeira do Concelho.*

*Fará a guarda de honra uma formação do corpo activo dos Bombeiros Voluntários, que se fará acompanhar da sua banda de música.*

*Às 10 h. – Inauguração da FEIRA FRANCA por entidades oficiais, assistidas do Senhor Presidente da Câmara e respectiva Vereação.*

*Às 15 h – Início do Concurso Pecuário com 3 valiosos prémios aos melhores exemplares de gado bovino, cavalar e porcino.*

*À noite – Atraente Festival, Concertos, Musicais, Magnífica sessão de fogo de artifício.*

*Dia 30 (Sábado)*

*Às 6:30 h.- Alvorada com as mesmas demonstrações do dia anterior. GRANDE FEIRA FRANCA.*

*Às 14 h. – Concurso agrícola organizado pelo Grémio da Lavoura local, com distribuição de valiosos prémios aos melhores produtos regionais que se apresentem no recinto da feira.*

*À noite- Atraente festival, concertos Musicais, Magnífica sessão de Fogo de Artifício.*

*- Haverá estrado reservado para dança.*

*Dia 31 (Domingo)*

*Às 6:30 h.- Alvorada, idêntica a dos dias procedentes.*

*Às 10 h.- Concurso de janelas e varandas ornamentadas com 3 prémios para as mais artísticas.*

*Às 14 h.- Início do Torneio de Tiros aos Pombos com 8 valiosos prémios e 2 taças.*

*Às 23 h.- Marcha de Ranchos Populares com 1 prémio*

*Surpreendente Festival*

*Novos concertos musicais*

*Sessão de fogo preso e do ar*

*Que rematará por um lindíssimo «bouquet»*

*///*

*Durante os dias festivos 5 Escolhidas bandas de música, tocarão no recinto principal das Festas e em coretos colocados em várias ruas da vila.*

**GIGANTONES E CABEÇUDOS**

*Vistasas ornamentações e deslumbrantes iluminações no edifício dos Paços do Concelho, Campo Trasladário, Ponte e Ínsua do Vez.*

*No decorrer das 3 noites de festival subirão ao ar aeróstatos luminosos.*

**3 de agosto de 1947 – A Vanguarda p.3**

**«Feiras Francas em Arcos de Valdevez**

*Propositadamente encimamos com este titulo: Feiras francas em Arcos de Valdevez, duas palavras que vamos escrever àcêrca das festas do concelho que este ano vão ser levadas a efeito.*

*Segundo o nosso modo de ver, é mais sugestivo êste titulo, do que o de: Festas do Concelho. E a razão é esta: - Às Feiras francas com festas, é mais fácil poder ir: nas festas com Feiras Francas, vai o dinheiro e torna a vir.*

*Embora inspirada, saiu uma quadra sem pensarmos, cujo sentido não precisa de explicação. É que às feiras com festas, o nosso povo, principalmente o povo das nossas aldeias acorre com mais entusiasmo, porque vende e compra a gozar: às festas simplesmente, muita gente deixa de ir. A filha mete a mãe por intermediária para o pai dar licença, o que muitas vezes não consegue (refiro-me às filhas que o sabem ser e que ainda sabem religiosamente respeitar a autoridade paterna e não àquelas que pecadoramente repelem tão sagrada autoridade para impor o seu cruel feroz egoísmo).*

*Mas para ir às feiras francas já a dificuldade diminui porque vai levar qualquer coisa de que pode fazer dinheiro. Por isso estão de parabéns os que alvitram as feiras francas nas festas do concelho.*

*Sim, teremos aqui os regatões e apreciadores do bom gado bovino, suíno, cavalari e porcino, os quais se deslocam de longes terras. Haja em vista o que se passa com as imponentes feiras novas de Ponte de Lima, aonde aflui gente de terras bem afastadas.*

*As festas do concelho são sempre caracterizadas por um sentido local o que já não acontece com as feiras principais do ano. Oxalá que as feiras francas dos Arcos, com as suas festas, principiem em boa hora e que o nosso Município, num bem compreendido bairrismo e para um aliciente estímulo da nossa lavoura, inaugure e vinque bem o dia das Feiras Francas, de tal modo que elas não venham a deixar este mundo só com 3 dias de idade, como tem acontecido a tantas obras e empreendimentos de variadas feições, que quasi desapareceram ao nascer. Se em todos os anos elas não poderem ser as deste ano, façam-nas mais modestas, porque é melhor assim do que as não fazer.*

*É que estas feiras com o seu concurso pecuário e agrícola e o seu folclore regional, pobre ou rico, são uma das notas frisantes da vitalidade do povo de uma região. E se dentro da mesma vila surgissem, dum antro escuro e sem a luz do progresso, grupos de rivais, raquíticos e infêzados, de visitas curtas e espirito tacanho a fomentar rivalidades mesquinhas, e inexplicáveis emulações, as dignas comissões e a Edilidade daquele ano, deviam passar soberana e varonilmente por cima desses espíritos atrofiados, os quais enquanto esgrimem no ar, só servem para empate do progresso material e moral dum povo.*

*Incondicionalmente aplaudimos a ideia de ligar as Feiras Francas e festas deste ano que tinham sido inicialmente marcadas para 1, 2 e 3 do corrente. Porém circunstâncias ponderáveis, certamente, levaram as Ex.mas Comissões a transferi-las para 29, 30 e 31 de Agosto, precisamente o último domingo em que invariavelmente se realiza a festa estatutária da Senhora dos Remédios, estamos disso bem informados. Por isso a ninguém poderá passar pela mente que as festas da Senhora dos Remédios propositadamente se ligaram às do concelho.*

*Vão, pois realizar-se as festas do concelho, as quais havia tantos anos estavam sepultadas no túmulo do esquecimento.*

*Vão inaugurar-se as feiras francas que vão ser as mensageiras de uma nova era de bairrismo e progresso para a vila e para todo o concelho. Aqui virão as rubicundas camponesas ostentando os seus mais aguerridos trajés, de açafate à cabeça com toalha de alvo linho e franjas a esvoaçar... vêm trazer os frutos da sua lavra... a comunicativa alegria do seu viver... os seus descantes, enfim, de sabor regionalista. Aqui veremos representada a indústria caseira com os seus lindos tecidos de côres cambiantes e caprichosos desenhos. E nisto leva a palma a todas, a freguesia de Távora, onde a tecelagem se exerce em larga escala e muito mais se desenvolveria se tivéssemos acarinhado aquela arte com estímulo dum prémio anualmente distribuído à tecelôa ou tecedeira que melhor trabalho apresentasse. Lá se confeccionam cobertas, toalhas, tapetes, com policromos relevos que prendem a atenção de quem-quer-que-seja.*

*A vila vestirá as suas melhores galas... à luz fascinante dos raios eléctricos cruzando-se em todas as direcções em vivas e variadas côres, caindo a jorros em tôdos os seus recantos, os fustões, ora em exquisitos zigue-zagues, ora em coloridas paralelas, os elegantes galhardetes a drapejar, os fustes floridos de esbeltas colunas sustentando galantes floreiras, a harmonia dos melodiosos acordes a perfumar os ares, arrancados por bandas de nomeada... tudo, tudo, vai constituir um conjuntos de rara beleza, de maravilha e assombro. Mas, melhor do que nós, fala o vasto programa, elaborado pelas Ex.mas Comissões e que noutro lugar inserimos.*

*Leiam-no tôdos para avaliarem do brilhantismo, colorido e luzimento de que prometem revestir-se as nossas festas, de cuja inauguração nos vai dar a honra o supremo magistrado do Distrito, o Snr. Governador Civil.»*

#### **14 de setembro de 1947 – A Vanguarda pp. 1-4**

*«As Festas do Concelho, de 29 a 3 p. p., foram duma rara beleza. A alegria esfusante do nosso povo e dos forasteiros subiu, por vezes, ao auge, no decorrer de tão esplendorosas festas.*

*O Senhor Governador Civil do Distrito, na sua segunda visita oficial ao concelho, na sessão solene da recepção, depois de outros discursos, fez desassombradas afirmações, como primeiro MAGISTRADO DO DISTRITO.*

*Dar aos nossos respeitáveis leitores de longe e de perto um relatório minucioso do que foram as festas e feiras do nosso concelho que há tantos anos não se realizavam com tão invulgar brilhantismo, seria tentar o impossível no limitado espaço do nosso jornal. Por isso, em notas fugidas vamos dar só uma pálida ideia.*

*Com o sol a espreitar a medo através das densas nuvens que no espaço se desenhavam em montanhas de algodão, em boa hora principiaram as Festas e Feiras do nosso Concelho que há anos não se faziam.*

*As ornamentações*

*A nossa vila já tão rica de enfeites que a Natureza lhe deu, teve a mão do homem a adorná-la com gosto e carinho, a emprestar-lhe mais beleza se é possível ainda.*

*As ruas com flâmulas e galhardetes de diferentes tonalidades, arcos e fustões de garridas côres; as janelas com os seus balcões floridos pela natureza ou pelos artífices, as varandas com as suas graciosas pérgolas caprichosamente levantadas, só por si já eram motivo de atração, gôso e alegria.*

*Mas o que mais prendia a atenção de todos, era a fachada principal do Campo Trasladário.*

*Em arcos ricamente floridos e obeliscos de sabor gótico, marchetados de lâmpadas eléctricas de cores cambiantes, aquela frontaria, quando desenhada no escuro da noite pela poderosa torrente de luz, prendia e deslumbrava.*

*O resto do campo, ponto de escolha obrigatória para festas desta grandeza, era um mar de luz casada com o verde das tílias e coada pelo branco das tulipas.*

*Teve fino e delicado gosto o sr. Lira, de Felgueiras, a quem foram confiados.*

*As Músicas*

*As músicas foram variadíssimas.*

*Desde a longa fila de Zés P'reiras de fato branco, barrete vermelho e facha incarnada, gaitas de foles a acompanhar os cabeçudos e gigantones, que são alegria dos miúdos – e até dos graúdos – até ao notável agrupamento artístico Nº 6 do Porto, que nos deliciou com o seu vasto e escolhido repertório, a nossa vila, completamente pejada de pessoas de fora e de todos os recantos do concelho, viveu três dias em doce embalo das ondas sonoras das bandas aqui chamadas, e que foram: de S. Tomé, Távora, Arcuense, Matosinhos e a já referida do 6 do Porto.*

*Não faltaram as harmónicas e concertinas com ferrinhos e pandeiretas, a acompanhar os grupos folclóricos trajando a indumentária regional.*

#### *Sessões de Fôgo*

*Foram três sessões de fôgo de artifício.*

*O fôgo prêso encantou a assistência pelo seu conjunto e disposição. O do ar, em três sessões, pela combinação e variedade de cores, num crescendo de maravilha, terminou deixando deslumbrados os milhares de espectadores.*

*As águas do Vez, completamente iluminadas, reflectindo a luz de poderosos projectores, formavam um lindo lago de cristal de sonho e de encanto, com a ínsua ao centro toda iluminada a cores diferentes.*

*A marcha luminosa dos ranchos populares foi muito concorrida, dum lindo efeito.*

*As feiras de gado e de produtos agrícolas estiveram regularmente concorridas*

#### *Concurso Folclórico*

*Houve prémios, estabelecidos pela Comissão de Festas, para os grupos folclóricos que melhor se apresentaram. O prémio coube ao grupo de S. Jorge; o 2º ao de Oliveira e o 3º ao de S. Cosme.*

#### *Concurso de Janelas*

*Como acima dizemos as janelas e varandas estavam ornamentadas a primôr. O primeiro prémio de janelas, coube ao sr. José Rodrigues de Sousa, o 2º ao sr. Dr. Juiz de Direito e o 3º ao Grémio do Comércio.*

Varandas

*O primeiro prémio foi atribuído ao sr. Acindino Borges Pacheco, o 2º à sr.ª D. Marocas Barros Lima e o 3º ao sr. Manuel Joaquim Barros Alves»*

## **1948**

### **27 de junho de 1948 – A Vanguarda p.1**

#### **«As Festas e Feiras Francas do Concelho realizam-se em 27, 28 e 29 de Agosto**

*A nossa vila, vila velhinha de Valdevez... velhinha pela sua fundação de recuados tempos e sempre nova no espírito, sacudido e irrequieto, vivendo em prementes aspirações de sucesso, vivaz alegre, preciosas qualidades que os nossos maiores nos legaram, já se movimenta para a realização das suas festas e Feiras anuais.*

*É que as nossas festas, as festas do concelho, não podiam cair novamente em tumular silêncio em que jazeram até ao ano transacto: ressuscitaram, voltaram á vida. E é para que elas vivam que o comércio local, o operariado e as pessoas de todas as condições sociais se dão as mãos e se unem para um fim comum, qual é a conservação da vida pujante e bela das lindas festas de Valdevez.*

*São tradições que devem continuar, são costumes que traduzem a vitalidade dum povo. Este ano constituem a comissão os srs.: - José António Leitão, José Joaquim Crespo, António Pereira Barbosa, Aurélio Pereira Alves, Rogério Soares de Azevedo, Fernando Carvalhosa de Freitas, Fernando Tavela Lobo e Manuel Galvão. São nomes sobejamente conhecidos do nosso meio comercial. Estão a trabalhar com todo o afinco para que o brilhantismo predomine em todos os actos. Salvo um ou outro que não tem a mais leve noção do que sejam bairrismo e amor pela sua terra, toda a vila tem recebido a comissão com cavalheirismo e compreensão dos deveres que lhe impõe a realização das festas anuais.*

*Este ano também vai ter lugar aquando estas festas a antiquíssima festa religiosa do Mártir S. Sebastião de grande devoção entre os arcuenses a qual rematará com uma vistosa e imponente procissão que desfilará pelas ruas do costume no último domingo de Agosto.*

*E, para alegria de todos de todos os arcuenses, fica resolvido e definitivamente assente que de futuro as festas do Mártir S. Sebastião se hão de realizar nas festas do concelho. Destas, damos hoje um esboço do*

#### *Programa*

*DIA 27 – Às 6:30 horas, uma salva de morteiros, bandas de música e o repicar dos sinos de todas as igrejas anunciarão o começo das grandes Festas e Grande Feira Franca.*

*Às 11 horas concertos musicais.*

*Às 15 horas início do concurso pecuário com 3 valiosos prémios aos melhores exemplares de gado bovino, cavalar e porcino.*

*À noite, atraente festival – concertos musicais e magnífica sessão de fogo de artifício pelos mais afamados pirotécnicos portugueses.*

*DIA 28 – Às 6:30 horas, alvorada com as mesmas demonstrações do dia anterior. Continuação da Grande Feira Franca.*

*Às 11 horas, Concertos Musicais.*

*Às 14 horas, início do Concurso Agrícola organizado pelo Grémio da Lavoura local, com valiosos prémios aos melhores produtos regionais que se apresentarem no recinto da feira.*

*Às 16 horas, Concertos musicais pelas afamadas bandas de «Freamunde» e «Arcuense» - Magnífica sessão de fogo de artifício – Arraial Minhoto com estrado reservado para dança.*

*DIA 29 – Às 6,30 horas, alvorada, idêntica à dos dias anteriores.*

*Às 10 horas, Concertos Musicais.*

*De tarde, Concertos Musicais.*

*Às 21 horas, marcha de ranchos populares com prémio.*

*À noite, Grande Festival – concertos musicais pelas afamadas bandas de música «Arcuense» e «Municipal de Vila Verde» - lindíssima sessão de fogo preso e do ar que*

*rematará por um lindo bouquet – Interessante Serenata com vistoso fogo aquático e do ar.*

*5 afamadas bandas de música.*

*Deslumbrantes iluminações e vistosas ornamentações.*

*Gigantones e cabeçudos.*

*Muitos atractivos:*

*- Barracas de comes e bebes, barracas de sorteio, carrocéis, escolas de tiro, parque de automóveis eléctricos, etc. etc.»*

**Domingo 11 de julho de 1948 – A Vanguarda p.1**

#### **«AS FESTAS DO CONCELHO**

*A comissão das Festas do concelho, continua a trabalhar activamente por um pleno exito de brilho e grandeza das nossas festas.*

*É grande o entusiasmo que vai através do concelho. Segundo informações recebidas, já se organizaram grupos folclóricos em que se exhibirá a característica indumentária regional, ranchos e tocatas com os seus típicos descantes e se preparam concorrentes para o grande concurso pecuário. É que a projecção das festas dos Arcos não fica dentro dos limites de um lugar ou duma freguesia; vai a todos os recantos do concelho. E é por isso mesmo que, todo o concelho deve concorrer para o seu luzimento.*

*Sim, o nosso concelho de tradições tão nobres e paisagens tão belas, deve ter anualmente a sua festa comum.*

*Encravado, qual pedra preciosa, no coração deste Minho dum colorido fascinante, pintado em tons cambiantes pela mão do Criador, o nosso concelho não podia deixar de ter no seu seio gente viva, alegre e folgazã. Gente que trabalha a cantar., por entre luxuriante vegetação e a fertilidade dos seus vales, para tornar mais leve a enxada quando cava a terra e mais suaves as árduas tarefas da vida campestre.*

*Conjuga-se esforço e aglutinam-se vontades para vestir das suas melhores galas a nossa vila que Pereira de Cunha cantou:*

*Vila dos Arcos, que a sorrir desatas;*

*D'entre cascatas que delicias dão.*

*Sim, é deliciosa a posição da nossa vila que vai regurgitar de forasteiros de 27 a 29 de Agosto. Já está organizada a comissão das festas religiosas do Mártir S. Sebastião para 29»*

**Domingo 8 de agosto de 1948 – A Vanguarda p.1**

**«As festas do concelho com as do Mártir S. Sebastião**

*Integradas nas festas do concelho, a que nos vimos referindo na «Vanguarda», realizam-se as tradicionais festas do Mártir S. Sebastião de S. Paio desta vila, de tanta devoção dos arcuenses.*

*A comissão das festas religiosas, distinta da comissão das festas profanas, tem trabalhado com todo o afinho, no sentido de dar toda a grandeza e religiosidade aos actos a realizar. Dos diferentes números desta festa vai destacar-se a procissão pelas ruas do costume, indo á Valeta, a qual segundo informações colhidas, será a mais imponente de todas quantas nos Arcos se têm realizado. Anjinhos e dezenas de figuras simbólicas, serão a nota mais áacre a viva do religioso cortejo. Em 15 andores, delicadamente ornamentados, serão levados outras tantas belas e formosas imagens.*

*Alto-falantes, transmitirão da igreja paroquial o sermão, por um distinto orador sacro, e as cerimónias religiosas.*

*Nos dias anteriores, haverá na igreja da freguesia, vários actos de culto e devoção ao Mártir.*

*Para acorrer às despesas, terá lugar no Transladário um bem sortido bazar de prendas.*

*A briosa e incansável Comissão das festas profanas, já fechou os contractos com os artistas que hão de dar grandeza, sonho, luz e côr às festas tão dilectas dos arcuenses, tais com Bandas de música, pirotécnicos, iluminadores, ornamentadores, etc.*

*Arcuenses! Não negueis o vosso contributo às comissões que levadas pelo seu bairrismo, tanto têm trabalhado para as nossas lindas Festas.»*

**Domingo, 22 de agosto de 1948 – A Vanguarda p.1**

**«Os Arcos em festa**

*Estamos a poucos dias das festas e feiras anuais do nosso concelho.*

*A nossa vila, graciosa e linda, está a mudar de traje, a vestir as melhores galas que mais fazem sobressair os traços, bem vincados de beleza que a Natureza lhe deu.*

*O rio desliza silencioso e mansinho para não importunar a formosa Princesa do Vez que ora vai a receber dentro das suas portas, com a mais requintada fidalguia, milhares e milhares de hóspedes e forasteiros.*

*O Vez, primeiro quadro que atrai e seduz o turista, que desde já se sente magnetizado por ele quando se encontra no vasto Trasladário ou sobe ao Jardim dos Centenários, vai ser um grande lago de fogo e luz que numerosas lâmpadas de cores cambiantes hão-de projectar no seio das suas águas, rompendo as trevas da noite. As frondosas e entrelaçadas tílias da nossa larga avenida, neste mês festivo e quente de Agosto, têm sombra que reconforta e aroma que tonifica. O Jardim dos Centenários, com o seu pitoresco lago, beijado pelos chorões e perfumado pelo aroma inebriante de mimosas flores, é altaneira varanda e doce miradouro para ver chegar tão poético rio que maviosamente canta ao ladear as edénicas paragens do Toural, onde principia com garbo e ufanía a estender a larga toalha de prata e a caminhar para a vila, que vaidosamente aguarda o seu romântico amplexo, desde as velhas azenhas até à mágica recta fluvial das Pedrosas...*

*A Lapa, a cheirar ao café, centro de atração para apaixonados da aromática bebida, e, vá lá! dos que pretendem estar a par do dia-a-dia dos factos e das coisas... a Lapa onde se fala de tudo...*

*Sim, todas estas paragens vão ser lugares de alegria, de luz e de cor na principal festa do ano, na festa do nosso Município.*

*A fachada principal da «avenida» das tílias, da autoria do sr. Lira de Felgueiras, artista de nomeada, vais ser imponente e majestosa.*

*A feira movimentada e as diversões variadas: as músicas e os descantes populares: a indumentária e o folclore regional: o fogo de artifício de Libório de Lanhelas. Alberto da Costa & Filhos e de Sousas da Barca, para os três dias de festa; a procissão do Mártir em 29, rica de cores, álaçre de anjinhos, majestosa de andores e grave de figuras simbólicas.*

*... Tudo isto que os nossos olhos já vêem, vai constituir um conjunto de beleza, arte e poesia. E tudo isto há-de compensar os aturados trabalhos das briosas comissões e os sacrifícios que os arcuenses fizeram, dando o seu dinheiro para as festas principais da nossa terra.*

*Na igreja da freguesia da vila - S. Paio – far-se-á ouvir o Ver. P. Paulo Marcelino da Conceição, grande orador sacro e notável escritor do Porto.»*

### **1949**

#### **Domingo 24 de julho de 1949 – A Vanguarda p. 1**

##### **«As festas do concelho realizam-se em 26, 27 e 28 de Agosto**

*A nossa vila, tão bela e tão galante, de sobrançes encantos com que a Natureza e enriqueceu, aguarda ansiosa o momento do início das festas do concelho.*

*A comissão continua, com todo o ardor e entusiasmo, a percorrer as aldeias, para quem as festas são também: e justo é dizer que tem sido recebida como provas de bairrismo e manifesta dedicação pelas coisas da nossa terra.*

*Os programas são completos; têm números de verdadeira atracção.*

*A Feira Franca, os arraiais nocturnos, o grande arraial Minhoto, tudo docemente embalado pelos acordes melódiosos e artísticos das afamadas bandas de música de Freamunde e Arcuense, e garrido pelas delicadas ornamentações do vasto Tasladário, formará um conjunto harmónico de magia, sonho e cor.*

*Os ranchos populares prosseguem nos seus ensaios e cuidadosamente afinam as cordas das violas e cavaquinhos e as cantadeiras perfilam-se para as cantigas ao desafio.*

*E as fontes espalhadas por edénicos recantos, na sua frescura e sossego, chamam, pelos poetas para as coroarem com a doçura das suas quadras de rítmica suavidade.*

*E assim, enamorado pela riqueza da paisagem e possuído do mais delicado sentimento, e embevecido na contemplação dos fundos de maravilha com que a Natureza dotou o lindo Vale do Vez... meditando numa noite de luar que se imerge na águas do nosso Vez, onde a lua se retrata, ou aguardando, numa manhã de fresco orvalho, o lindo nascer do sol que vem saltando de serra em serra, de monte em monte e chegada até nós coado pela rama dos pinheiros, pela encosta perfilados, António Ribeiro Canta assim a sua terra:*

*A minha terra é tão linda*

*É tão lindo o seu luar*

*Que Deus não achou ainda*

*Melhor céu para lhe dar.*

*As fontes beijam, cantando,*

*Pedrinhas que o sol mordeu;*

*As andorinhas, voando,*

*Desenham ARCOS no céu.*

*Que maravilha DE VAL!...*

*Que bem que a vida ali vai!...*

*Ó terras de Portugal,*

*Olhai a minha e corais!*

*Passam as pombas em filas...*

*Logo atrás duas ou três.*

*Cansa-se a vista a segui-las*

*Vão e vem... e vão DE VEZ.*

*Foi feliz na inspiração.*

*Pelas Ruas da vila andaram no último mercado quinzenal a anunciar as festas os «Zés P'reiras» com gaita galega.*

*Oxalá todos contribuam na medida do possível para aumentar o brilho das festas da nossa terra.»*

**Domingo, 21 de agosto de 1949- A Vanguarda p. 1**

#### **«AS FESTAS DO CONCELHO**

##### ***Vão revestir-se de imponência, brilho e cor***

*Graças ao bairrismo tenacidade e espírito dinâmico de um grupo de homens, ciosos das belas tradições da sua terra as FESTAS DO CONCELHO irão realizar-se mais uma com aquele brilho e esfusante alegria que tanto caracteriza o bom povo do Minho.*

*E como os arcuenses são orgulhosos do seu nome, imprimindo sempre a grandeza e solenidade nos actos que públicamente realizam, as Festas do concelho deste ano, em nada poderão desmerecer as do ano transacto. Estamos a uns quatro dias das Festas. Tudo se movimenta. A vila veste-se das suas melhores galas.*

*O vasto Trasladário, com o verde das frondosas tílias de sombra benéfica, toma um aspecto garrido, em conjunto harmonioso.*

*É ali o centro principal e obrigatório das festas, pois não há na vila outro mais espaçoso nem mais pitoresco.*

*A graciosa Ínsua que a Natureza tão bem colocou abaixo do Trasladário, no nosso rio, também vai ser iluminada.*

*As ornamentações do sr. Lira, conhecido ornamentista de Felgueiras, prometem ser dum efeito surpreendente, principalmente a frontaria do Campo.*

*As sessões de fogo preso e do ar dos abalizados pirotécnicos, Silvas de Viana, Costas e Sousa da Barca, tornarão as noites cheias de magia e de encanto.*

### ***Festas do Mártir S. Sebastião***

*A comissão destas festas, inteiramente distintas das Festas do Concelho, promete levar a feito na tarde de 28, uma majestosa procissão pelas principais ruas da vila.*

*Damos a seguir ao leitor o programa completo das Festas do concelho:*

*DIA 26 – Às 8 horas – Uma salva de morteiros e um grupo de Zés P'reiras, anunciarão o começo das festas. Feiras francas. Às 14 h; início de concertos musicais pela Banda Arcuense. Às 17 h; início do Concurso Pecuário com valiosos prémios aos melhores exemplares de gado bovino, cavalar e porcino. Festival nocturno – Concertos musicais e uma sessão de fogo de artifício, por distinto pirotécnico.*

*DIA 27 – Às 8 horas, Alvorada com as mesmas demonstrações do dia anterior. Feiras Francas. Às 14 h; Concertos musicais pela Banda Arcuense. Às 15 h; início do Concurso Agrícola organizado pelo Grémio da Lavoura, com Valiosos prémios aos melhores produtos regionais que se apresentam no recinto da feira. Entrada da Banda, de reconhecida fama, de Revelhe, que executará o melhor do seu vasto reportório. À noite, atraente Festival com concertos musicais pelas afamadas bandas de «Revelhe» e «Arcuense», magnífica sessão de fogo de artifício e Arraial Minhoto com estrado reservado para dança.*

*DIA 28 – Às 8 horas, Alvorada idêntica a dos dias anteriores. Às 10 h; Concertos musicais pela «Banda Arcuense». Às 15 h; Entrada da excelente «Banda de Freamunde. Às 17 h; Concertos musicais pelas Bandas de grande reputação de «Freamunde» e «Arcuense» que tocarão o melhor do seu escolhido reportório. À noite, Grande Arraial, concertos musicais, marcha de Ranchos Populares e entrega de prémios aos melhores, lindíssima sessão de fogo do ar e preso pelos melhores pirotécnicos nortenhos. Às 20 h; no recinto fechado ao fundo do Campo, classificação e distribuição de prémios aos Ranchos.*

*A bem do serviço público, nos 3 dias de festas funcionará uma cabine sonora com potentes alto-falantes.*

*Feéricas iluminações e vistosa ornamentação. Gigantones e Cabeçudos. Barracas de comes e bebes, carroceis, escolas de tiro, barracas de sorteios, automóveis eléctricos, etc; etc.»*

**Domingo, 4 de setembro de 1949- A Vanguarda pp. 1-2**

**«As Festas do Concelho**

**revestiram-se de toda a grandiosidade.**

***A procissão do Mártir S. Sebastião atraiu à vila milhares de pessoas***

*Foram duma grandiosidade sem par as festas do concelho.*

*Todos os números do programa, se cumpriram rigorosamente.*

*O vasto Trasladário, profusamente iluminado em artísticas decorações de tons cambiantes, a sobressair do escuro verde de frondosas tílias, oferecia um aspecto encantador. Desde a Rua Teixeira de Queirós à Lapa e daqui pela Rua 28 de Maio ao Campo, fustões e galhardetes, flores graciosamente dispostas e lindos franjados a debruar painéis de cores fulgurantes, os milhares de forasteiros caminhavam num entusiasmo crescente.*

*Mas o trecho mais atraente desenhava-se sobre a ponte. Os arcos com centenas de lâmpadas eléctricas, em conjunto gracioso de mimosas cores, foram duma inspiração feliz.*

*A frontaria do Campo, cravejada de milhares de lâmpadas coloridas, bordada com delicadeza e fino gosto, chamava a atenção de todos.*

*Mas, segundo o nosso modo de ver, se tivesse mais altura, lucrava em elegância. Diversões de toda a ordem, atraíram graúdos e miúdos. Foram maravilhosas as três sessões do fogo do ar.*

*Os concursos agrícolas e pecuário, foram muito concorridos.*

*No concurso pecuário, para a distribuição dos prémios, o Júri foi constituído pelos srs. Dr. António Silva Dias, Dr. José Pedro do Rosário, da Intendência Pecuária de Viana do*

*Castelo, Júlio de Abreu Viana, pela Comissão de Festas e António José de Sousa pelo Grémio da Lavoura.*

*Os prémios foram assim distribuídos:*

*TOUROS – 1.º prémio, no valor de 180\$00 coube a Avelino António Rodrigues de Lavradas, Ponte da Barca: 2.º de 160\$00., a Fernando Fernandes, de Ázere.*

*NOVILHOS – Primeiro prémio, de 160\$00, aa José Rodrigues, de Távora, St.ª Maria.*

*VACAS DE CRIAÇÃO E TRBALHO – Luís Alves Neiva, de Muía, Ponte da Barca.*

*1.º prémio, 180\$00. 2.º - Manuel José Cerqueira, de Paçô, 140\$00. 3.º - Manuel Amorim, de Vilafonche, 110\$00. 5.º - Francisco Esteves, de Vilafonche, 90\$00. 6.º - José Gonçalves da Rocha, de Oliveira, 80\$00. 7.º - Manuel Rodrigues, de Senharei, 50\$00.*

*NOVILHAS ISOLADAS ATÉ 2,5 ANOS – 1.º prémio, Manuel José da Costa, de Monte Redondo, 130\$00. 2.º José da Silva Rodrigues, de Souto, 100\$00. 3.º - Augusto Cerqueira de Abreu Viana, de Cendufe, 800\$00. 4.º - José Fernandes, de Monte Redondo, 40\$00.*

*NOVILHAS JUNTAS ATÉ 2,5 ANOS – João Rodrigues, do Crasto, Ponte da Barca, 1.º prémio, 160\$. 2.º - Joaquim da Cunha, de Souto, 130\$00. 3.º - Manuel de Brito, de Tabaçô, 120\$00. 4.º - Manuel Cândido, de Souto, 100\$00. 5.º - Luís Alves Neiva, de Muía, Barca, 80\$. 6.º - Domingos José da Costa, de Monte Redondo, 70\$00. 7.º - José Rodrigues de Caldas, de Parada, 70\$00.*

*BOIS DE TRABALHO- António José Pires, de Magalhães, Barca, 120\$00.*

*GARRAMAS – Francisco Alves, de S. Jorge, 100\$00. Diamantino Alves Afonso, de S. Cosme, 100\$00.*

*PORCAS DE CRIAÇÃO – Bísara melhorada por raça inglesa, de sr. Álvaro Figueiredo, 100\$00. Uma raça inglesa, do sr. Clemente Agostinho da Costa, 100\$00.*

### ***Festas de Mártir S. Sebastião***

*As festas do Mártir da igreja da Vila- S. Paio, foram singularmente esplendorosas. Tomaram parte sete sacerdotes, tendo feito a apologia do Santo o Ver. P. Manuel Barbosa de Castro, pároco da Vila da Barca.*

*A procissão, que desfilou pelas principais ruas da Vila às 18 horas, foi duma surpreendente beleza.*

*la constituída por 20 andores, 126 anjinhos e figuras alegóricas, duas bandas de música, Arcuense e a de Freamunde, Bombeiros Voluntários, Asilo Cerqueira-Gomes, Confrarias locais e duas freguesias vizinhas, corporações, etc.*

*Era numerosa a multidão que se apinhava nos passeios e Largos a contemplar o majestoso e imponente desfile.*

*À frente ia o sr. Amândio Pires que, ao alto falante, montado no seu carro, em conjunto com a P.S.P. e G.N.R. prestou um óptimo serviço alargando as alas do povo, que se postava em todo o percurso. As janelas e varandas das ruas do percurso, eram cachos humanos. As ricas colgaduras de delicados tecidos e mimosas cores, drapejando ao vento que, de vez em quando se fazia sentir, davam às Ruas: Teixeira de Queirós, Amorim Soares, Cerqueira Gomes, Valeta de Cima, Largo da Valeta de Cima, Soares Pereira e Largo da Lapa – um ar festivo e respeitosa solene.*

*Graças à orientação do religioso préstito, a boa ordem e organização foram impecáveis. Terminou com a bênção do Santo Lenho.*

*A fachada e a torre da igreja da Vila – S. Paio, estava graciosamente iluminada à moda do Minho mas o vento prejudicou totalmente o efeito.*

*Não queremos fechar esta pequena reportagem, sem felicitar a Comissão das festas do concelho pelo pleno êxito alcançado.*

*Está demonstrado à evidência, que as Festas estão bem entregues, estão em boas mãos. Por isso toda a Ex.ma Comissão deve, desde já, ir pensando na realização das de 1950. É o bem da terra que o exige, é o nosso bom nome que o impõe.*

*E o brilhantismo, grandiosidade e importância das festas do Mártir, deve-se aos Srs.: Fernando Carvalhosa de Freitas, estimado comerciante e Presidente da Junta de freguesia, e Eugénio de Abreu Vasconcelos, hábil Furriel- enfermeiro no hospital Militar do Porto, cujas fotografias publicamos, e Miguel Gonçalves Araújo.*

*O seu dinamismo e boa vontade venceram todas as dificuldades.*

*Devem estar satisfeitos pelo bom resultado do seu trabalho e esforço.*

*Toda a vila e freguesias lhes tece louvores por terem promovido tão imponentes festejos.*

*Os nossos parabéns.»*

## **1950**

**25 de junho de 1950 – A Vanguarda p. 3**

### **«Festas do Concelho**

*Quando o jornal já estava a entrar para a máquina, recebemos a lista dos nomes que compõem a comissão das festas do nosso concelho, composta pelos srs.:*

*José António Leitão*

*José Joaquim Crespo*

*António Pereira Barbosa*

*Aurélio Pereira Alves*

*Rogério Soares Azevedo*

*Manuel Alves Rebola*

*Joaquim Gonçalves*

*Fernando Barbosa Lobo*

*Conforme nos foi comunicado, daremos a público todas as démarches que a comissão fizer para que as festas atinjam o maior brilhantismo.»*

**23 de julho de 1950 – A Vanguarda p. 1**

### **«Arcos de Valdevez e as suas festas de 25 a 27 de Agosto**

*É mais um ano que a mesma comissão, cujos nomes já publicamos, vai levar a efeito as festas do concelho.*

*São dignos de todos os encómios os que assim procuram que tão bizarra e alacre tradição se mantenha, pois não fazia sentido que um concelho de vasta área e de notáveis recursos, ficasse em silêncio sem as suas festas, tão típicas como Minhotas.*

*A nossa vila, assás pobre de vontades fortes e persistentes, dispostos a lutar e a vencer todos os sacrifícios, recebe bem e em franca alegria os homens que, de comum acôrdo e de pensamento homogénio, mui dignamente representam o Grémio do Comércio, entidade a quem há três anos, acertadamente, foi confiada a realização destas festas.*

*Bom é que todos se compenetrem que as festas do concelho são uma nota de vida e expressão real do bairrismo arcuense. O comércio nada tem a perder. As feiras francas com concursos pecuários e exposição agrícola são, um forte e poderoso incentivo para o nosso lavrador.*

### **Indústria caseira**

*Temos dentro do concelho a indústria caseira que não se tem feito representar. Entre todas, sobressai a indústria de tecelagem. Nesta arte, são exímias as tecedeiras de Távora.*

*Em mantas, cobertores e tapeçaria, temos visto desenhos saídos dos dedos daquelas briosas aldeãs, que revelam fino gosto e sentimento artístico. Cantando as lindas cantigas da região, enquanto a lançadeira gira, voando, por entre uma floresta de fios que se cruzam em cadenciada dança de trespasse, e apertando o fio da canela com o acelerado trás-trás do pente, as Tecedeiras de Távora: - Todas à compita, urdindo, desde já, as suas teias, para apresentar os vossos lindos trabalhos numa barraca que se erguerá no Campo Trasladário. Podereis ali fazer bom negócio com os turistas que nas festas nos visitarão. É preciso que esta velha indústria caseira, ligada aos primitivos costumes da região, não venha a desaparecer pela falta de incentivo da procura e de concursos com prémios, promovidos pelas autoridades locais.*

### **O nosso folclore**

*Também temos o nosso folclore. Porém, nos anos transactos, a indumentária que alguns grupos trajavam, é absolutamente condenável. Alguns elementos maltrapilhos, davam a ideia do carnaval. Para os homens, esteve muito em uso entre nós o chapéu de aba larga e copa baixa – ainda hoje é usado por muitos lavradores – a carapuça ou barrete preto ou verde, e a camisa de linho com canhão e calça apertada com bôca de sino. Para as raparigas, também devia haver uniformidade. Entre nós, a indumentária fina da componêsa, era saia de baeta preta com farta roda e barra de veludo ao fundo, jaqueta*

*de veludo, bordada a vidrilhos, lenço de seda branco na cabeça e chinela à ponta do pé com meia branca feita de croché.*

*Para grupos que se apresentem, não há indumentária mais típica.*

*Se nós temos trajes antigos tão interessantes, para quê ir buscar o traje à vianeza ou uma amálgama que destoa, sem graça nenhuma?*

*Senhores grupos: - vão-se organizando, façam os seus ensaios e apresentem-se bem, sem qualquer tom carnavalesco.»*

**6 de agosto de 1950 – A Vanguarda p. 1**

**«GRANDIOSAS FESTAS DO CONCELHO**

**Nos dias 25, 26 e 27 de Agosto de 1950**

**PROGRAMA**

*Dia 25*

*Uma salva de morteiros e um grupo de Zés P'reiras anunciarão o começo das Festas.*

*FEIRAS FRANCAS – Concurso Pecuário.*

*Às 17 horas – Início deste concurso com valiosos prémios aos melhores exemplares de gado bovino cavalar e suíno.*

*FESTIVAL NOCTURNO – Concertos musicais por uma afamada Banda de música e uma sessão de fogo de artifício.*

*DIA 26*

*Continuação das demonstrações do dia anterior.*

*FEIRAS FRANCAS – Concurso Agrícola.*

*Às 15 horas – Início deste concurso organizado pelo Grémio da Lavoura com valiosos prémios aos melhores produtos regionais.*

*FESTIVAL NOCTURNO – Concertos musicais por duas afamadas bandas de música – Banda Municipal de Orense (Espanha) e Banda Arcuense que executarão um escolhido*

*reportório, e uma sessão de fogo de artifício por um experimentado pirotécnico e ARRAIAL MINHOTO.*

*DIA 27*

*Demonstrações festivas idênticas às dos dias anteriores. CONCERTOS MUSICAIS pelas distintas Banda Municipal de Orense (Espanha) e Banda Arcuense que executarão o melhor do seu vasto reportório e darão passeios pela vila.*

*GRANDE ARRAIAL NOCTURNO – Concertos musicais pelas mesmas Bandas de música e uma sessão de fogo do ar e preso por um pirotécnico nortenho de grande nomeada.*

*Deslumbrantes Iluminações – Vistasas ornamentações – Muitas diversões – Gigantones e cabeçudos.»*

**20 de agosto de 1950 – A Vanguarda p. 1**

**«Festas do concelho**

*Estamos a poucos dias das festas do concelho.*

*A vila principia o vestir-se das suas melhores galas.*

*As barracas já se erguem no encantador Trasadário sob as frondosas tílias, que nesta quadra estival são a atracção de todos os moradores e excursionistas que nos visitam.*

*O carroucel, distração de graúdos e miúdos, principia a sua montagem. Tudo anseia pela chegada das festas.*

*Como dissemos, os dias 25, 26 e 27 vão ser os dias cheios da gente da vila e do concelho.*

*A procissão, a sair da paroquial de S. Paio, às 18 horas de 27, promete toda a grandiosidade.*

*Os concursos anunciam boa organização; todos se vêm preparando para eles. Os ranchos afinam as gargantas.*

*As iluminações e ornamentação do sr. Lira de Felgueiras, principalmente a fachada do Trasadário dizem-nos que são qualquer coisa de bom.*

*Todos, pois, às festas do concelho.»*

**3 de setembro de 1950 – A Vanguarda pp. 1-4**

**«As Festas do Concelho**

**resultaram brilhantíssimas**

*Foram dum brilho sem precedentes as Festas do Concelho.*

*Pode dizer-se que, depois dum ostracismo condenável em que, por tanto tempo tinham caído, têm novamente o seu nome feito.*

*Esta é a nossa convicção que nos resultou de uma rápida análise das pessoas, dos factos e das coisas que presenciamos.*

*Não obstante a incerteza do tempo e algum tanto agreste, o movimento foi extraordinário.*

*O vasto campo Trasladário esteve, por vezes, literalmente cheio.*

*As numerosas e variadas diversões, estiveram num movimento constante.*

*Mas o incremento assaz notável, vimo-lo nas feiras francas. Foram concorridíssimas. Os concursos agrícola e pecuário revelaram bem o interesse que os nossos lavradores estão a tomar pela exposição. Viu-se que de longe se vinham preparando para a exposição. No concurso pecuário, foram numerosos e encantadores os exemplares de bovinos apresentados. Pela primeira vez presenciamos neste concurso lindos exemplares de ovinos.*

*Estes concursos, são, indiscutivelmente, um grande estímulo para os nossos lavradores e tratadores.*

*Considerando que o nosso concelho é, segundo uma informação colhida ao acaso, o 2.º concelho armentoso do país, estes concursos devem realizar-se sempre e com uma solenidade crescente, a bem da nossa lavoura.*

\*\*\*

*As ornamentações, mormente as do Campo e Ponte sobre o Vez, eram dum efeito surpreendente.*

*A fachada principal do Campo, era bizarra, majestosa e imponente.*

\*\*\*

*As três bandas de música, Espanhola, Arcuense e de S. Tomé, encheram a vila de alegres harmonias.*

\*\*\*

*Os fogos de artifício dos nossos assinantes, sr. S Júlio de Sousa e António Costa, de Oleiros-Ponte da Barca, foram dum efeito deslumbrante.*

*O fogo preso, de José Maria Fernandes, de Lanhelas, ofereceu-nos uma noite de cor e de sonho.*

\*\*\*

*As festas religiosas do Mártir foram um poderoso motivo de atração dos crentes.*

*A procissão realizada em 27, prendeu a atenção dos milhares de forasteiros que nela se incorporaram e se apinhavam ao longo do percurso. Tomaram parte activa naquele extenso e vistoso cortejo religioso quatrocentas pessoas que se conduziram sempre na mais respeitosa atitude. Foram bandeiras e cruces, que não contamos, eram vinte e dois lindos andores, setenta e dois anjinhos, etc.*

*Abriram alas no meio da massa compacta do povo duas patrulhas da G.N.R. sob as ordens do 2.º sargento sr. Figueiredo e a Polícia de Segurança Pública.*

*A corporação dos nossos Bombeiros, ia comandada pelo Adjunto do sr. Comandante, sr. Amândio da Rocha. Sob o pátio ia o sr. Arcipreste do concelho, Rve.o P.e Brito Dantas. que se fazia acolitar pelo Rev.o P.e de S. Jorge, Manuel Alves e de Paçô, Cesário de Miranda.*

*O orador foi o Rev.o P.e Manuel Fernandes de Sá, ilustre filho deste concelho e pároco em Entre-os-Rios, Ponte da Barca.*

### **Notas**

*Nos concursos foram distribuídos seis contos.*

*No concurso pecuário o Juri era composto pelos srs.: Dr. Silva Dias, Dr. Beleza Ferraz e o Dr. Preto Dias.*

*À Comissão das Festas do Concelho constituída pelos sr.s: J. A. Leitão, José Joaquim Crespo, António Pereira Barbosa, Aurélio Alves, Rogério Soares de Azevedo, Manuel Alves Rebola, Joaquim Gonçalves e Fernando Barbosa Lobo e a do Mártir S. Sebastião, composta pelos sr.s.: António Fernandes Rodrigues, Miguel Fernandes de Araújo, Firmino José Cerqueira, Joaquim de Abreu, António José de Barros, Manuel Gomes e Abílio Afonso Pereira, «A Vanguarda» envia parabéns.*

\*\*\*

*Foi pena não ter havido verba para engalanar as ruas desde Conselheiro Pedro de Brito até ao Quartel do Bombeiros, onde foi colocado um lindo arco.*

*Devemos, porém dizer, à laia de comentário, que as Comissões reúnem, resolvem e agem sem receio da crítica acerada a que o nosso meio é atreito.*

*Muitos fogem a estas realizações só com medo do que os outros dirão depois.*

*Os críticos derrotistas são os que nada fazem, nem querem que os outros façam. Comissões há que, só porque os criticaram, juram não mais entrar em tais iniciativas. E é assim como certos empreendimentos da nossa terra, mui dignos de louvor, morrem ao nascer.*

*Importa criar um ânimo forte, para enfrentar e pôr à margem os críticos derrotistas. Nem Cristo agradou a todos.»*

## **1951**

**8 de julho de 1951 – A Vanguarda, p. 2**

### **«Festas do Concelho**

*De treze a quinze do corrente realizam-se as festas do concelho, estando a Comissão empenhada em dar-lhe todo o brilhantismo.»*

## **1952**

**6 de julho de 1952 - A Vanguarda p. 1**

## **«FESTAS DO CONCELHO**

*A Comissão que tem o difícil encargo de levar a efeito as festas do concelho, não tem sido recebida como era para desejar.*

*E' certo que toda a gente se vê a braços com ingentes dificuldades financeiras na hora grave que passa para todos, mòmmente para o comércio, que se encontra por demais paralizado, mas também é certo que as festas do concelho não devem deixar de se fazer, ainda que não atinjam aquele esplendor dos anos transactos.*

*Na medida do possível, todos devem dar o seu contributo para estas festas, visto elas serem um sinal de vitalidade e alegria e um grande estímulo para a lavoura e indústria caseira.*

\*\*\*

*Ontem realizou-se no Jardim dos Centenários um arraial Minhoto e hoje no Campo do Trasladário uma gincana de automóveis, cujo produto reverte em favor das festas.»*

**20 de julho de 1952 – A Vanguarda p. 1**

### **«Festas do Concelho**

*A Comissão que este ano leva a efeito as Festas do Concelho, prossegue activamente nos seus trabalhos para que as festas deste ano não desmereçam das dos anos anteriores.*

*Consta-nos que estão a ser planeados números de raro encanto e beleza.*

*Um dos números de grande atracção, vai ser a corrida de bicicletas motorizadas, numa prova de competição entre os motores Alpino e Cucciolo.*

*O percurso será de cem quilómetros, por Monção, Valença, Viana e Arcos.*

*Àvante, senhores organizadores.*

*Nada de esmorecimento, pois este número das festas trará muita gente à nossa terra.*

*No próximo número daremos notícia mais lata sobre todos os números das festas.»*

**17 de agosto de 1952 – A Vanguarda p. 1**

### **«As Festas do Concelho**

***A realizar de 29 a 31 do corrente, serão uma cabal demonstração de vitalidade em que a Vila e aldeias se darão as mãos para lhes darem o brilho e alegria***

*Aproximam-se as festas do concelho, sempre tão queridas de toda a gente da vila e concelho e de tantos de fora que aproveitam o feliz ensejo de nos visitar.*

*Têm sido duras as provas a que a briosa Comissão se tem submetido para angariar donativos para avultadas despesas a fazer. Mas o amor à terra e o forte desejo de continuar na esteira dos que em tão boa hora restabeleceram tão apreciadas festas, tudo tem vencido com inquebrantável firmeza para que todo o brilhantismo não desmereça do atingido nos anos anteriores.*

*Dentro de dias a vila principiará a vestir-se das suas melhores galas.*

*O vasto Campo Trasladário, com os seus múltiplos e variados atractivos, será um lugar de sonhos e encantos, em que a monotonia quotidiana da vida, no seu labutar constante, cessa, por um instante, para todos, ricos, e pobres, sorverem, a largos haustos, o prazer lícito que retempera e conforta.*

*A graciosa Ínsua, com as suas lindas árvores cobertas de folhagens de tons cambiantes, mirando-se e remirando-se nas águas do Vez, será profusamente iluminada a lâmpadas eléctricas e copinhos à nossa moda em diferentes tonalidades.*

*As ornamentações das ruas e barreiras do Sul e Norte foram confiadas a um afamado ornamentador. As feiras francas com prémios, vão agitar toda a vida agrícola.*

*Damos a seguir o programa:*

*DIA 29 – Primeiro dia de festa. Às 8 horas, alvorada, com salva de morteiros, repiques festivos de sinos e Zés P'reiras.*

*Às 10 horas, entrada das bandas de Vilaverde e Arcuense as quais percorrerão as ruas da vila.*

*Seguidamente serão iniciadas as Grandes Feiras Francas.*

*Às 15 horas, concurso pecuário, organizado pelo Grémio da Lavoura local, em que serão distribuídos valiosos prémios aos melhores exemplares de gado bovino, cavalar e porcino.*

*À noite haverá arraial com várias diversões, concertos musicais e fogo de artifício.*

*DIA 30 – Às 8 horas alvorada com as mesmas diversões do dia anterior e continuação das feiras Francas. Às 10 horas, concertos musicais. Às 14, Concurso agrícola com distribuição de interessantes prémios aos expositores dos melhores produtos regionais.*

*Às 22 horas, exibição do Grupo Folclórico, Dr. Gonçalo Sampaio, que promete apresentar um interessante programa de variedades, e concertos pelas mesmas bandas, terminando este arraial com uma deslumbrante sessão de fogo de artifício.*

*DIA 31 – Início da alvorada à mesma hora dos dias anteriores. Às 10 horas concurso das janelas e varandas, sendo distribuídos três prémios.*

*Das 10 horas às 12 as bandas Arcuense e de Lanhelas executarão as melhores composições dos eu variado repertório.*

*Às 15 horas, tarde do Bombeiro, com um programa dedicado à prestimosa Corporação dos nossos Bombeiros.*

*Às 23 horas concurso de estúrdias populares, vindas de todas as freguesias do concelho, nas quais serão distinguidos, com interessantes prémios, os melhores tocadores, cantadores e cantadeiras. E, com novos concertos musicais, sessões de fogo preso e do ar, e uma curiosa e original serenata Regional do Rio Vez, serão encerrados os grandes festivais deste ano.*

*\*\*\**

*Além do programa referido, a Comissão tem garantidos outros divertimentos inéditos nesta região, estando incluídos uma pista de automóveis e um carrocel dos melhores que percorrem o país.*

*\*\*\**

*A Comissão tem recebido vários aplausos e incitamentos de coragem pela sua tenacidade nesta tarefa que a si mesma se impôs.*

*DONATIVOS – Recebeu dos srs. Álvaro José da Cunha e António Fernandes, 25 e 15 dólares, respectivamente.»*

**14 de setembro 1952 – A Vanguarda p. 1**

#### **«ECOS DAS FESTAS DO CONCELHO**

*As festas no concelho, de que demos larga reportagem aos nossos assinantes e leitores, remataram num brilhantismo apoteótico.*

*Se tivéssemos de fazer comentários, diríamos que a Comissão promotora foi felicíssima no delineamento e condução de todos os números do programa. O arrumo das diversões para o fundo do Trasladário, a ornamentação do lado norte do Campo, a ligação das duas barreiras principais da vila em lindos Arcos, profusamente iluminados, a ornamentação da Rua 28 de Maio em arcos ogivais, enfim, a disposição de todos os meios de diversão, obedeceram a um critério a que não regateamos todos os encómios.*

*Todos os números do programa agradaram plenamente os forasteiros, mesmo os mais exigentes. As bandas de música, as filas de mais de vinte Zés-Preiras, os trages regionais, as feiras, o concurso agrícola, as cantigas da região, o rodopiar constante dos carrosséis, aviões, pista de automóveis, etc., etc., encheram a nossa linda vila de alegria e encanto.*

*Dos fogos de artifício, mórmente de fogo preso, em que vimos as mais fantásticas e esquisitas figuras geométricas, nem sabemos que dizer, tal a arte que ante a multidão ingente o famoso pirotécnico de Lanhelas, sr. Libório Joaquim Fernandes, fez passar em luz e cores de verdadeiro sonho.*

*O fogo do ar de Sousa & Irmão e dos já famosos Costa da Ponte da Barca e o fogo do Rio, destes mesmos, foram simplesmente deslumbrantes.*

*Por isso, nós devíamos endereçar os nossos mais francos parabéns à Ex. ma Comissão, que viu coroados de plenos êxitos, todos os seus árduos e, por vezes, saturantes trabalhos.»*

#### **1953**

**9 de agosto de 1953 – Notícias dos Arcos p. 6**

## **«Programa das Festas e Feiras Francas do Concelho**

### **Arcos de Valdevez**

*Dia 28 (SEXTA -FEIRA)*

*Às 8 horas- Abertura das Festas com salva de morteiros, «Zés P'reiras», Gigantones e Cabeçudos, e repiques de sinos em todas as igrejas da Vila.*

*Às 9 horas – Desfile das laureadas bandas de música:*

*Às 10 horas – início das*

### **GRANDES FEIRAS FRANCAS**

*Às 15 horas – CONCURSO PECUÁRIO (em S. Bento), organizado pelo Grémio da Lavoura local, com valiosos prémios aos melhore exemplares de gado bovino, ovino, cavalari e porcino.*

*À Noite – Atraente Festivas – Concertos musicais – Magnificas sessões de fogo de Artifício, pelos mais afamados pirotécnicos do distrito.*

*DIA 29 (SÁBADO)*

*Às 8 horas – As mesmas demonstrações festivas do dia anterior e continuação das*

### **GRANDES FEIRAS FRANCAS**

*Às 10 horas – Entrada da famosa Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense, de Vila Franca de Xira, sob a regência do distinto maestro sr. António de Amorim Pereira, nosso conterrâneo, a quem gratamente se deve a participação nas Festas desse agrupamento musical. Percorrerá diversas ruas da Vila, tocando uma marcha da autoria daquele ilustre maestro e dedicada a esta sua Terra Natal, seguindo-se recepção nos Paços do Concelho.*

*Às 10,30 h – Concertos musicais pelas bandas:*

**VILAFRANQUENSE**

**E**

**ARCUENSE**

*Às 14 horas – CONCURSO AGRÍCOLA com valiosos prémios aos melhores produtos regionais expostos na Feira. Este certame tem despertado nos últimos anos o maior interesse e é de esperar que continue a merecer a atenção dos proprietários do concelho, que, assim, tornam mais conhecidos os seus produtos.*

*À Noite – Continuação do Festival e dos concertos musicais, no Campo do Trasladário, com*

*Vistasas sessões de fogo preso e do ar.*

*DIA 30 (DOMINGO)*

*Às 8 horas – Iguais demonstrações festivas dos dias anteriores.*

*Às 10 horas – Concertos pelas conceituadas bandas de música:*

*VILAFRANQUENSE*

*E*

*ARCUENSE*

*Às 15 horas – Exibição na Ínsua do Vez, do Rancho das Rendilheiras da Praça, de Vila do Conde, um dos melhores do Norte do País e cuja fama já ultrapassou as nossas fronteiras.*

*Às 22 horas - Nova exibição do mesmo Rancho, com outros números do seu variadíssimo repertório.*

*SURPREENDENTE FESTIVAL*

*Novos Concertos MUSICAIS*

*Para encerramento das Festas: Grandiosa Serenata no Rio Vez, com barcos lindamente engalanados e iluminados por um distinto artista de Braga, o que constituirá um grande espetáculo de sonho e beleza. Para complemento deste número, prestará o seu concurso um agrupamento musical da nomeada, da cidade do Porto, formado unicamente por distintos amadores, o qual ofereceu, gentilmente, a sua colaboração.*

*Vistoso Fogo Aquático e do Ar e Monumental Cachoeira na Ponte sobre o Vez.*

*Imponente «Bouquet» final.»*

**30 de agosto de 1953 – A Vanguarda p. 1**

**«Arcos de Valdevez em Festa**

*À hora que escrevemos, as festas do concelho têm atingido o seu auge.*

*A nossa vila, esta donairoza vila dos Arcos, tão bem fadada pela natureza, tão rica e pletórica de dons de nascença, cujos encantos prendem, extasiam e seduzem a todos os que nos visitam, vestiu as suas melhores galas para receber hospitaleiramente todos os forasteiros das nossas festas – as Festas do Concelho.*

*O brilhantismo, a imponência e o deslumbramento dos arcos, galhardetes, fogo, música, enchem, satisfazem e empolgam o nosso velho burgo de Valdevez e a todos os que de fora e das aldeias chegam até nós. Tudo é riso, alegria e cor neste vasto Trasladário, de fartas, bizarras e frescas tílias. As estúrdias e as tocatas tudo movimentam, tudo animam, nos cantares simples e ingénuos, mas ao sabor da região.*

*As bandas de música de Vila Franca de Xira, Arcuense e Vila Verde, enchem toda esta vila com os seus melódicos acordes, fazendo esquecer, por momentos, as agruras da vida e entrar, com doces embalos, em sonhos fantásticos... sonhos de mil e uma noites.*

*Que beleza encerram as ornamentações sobre a Ponte, Campo e Rua de Maio!*

*Que maravilhosa ideia a de se ter aproveitado aquela ilha de encantos, a Ínsua, fazendo lá exhibir as rendilheiras.*

*Bravo, Ex.ma Comissão das Festas deste ano. A vossa ideia foi genial, pois aquele sítio é um dos mais lindos e digno de ser aproveitado.*

*As águas do nosso Vez são o grande espelho de cristal a reflectir os jorros de luz de tantas lâmpadas eléctricas e os meigos rostos e simples e ingénuos sorrisos das raparigas das nossas aldeias que, numa alegria sã, vêm emprestar o seu entusiasmo juvenil às Festas do Concelho.*

*Tudo corre com satisfação para todos.*

*Para a briosa Comissão que tanto se tem esmerado para a grandiosidade das Nossas Festas e para todos os que contribuíram para sua efectivação, é reconfortante, como prémio do seu labor, todo rico de majestade e imponência.*

*Os fogos de artificio, a cachoeira de luz da Ponte sobre o Vez, enfim, todos os números do vasto programa, têm sido rigorosamente cumpridos, prendendo os olhos de todos na sua cadeia de magia e encanto.*

*É que as festas da nossa vila, pela sua privilegiada, situação tem um quê de enfeitiçador de todos os que aqui vêm, á procura de algo que os entusiasme e retire, por momentos embora, da monotonia da vida do dia a dia.*

*A vila está pejada, literalmente cheia de forasteiros.*

*Bem hajam a todas as pessoas que contribuem, de qualquer maneira, para que se façam as importantes Festas e Feiras Francas do nosso concelho.»*

#### **6 de setembro de 1953 – Noticias dos Arcos p. 1**

##### **«As Festas do Concelho**

*Arcos de Valdevez, histórica e aristocrática, uma das mais encantadoras Vila Minhotas, cheia de poesia e de variedade panorâmica qual noiva, mais uma vez se veste de gala para fidalgamente receber os milhares de forasteiros. O Vez e os seus regatos, as ruas margens de verdura, a silhueta dos montes, penhascos e penedias – encanto mil natureza!*

*O seu povo é alegre, cavalheiro, trabalhador e também muito festeiro, em extremo hospitaleiro e por vezes insinuante, ao máximo, até atrair e prender os corações de todo e qualquer visitante.*

*O concelho esteve em Festa. Decorreram com um desusado brilhantismo e empolgância as Festas Concelhias de Arcos de Valdevez. Está pois de parabéns a briosa e homogénea Comissão que, não se poupou e cansadas, vencendo todos os obstáculos e trazendo-nos uma tal surpresa.*

*Raiou uma formosa aurora e tivemos três belos dias de festa. Apesar de um calor quase tropical, por ruas, praças e jardins, foi grande o concurso de povo não só deste grande*

*concelho, como também de todos os pontos do País. Arcos floridos, bandeirolas por toda a parte, harmónicas, repiques de sinos e estrolejar de foguetes, marchas musicais, Zés Pereiras, gaiteiros, etc. Às 9:30 horas, dá-se início aos festejos pelo Solene Içar da Bandeira nos Paços do Concelho. Numa fila compacta, fronteira, alinhavam os humanitários Bombeiros, a briosa Mocidade com o seu guião das Quinas, o garboso exército pacífico da nossa Legião, toque dos clarins e acordes da Banda Arcuense, todos em saudação e continência. Retomam-se os movimentos da primeira forma, percorrendo galhardamente as ruas da vila.*

*Chega, de Vila Verde, a esperada Banda que percorre as principais ruas e toma o seu lugar no coreto.*

*À tarde, para os lados de S. Bento, realizou-se o anunciado Concurso Pecuário sendo dados prémios num total de 4 mil e quinhentos escudos. Concorrentes de toda a parte, de vários concelhos, todos embandeirados, belos exemplares de cada espécie cavalariça, porcina, ovina, bovina e caprina. Daremos depois notícia dos premiados.*

*À noite, no Campo de Trasdalário, vistosamente iluminado como as restantes ruas conduzentes, há divertimentos dos mais variados, artísticas exposições da C.U.F., barracas e tendas (não faltando o Bar pró-Atlético) e as Bandas Arcuense e Vila Verde exibem-se nos seus coretos. Findado o dia com a primeira sessão de fogo do Soares de Oleiros (Barca).*

*Ao despontar do segundo dia, nova alvorada de morteiros, sinos e acordes bem sonantes, a despertar o sono da Vila. Entretanto, todos esperam com nova ansiedade a chegada da já tão falada Banda Ribatejana do Ateneu de Vila Franca de Xira. São 10 horas e toda a Vila, com a sua Câmara os espera, à entrada da «Domus Municipalis». Sobem ao ar os foguetes, trocaram-se os cumprimentos, ascendem ao Salão Nobre para receber as Boas-vindas do Ilustre Chefe e representante do Concelho sr. Alberto Barreiros, do representante da Vereação e distinto presidente da Comissão das Festas sr. Professor Augusto Veloso e de todo o povo. Na Mesa de Honra e ao lado da Presidência Municipal, viam-se os sr.s Edmundo de Moura, presidente da Direcção de Ateneu Artístico; Ortins Lilaia e Eng.º João José de Sousa, secretário e vogal da mesma colectividade; António de Amorim Pereira, o «maestro» da Banda do Ateneu; os*

*vereadores Eng. Vasco P. de Castro (director do Jornal «Notícias dos Arcos»), Altino Rodrigues e Marcial Marques.*

*A dita Banda era também acompanhada por uma grande excursão Vilafranquense. A todas as amabilidades e saudações corresponderam os ilustres hóspedes, pela simpática e aprumada pessoa de seu distinto maestro, felizmente para nós, filho da terra e natural da vizinha freguesia de Távora (S. Maria). Falou também o sr. Eng José de Sousa, por si e pelos seus companheiros, o qual por sua vez, entregou uma expressiva mensagem de saudação da Câmara Municipal Vilafranquense ao nosso Presidente. Finalmente o sr. Presidente Alberto Barreiros num gesto de quem deseja condecorar a alguém, na bandeira do Ateneu colocou-se uma fita de seda com as cores do Concelho, sublinhando todos com muitas palmas e «vivas».*

*O povo de Távora, por sua vez, querendo prestar homenagem particular ao seu conterrâneo, pela menina Maria Cândida de Vasconcelos Rodrigues, ao aureolado «mastro» entregou um perfumado ramalhete de belas flores, com muitas lembranças dos seus patrícios.*

*Tal qual um exército de marinheiro, aprumados, impecavelmente uniformizados (eram eles uns cinquenta e tal), compassados, atravessam agora a vila, tocando a Marcha que o Maestro Amorim dedicou à sua terra, que hoje o escuta jubilosa.*

*Estávamos em festa e continuamos, prossegue o movimento, por instantes solenes interrompido. Chega a tarde e com ela o concurso Agrícola, no Campo, sob frescas e idosas tílias marginais. Havia de tudo, do bom e do melhor: se todas as terras assim produzissem!...*

*Vamos aos concorrentes premiados. Na presença das dignas autoridades Civis, da Comissão das Festas e Direcção do Grémio da nossa Lavoura, cada qual apresentava o que de melhor cultivou ou industriou – trabalhos admiráveis de grande perfeição, óptimas culturas, belos exemplares de uvas, peras, maçãs, pêssegos, azeite, mel, vinhos, linho, tapetes, figos, etc. Por fim, e com dificuldade foram premiados; para a próxima noticiaremos.*

*Em músicas, foguetes passeios e alegres divertimentos, assim se passou o resto do dia e da noite, até à hora da segunda sessão de fogo preso e do ar, a cargo, respectivamente do fogueteiro de Lanhelas e Taveira (Barca) que todos contemplaram com prazer.*

*E, já na madrugada, voltam satisfeitos ao necessário repouso nocturno.*

*Chega o terceiro dia, que desperta com mesmo e costumado cerimonial. Novas surpresas se esperam; novos sons, cor e alegria.*

*Pela tarde, na fresca Ínsua do Vez, há cantares e bailados, pelo afamado grupo folclórico das Rendilheiras da Praça, de Vila do Conde.*

*À noite novas defrontações musicais. Chega mais gente de longe e alegres ranchos das aldeias, para a despedida dos festejos.*

*Surpreendente festival. O Rancho das Rendilheiras, muito aplaudido, voltam os seus descantes e bailados, dentro de um cenário de luz de cores e de beleza. Barcos primorosamente iluminados, com mestria; sobrenadam rainúnculos e jardins de copinhos coloridos, aformoseando paradisiacamente aquele belo lago de Vez, já prateado pelo luar; num outro barco, tais quais sereias de encanto mágico, um grupo gentil de jovens amadores do Porto proporcionam o prazer de uma serenata musical.*

*O hábil pirotécnico de Lanhelas, prestando o seu concurso aos colegas de Monção e da Barca, deslumbra-nos com o fogo aquático e monumental Cachoeira sobre a ponte.*

*Também para o brilho destes festejos muito concorreu a arte do decorador sr. Alvim, de Braga. A ele se fica devendo o enorme e retumbante êxito da maior parte dos números, entre os quais se destaca o da Serenata.*

*Prestaram, ainda, o seu concurso, os nossos conterrâneos e amigos, do Vale e residentes em Lisboa, os acordeonistas da Rádio «Irmãos Quintães».*

*Das bandas de música, nada mais diremos, pois noutra local se fará científica apreciação; apenas queremos notar, como todos o disseram, que a música da nossa terra, não desmerecendo entre mais, continua a honrar-nos.*

*Os últimos acordes dos ilustres visitantes do Ateneu Vilafranquense – que além de certo é orfeão admirável – fecham este cenário de belo e som...*

*A Comissão de Festas, - sr.s Augusto da Cunha Veloso, Horácio da R. Araújo, Ramiro Amaral, Manuel R. Galvão, José F. Araújo, Domingos F. Gonçalves, Pedro D. de Sousa, Alberto J. Pereira – tem recebido numerosas e justas felicitações, pela consecução de um conjunto artístico de tal categoria! Estamos todos de parabéns!*

*Enfim; Concursos pecuários e agrícolas, bailados regionais, iluminações, divertimentos, fogos de artifício e sobretudo o amistoso inter-câmbio musical e municipal de Vila Franca de Xira – Arcos de Valdevez, fecharam com chave de ouro as inesquecíveis Festas do Concelho, nos dias, 28, 29 e 30 De Agosto de 1953.»*

**13 de setembro de 1953 – A Vanguarda pp. 1-4**

**«FIM DE FESTA**

### **NOTAS E COMENTARIOS**

*As «Festas do Concelho» vieram, mais uma vez, emprestar à nossa vila uma faceta buliçosa e repleta de animação, cuja ressonância ainda perdura no nosso espírito de bairristas e, possivelmente, na alma daqueles que nos visitaram e levaram consigo a melhor impressão desse período festivo e da tradicional hospitalidade arcuense.*

*Podemos afirmar que o esforço da Comissão foi coroado do melhor êxito – outro galardão não desejavam os obreiros – e que toda a programação foi cumprida rigorosamente, com brilho e aliciamento.*

*Outra coisa não era de esperar da referida Comissão, pois nela estavam integrados alguns elementos cujo valor nos foi demonstrado no ano anterior, não só pelo seu esforço e boa vontade, como, também, pela excelente orientação empregada durante todo o tempo do seu mandato.*

*Assim, vimos, mais uma vez, a nossa vila engalanada, em festa, a transbordar de gente, ruidosa, harmónica, despida de preconceitos mas vaidosa e galante no seu colorido e diversidade, cujo matiz principal e característico se encontrava no próprio povo, nos seus descantes e bailados, no ribombar dos Zés P´reiras, nos acordes dos gaiteiros e nas danças bizarras dos gigantones e cabeçudos.*

### **UMA ENTREVISTA**

*Uma profusão de gente e alegria encheu a nossa vila durante os três dias de festa.*

*Arcuenses e forasteiros viveram horas de satisfação e encantamento, empolgados pela grandiosidade dos festejos, em que a música, o fogo e demais atractivos contribuíram grandemente para a imponência e êxito das nossas romarias, que, a continuarem, serão, num futuro mais ao menos próximo, conhecidíssimas e vinculadamnete tradicionais. Felizes com bandas de música, pois, não só a do Ateneu Vilafranquense, cujo maestro, Sr. António de Amorim Pereira, nosso conterrâneo e oriundo de Távora (S.ta Maria), nos deliciou com um magistral reportório, mas, também, a Banda Arcuense e a de Vila Verde, estiveram à altura das suas possibilidades, satisfazendo em absoluto, a Comissão das Festas teve mais compensações pelo esforço dispendido nesta cruzada admirável de verdadeiro bairrismo.*

*Elas foram dadas pelo aproveitamento da nossa Ínsua e Rio, ideia, aliás, concebida e posta em prática no ano anterior, todavia bastante tarde para se poder realizar inteiramente o festival planeado, onde as Festas tiveram, por assim dizer, a sua consagração.*

*A Ínsua, profusamente iluminada e vistosa nos seus enfeites, serviu de palco ao grupo folclórico das Rendilheiras da Praça, de Vila do Conde, o qual nos deliciou com os seus descantes e bailados, espectáculo de sonho e beleza que seduziu todos quantos o presenciaram.*

*Seguiu-se-lhe a «Serenata do Rio», com barcos lindamente ornamentados e iluminados, deslizando serenos, à frente as armas do concelho, depois vasos, tulipas, gansos, etc., enfim, um espectáculo das Mil e Uma Noites a desenrolar-se ante os nossos olhos e que a alma emocionaram.*

*Depois a cachoeira, indescritivelmente espectacular... o fim!...*

*Um fim que quiséramos fosse o princípio destas lindas festas... As Festas do Concelho de Arcos de Valdevez.*

\*\*\*

*A Banda Ribatejana do Ateneu de Vila Franca de Xira, foi alvo de uma verdadeira apoteose nesta nossa vila de Arcos de Valdevez.*

*Vimos o seu maestro, Sr. António de Amorim Pereira, rodeado de um sem número de sinceros admiradores, que o abraçavam efusivamente, e nos olhos de todos e, muito especialmente, nos do homenageado notamos a mais profunda comoção.*

*Sensibilizados e desejosos de registar o sentir desse nosso conterrâneo, conseguimos furtá-lo por momentos, àquela ininterrupta série de amplexos e, depois das apresentações da praxe inquirimos:*

*- diga-nos, Sr. António Amorim Pereira: - foi bem recebido pelos arcuenses?*

*- optimamente. Fizeram-nos uma recepção distinta e amiga, que muito nos comoveu e penhorou.*

*Tão bem impressionados ficamos que posso garantir que todos os Vilafranquenses ficam, desde este momento, a conhecer os Arcos e a estimar o seu povo, tal qual como bons amigos.*

*- Que diz da nossa terra?*

*- Que posso eu dizer se a vi sempre como a melhor?*

*Não sei qual a razão, mas, quando cá chego, esqueço fadigas e preocupações e aproveito o máximo de tempo para abraçar com os olhos esta linda terra, tantas são as saudades que por ela sinto.*

*- Diga-nos, Sr. Pereira. Qual a sua opinião sobre a nossa Banda?*

*- Agrada-me e vejo que tem progredido. De resto, é a Banda da minha terra e eu orgulho-me da sua boa forma e sucessos.*

### ***Fim de Festa***

#### ***(Continuação da pág.1)***

*- E das Festas, qual a sua impressão?*

*- Estou maravilhado e, como eu, todos os músicos e a caravana que nos acompanha.*

*Elas são bem características e de grande novidade para os Vilafranquenses. Todos gostamos imenso e para o ano talvez os Arcos recebam uma boa embaixada de Vila Franca.*

*E agora, Sr. Pereira, para terminar, diga-nos francamente qualquer coisa como bairrista.*

*- Satisfeito... nada mais.*

*Obrigado, Sr. António de Amorim Pereira pelas suas palavras.*

*A «A Vanguarda» regista com muito prazer as suas tão sinceras declarações e pede para saudar todos os Vilafranquenses em nosso nome e no de todos os arcuenses.*

#### **NOTAS**

*A laureada banda de Vilafranca, com seu prestigiado Maestro, deu-nos a honra, que muito nos penhorou, de vir trazer os seus cumprimentos a esta Redacção, tocando algumas peças do seu selectíssimo repertório.*

*O nosso Director saudou, com entusiasmo, aquele apreciado conjunto artístico e fez votos pelas prosperidades da Banda e seu maestro.*

\*\*\*

*Felicitemos todos os pirotécnicos, mas em especial o Sr, Libório Joaquim Fernandes, de Lanhelas, pela maravilha do seu fogo preso e aquático.*

\*\*\*

*O disciplinado e simpático grupo «OS AMIGOS DO MINHO», que veio emprestar a sua efusante alegria às Festas e Feiras Francas, fazendo-se acompanhar pelos apreciados acordeonistas Irmão Quintãos, também se fez representar no palco das Rendilheiras, pelos mesmos acordeonistas que muito agradaram.*

\*\*\*

*O Sr. Adroaldo Gonçalves de Azevedo Reis, Director, com fina sensibilidade artística, do Grupo de Rendilheiras, de Vila do Conde, também teve a especial deferência de apresentar os seus cumprimentos à «A Vanguarda».*

\*\*\*

*A Ex.ma Comissão de Festas, que está de francos parabéns pelo êxito, nunca excedido, verdadeiramente retumbante, em todos os números do programa, teve a deferência de enviar um ofício de agradecimento à «A Vanguarda», pela publicidade que demos.»*

## **20 de setembro de 1953 – Notícias dos Arcos pp. 1-6**

### **«Ecos da Festas do Concelho**

*Com a presença do Digno Vice Presidente da no Câmara Sr. Alberto Barreiros, Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura local Rev.º Vidas de Brito Gachineiro e do dinâmico Presidente da C. das Festas Sr. Augusto Cunha Veloso, perante o júri constituído pelos dignos Intendentes e Adjunto da Pecuária do Distrito de Viana do Castelo Srs. Dr. António da Silva Dias e Dr. Fernando Prata Dias, Intendente e Adjunto da Pecuária de Braga Dr. João Ferraz e Dr. José do Rosário, Aventino Gerpe Saraiva – pelo Grémio da Lavoura – foram atribuídos os primeiros prémios a magníficos exemplares de gado, apresentados pelos seguintes concorrentes ao X Concurso de Pecuário:*

*Gado bovino de raça Barrosã (Touros de 2 a 6 anos) – Manuel Veloso Galvão, de Rio de Moínhos - -Arcos; (Novilhos reprodutores de 1 a 2 anos) – Manuel José Ferreira, de Oliveira – Arcos; (vacas de criação e de trabalho de 3 a 8 anos) – Manuel Macedo, de Barbudo – Vila Verde; (Vacas de criação e trabalho – cingel – de 3 a 8 anos) - Custódio Gomes Neva, de Muia – Barca; (Novilhos até 2 anos e meio) – Augusto Cerqueira Abreu Viana, de Cendufe – Arcos; (Novilho – cingel – até 2 anos) – Manuel da Rocha Barbosa, de Crasto – Barca; Prémio único (Bois de trabalho – cingel – de 2 a 5 anos) - Francisco João de Sá, de Refojos – Ponte de Lima.*

*Cavalar. Equino de raça luso-Galiziano (garranos de 1,30 a 1,35) – João Martins, S. Jorge – Arcos; António Amorim, Rio de Cabrão – Arcos.*

*Suínos. (Raça bízara melhorada por raças ingelezas) – Deserta.*

*Ovinos. (Carneiros de raça Merino Precoce Fonte Boa e produtos de cruzamento do Merino Precoce com o bordaleiro comum)*

*- Domingos Alves, Vilafonxe- Arcos; Ovelhas ou grupos de raça Merino Precoce F. B. – Aparício Barros Lima, de Vilela – Arcos; (Malatas ou grupos de Merino Precoce F. B. e bordaleiras melhoradas pelo ovino Precoce F. Boa) – Aparício Dantas de Barros de Lima, de Vilela – Arcos; Borregas ou grupos Merino Precoce e bordaleiras melhoradas etc.) – Ermelinda Pinto, de Vilafonxe – Arcos.*

*Vacas Leiteiras – Dr. Paulo Teixeira de Queiroz, de Paçô – Arcos: João de Sousa Ramalheira, de Vascões – Coura.*

*Prémios num total de 5 mil escudos.*

*Também, no dia 29 seguinte, perante as dignas Autoridades e Júri Composto pelo Presidente da D. do Grémio, Dr. José Guilherme Amorim, Eng. Vasco P. de Castro, etc. receberam o primeiro prémio do Concurso Agrícola, os seguintes classificados:*

*Laranjas – D. Maria Isolina Sucena de Barros; toranjas – Dr. António Dias; beterrabas – Eurico Brandão: Vagem de feijão – Eduardo de Sousa; ameixas – D. Isolina S. de Barros; cabaça porqueira – João C. Cerqueira; nozes – António da Silva; Feijão miúdo – Conceição Rodrigues; feijão branco – Rosa F. Cerqueira; feijão de mistura – Joaquina A. Soares; vinho tinto – Casa da ANDORINHA; Azeite – Olinda da S. Brandão; jeropiga – Joaquina A. Soares; coelhos – Eugénio Amorim; ninhada de pintos – Tereza Cerca; fumeiros – Ana Loureiro; - mantas tecidas – Lucília Gavião; tapetes – Maria Rocha; engaços regionais - Rodrigo Cerqueira; jugos – Manuel F. Pereira; linho mourisco – Elvira da Conceição; idem assedado – Adelaide S. Lima; pés de milho – Eurico Rocha; tomates – Sebastião Cardoso; peras – Manuel dos Reis; maçãs – Maria da Costa; pêssegos – Alberto Lima; uvas – Luís de S. Galvão, melões - Casa Andorinha; melancias – José de Almeida; pimentos – Casa Andorinha; cebolas e batatas -Manuel Gama P. de Castro.*

\*\*\*

### **Grupo Excursionista e Recreativo da Casa do Minho**

*Acompanhado este grupo, na excursão que anualmente promovem e que desta vez se alongou por Alto-Minho, Traz-os-Montes e outras regiões do País, cumprimentamos nesta vila os nossos amigos e conterrâneos srs. António Ferraz Viana, Joaquim Pereira da Costa e Manuel Domingues com suas respectivas esposas.*

*Deliciaram-nos durante alguns momentos com os sons dos seus instrumentos os hábeis acordeonistas irmãos António e Casemiro Quintães, naturais de freguesia do Vale, deste concelho, que acompanhavam o mesmo Grupo.*

### **Embaixada Universitária «Rui Barbosa»**

*Durante as Festas do Concelho, esteve entre nós esta Embaixada que é patrocinada pelo Governo Brasileiro de colaboração com a Colónia Portuguesa no Brasil e que é presidida pelo deputado à Câmara Federal Dr. Epílogo de Campos, professor catedrático e parlamentar mais popular do Brasil.*

*Anda a percorrer vários países europeus, muito especialmente Portugal, tendo sido portadora de uma mensagem da Academia de Ciências de Lisboa.*

*Recebeu do Ministério das Relações Exteriores do Brasil a denominação de Missão Oficial de Estudos.*

*É secretariado pelo velho amigo de Arcos de Valdevez sr. Domingos Araújo da Cunha Gonçalves que no nosso meio goza muitas simpatias e que aqui viveu na sua época de estudos no nosso Externato Municipal.*

#### **«O Gaiato»**

*Por ocasião das nossas Festas visitou-nos outra vez o já conhecido «Papagaio» trazendo ao povo dos Arcos com a Alegria que o caracteriza na sua verde juventude este pequeno-grande propagandista da obra grandiosa do Rev. P.e Américo. Que os arcuenses continuam a recebê-lo como bem merece.»*

#### **1954**

**15 de agosto de 1954 – A Vanguarda p. 1**

#### **«As grandiosas festas e feiras francas do concelho**

*realizam-se em 27, 28 e 29 de Agosto*

*Pelo programa que hoje publicamos vê-se esplendor de que prometem revestir-se*

*Arcuenses! Não falteis às tradicionais festas e feiras com as vossas exposições de gados e produtos agrícolas*

#### **PROGRAMA**

**DIA 27**

*Às 8 horas – Início das Festas com salva de morteiros, «Zés P'reiras», Gigantones e Cabeçudos.*

*Às 9,30 horas – Hasteamento, no edifício da Câmara Municipal da Bandeira do Concelho.*

*Às 10 horas – Abertura das Grandes Feiras Francas.*

*Às 15 horas – Concurso Pecuário, em S. Bento, organizado pelo Grémio da Lavoura, local com valiosos prémios aos melhores exemplares de gado.*

*À noite – Atraente festival, Concerto musical e magníficas sessões de fogo de artifício.*

**DIA 28**

*Às 8 horas – As mesmas demonstrações festivas do dia anterior e continuação das Grandes Feiras Francas.*

*Às 10 horas – Entrada da famosa Banda de Revelhe.*

*Às 15 horas – Concertos musicais pelas Bandas: Revelhe e Arcuense.*

*Às 16 horas – Concurso Agrícola com distribuição de prémios aos melhores produtos regionais expostos na Feira.*

*Às 22 horas – Exibição na Ínsua do Vez, Rancho Douro Litoral, do Porto. Continuação do Festival e dos Concertos musicais, no Campo do Trasladário, com vistosas sessões de fogo preso e do ar.*

**DIA 29**

*Às 8 horas – Demonstrações festivas idênticas às dos dias anteriores.*

*Às 10,30 horas – Concertos musicais pelas bandas Sanjoanense e Arcuense. Estas duas bandas, numa atitude de amizade e entendimento, percorrerão as ruas da vila, pelas 14,30 horas, tocando, como se fossem uma só, a mesma peça.*

*Às 16 horas – Grandioso Torneio de Tiro aos Pratos, organizado pelo «Club Atlético de Valdevez», no Campo da Coutada.*

*Às 22 horas – Magnífico Acto de Variedades, na Ínsua do Vez. Surpreendente festival. Novos Concertos musicais. Esplêndido Fogo Aquático e do Ar.»*

**22 de agosto de 1954 – Notícias dos Arcos p. 6**

**«FESTAS DO CONCELHO**

*Passado que foi este período de angustiante expectativa da anunciada «invasão pacífica» dos nossos territórios de Goa e Dio, trabalha-se agora afincadamente para que as Festas do Concelho deste ano se revistam da maior luminosidade e esplendor.*

*Uma vez mais – disso estamos certos – vai ficar provado que há precisão de realizar estas já famosas manifestações da actividade arcuense e que seria cortar-lhe a brilhante sequência.*

*A razão e o bairrismo hão-de levar de vencida a comodidade da indiferença e não faltará quem deseje assumir a responsabilidade de lhes assegurar briosamente a continuidade.*

*Como poderá depreender-se do programa abaixo transcrito, as Festas do Concelho vão novamente dar brado, cimentado ainda mais o prestígio de que já gozam e chamando até nós elevado número de forasteiros.*

*A Comissão actual procurou ligar o mais possível as festividades ao rio, motivo que merece, mais do que outro qualquer, ser devidamente explorado.*

*Foi, precisamente, seguindo esta orientação que o cartaz anunciador continuou a obedecer ao tema aquático e que a Serenata do Vez exigiu especial atenção aos comissionistas.*

*Arcos de Valdevez vai estar em festa! Arcos de Valdevez vai regozijar-se por ver que terá sempre quem lhe faça propaganda!»*

**27 de agosto de 1954 – Noticias dos Arcos pp. 1-6**

**«Começam hoje as Festas e Feiras Francas do Concelho**

*À hora em que o jornal sair, já os primeiros estrondos dos foguetes terão recordado aos arcuenses que se iniciaram as Grandes Festas e Feiras Francas do Concelho, do concelho, essas prestigiadas manifestações do espírito de iniciativa da gente de Valdevez.*

*De ano para ano tem aumentado gradualmente a fama destas importantes festividades e (bairrismo à parte) pode afirmar-se que elas são hoje das mais importantes da região minhota.*

*É cada vez maior a afluência de forasteiros, crescem as divisões, aumentam os números, engrandecem-se as ornamentações, procuram criar-se-lhes um ambiente característico, imprimindo-lhes uma ligação mais acentuada com o factor rio.*

*A Serenata do Vez, pela sua grandeza e originalidade, está destinada a ser a mais acarinhada e sensacional atracção das Festas, um número que, por si só, será suficiente para lhes insuflar uma vida e magnificência que funcionem como chamariz garantindo de inúmeros visitantes. É um espectáculo de largos recursos, susceptível de se manter durante muitos anos sem enveredar pelo caminho da monotonia e não há dúvida que à volta dele deve girar o restante entrecho festivo, enraizando-o profunda e eficientemente no ânimo dos comissionistas e assistentes.*

*Gente de todo o Portugal irá pisar, nestes três dias, as nossas ruas; irá visitar os nossos estabelecimentos e os nossos mais bonitos locais; irá conhecer a esfusiante alegria do nosso povo; irá trocar impressões acerca da qualidade das Festas.*

*Claro que tudo isto contribuirá para a nossa propaganda e vitalidade, fazendo engrossar a multidão de admiradores dos nossos recantos paisagísticos. Se outras razões não houvesse, estas só bastariam para que se continuasse a acarinhar a realização das festas do Concelho e para que os arcuenses de alma e coração por elas mantivessem um crescente entusiasmo, pondo de lado o espírito da crítica aceba aliada à repreensível inação.*

\*\*\*

*Após a alvorada, terá lugar o hasteamento da Bandeira do Concelho, no edifício da Câmara Municipal, e a garbosa Banda Arcuense executará várias das peças constituintes do seu valioso reportório, enquanto que por todas as estradas concelhias virão ocorrendo, a passo pachorrento, os animais que vão ser apresentados no Concurso Pecuário, uma feliz iniciativa do Grémio da Lavoura local.*

*À tarde, em S. Bento, um júri competente e atarefado seleccionará os mais belos exemplares de gado, e à noite todas as pessoas se deslocarão para o Campo do Trasladário, visto que é lá que se realizarão o primeiro grande arraial, com muitas diversões, e uma sessão de fogo do ar.*

\*\*\*

*Amanhã, sábado, a coisa vai ser mais falada.*

*Lá estará de novo o Grémio da Lavoura, agora para distribuir prémios aos melhores produtos agrícolas regionais, lá prosseguirão as Feiras Francas e as diversões do Campo, outra vez se apresentará a Banda Arcuense; mas, além disso, tocará a magnífica Banda de Revelhe, que já dispensa adjectivos, exhibirá as suas danças e cantares durienses o excelente Rancho do Douro Litoral, apresentarão a sua garantia técnica os fogueteiros de Lanhelas, com dez peças de fogo preso.*

\*\*\*

*E chegamos ao grande dia, ao dia completo, ao dia marcante dos festejos.*

*Se o tempo estiver de bom cariz, o domingo deve marcar, um passo decisivo na progressiva história das Festas.*

*É a conceituada Banda de S. João da Madeira, é a nomeada Banda Arcuense, são as duas a percorrer as nossas ruas tocando o mesmo trecho musical, como se fossem um só conjunto, é o Torneio de Tiro aos Pratos em favor do Clube Atlético de Valdevez, é o Acto de Variedades, é a vida, a luz, a cor, o movimento, e, a coroar gloriosamente tudo isto, é a Serenata do Vez – esse espectáculo das mil e uma noites, essa parada de sonho, cortejo de magia, conjunto de sumptuosidade, visão de inexcedível beleza, perspectiva de empolgante apoteose.*

*Num cenário de poesia, vão desfilar dez barcos alusivos a motivos nacionais, cuja concepção se deve ao categorizado artista Alvim Braga, grande amigo da nossa linda terra e obreiro incansável deste número, único do País.*

*Imperará o colorido e a refulgência, a arte aliar-se à vibração feérica, surgirá o Poema da Grandeza, findará a sua apresentação uma torrente de luminosidade que aturdirá os deleitados olhos dos assistentes, empolgados pelo esplendor do momento.*

\*\*\*

*Devem ser isto as Festas do Concelho de 1954, se tudo correr como se prevê.*

*Os mais pequenos detalhes têm sido cuidadosamente estudados com a devida antecipação e, pelo que já nos foi dado apreciar poderemos dizer que o ornamentador Bernardo Barreiros pôs em jogo o seu brio e galhardia, dando-nos uma magnífica prova das suas reais possibilidades.*

*Os prognósticos são sempre difíceis, é certo. Todavia, pelo trabalho árduo que tiveram, pelo desejo de fazer uma eficiente propaganda da nossa terra, pelo brilho de que as Festas se vão enfeitar, ousamos, desde já, enviar as nossas felicitações aos Ex.mos Srs. Dr. Joaquim Carlos da Cunha Cerqueira, Dr. Rui Osvaldo de Melo Castilho, Horácio Inocêncio da Rocha Araújo, Alberto Barreiros Aranha, José Emílio Esteves Araújo, Alberto Jorge Pereira e José da Cunha Gonçalves, convencidos de que, suceda o que suceder, se dedicaram incansavelmente à sua tarefa de bem servir Arcos de Valdevez.»*

**29 de agosto de 1954 – A Vanguarda p. 1**

**«As festas e feiras francas do concelho**

**têm decorrido num ambiente de verdadeira grandeza**

**É hoje o último dia, o dia principal das festas,**

**Em que a beleza e a maravilha da SERENATA**

**- número principal das festas – vai culminar em apoteose**

*Esta vila ribeirinha de Arcos de Valdevez, de tão gloriosas tradições e de nobiliários pergaminhos, em que o seu povo é caracterizado por incedível hospitalidade, tem o seu facies mudado desde a semana finda. Vestiu-se das suas melhores galas para receber os forasteiros nas suas festas, em que predomina um cunho de regionalismo, tão próprio deste nosso Minho adorado.*

*Arcos, fogo e música... Flâmulas e galhardetes drapejando ao vento, flores de cores cambiantes, luz a jorros, cantares do povo, sons harmoniosos que em dormentes lufadas chegam aos nossos ouvidos, trazidos pela fresca e branda brisa destas lindas tardes de romaria... Estas noites do findar de Agosto em que as suas densas trevas, espancadas pela luz lançada em todas as direcções a projectar-se no espaço, não conseguiram aqui entrar... O nosso vasto Campo Trasladário, verdadeiro salão nobre da nossa vila,*

*perenemente adornado pelas tílias, tão frescas como acolhedoras, onde se efectuam todas as reuniões magnas, em que o povo canta, folga e ri ou ajoelha e reza, cenário de maravilha... A rua General Amílcar Mota, com a sua ornamentação, tão brilhante, tão fina, tão distinta pelo gosto que presidiu à contextura do seu conjunto... O Largo da Lapa, tão profusamente iluminado a lâmpada de tantas cores a esbaterem delicados rendilhados e finos matizes... A ponte, a nossa majestosa Ponte sobre o Vez, em elegantes arcarias em que sobre as cores mais garridas sobressai o vermelho escarlate... A fachada do Campo, imponente, cravejada de lâmpadas de mil e uma cores e adornada dos mais aliciantes e sedutores adereços... As feiras com diferentes exposições... Concurso pecuário... Enfim... Tudo... Tudo o que caiu sob o nosso olhar nestes inolvidáveis dias, constitui um cenário de variedade e grandeza que nos empolga... que nos encanta e nos deleita o espírito, levando-nos irresistivelmente a exclamar: tudo, simplesmente belo! Parabéns à Comissão promotora... Parabéns ao povo da vila e concelho.*

\*\*\*

*Mas ainda falta ver a SERENATA junto à Ponte. A Ínsua, que em tão boa hora a Comissão pensou explorar, vai ser teatro de maravilha e raro encanto.*

*Às 22 horas principia a Orquestra de Cavaquinhos da F. N. A. T. de Braga, com a Orquestra de Variedades vocalistas da Casa do Povo de Barcelinhos. Seguidamente surge um barco, verdadeira fantasia de tremeluzentes estrelas, do qual irrompem vozes de sonho, de afamados cantores, a cantar a sinfonia da cor do cortejo dos barcos que vai desfilar com esta ordem:*

*1.º - Barco de Romaria. – É um barco ornamentado com garrido arco de festas, em que se espalha a alma simples e boa do nosso povo, cravejado de motivos de toda a ordem.*

*2.º - Música Popular. – É um barco com instrumentos vários característicos da nossa aldeia, tais como cavaquinhos, violas, Zés P'reiras, etc.*

*3.º - Símbolo do Pão – Neste vai o que diz respeito ao amanhã da terra – junta de bois, lavradores, etc.*

*4.º - Uma azenha com o moleiro à porta e uma pequena lavando o teleigo.*

5.º- *Amor do Povo e Amor de Deus.* – É um barco cheio de fantasias, mas com um fundo de realidade. É uma pequena casa em que, debruçada no parapeito da janela vai uma linda camponeza. Cá fora um rapaz assentado numa pedra tosca, namorando a donzela. Para os lados das traseiras da casa, uma igreja.

Dentro em pouco vê-se o sacerdote e o sacristão. Vai abençoar, dentro do templo o amor que o par entre si trocou e agora vai jurar diante do altar.

6.º- *Fantasia Primavera.* – É um barco de flores de variados matizes, verdes, pombas a esvoaçar, uma verdadeira sinfonia de primavera.

7.º- *Noivos do Vez.* – É um cochim puxado a cisnes levando o casal que se uniu pelo matrimónio da igreja.

8.º- *Barco do Concelho.* – É um barco encantador em que se vê o Paço de Giela e é a figura de um carro puxado a dois cavalos montados por dois cavaleiros da FUNDAÇÃO.

9.º- *Índia Portuguesa.* – É um barco evocativo da nossa história Pátria. Goa, Damão e Diu unidos pelo escudo da Pátria, levando como figura principal CAMÕES cantando os Lusíadas. O Pilar da unidade Nacional é encimado pela esfera armilar e na base vai a figura da Pátria com a bandeira Nacional e as do Estado da Índia. Quando este barco desfilar, será cantado um poema da autoria de sr. Dr. Rui Castilho. Finalmente todos os barcos ficarão em frente à Ínsua para a apoteose final. Depois rebentarão mais de seiscentas peças de fogo aquático e segue-se o do ar.

E assim terminarão as Festas do Concelho, cujos dias decorreram sempre cantados pelo alegre povo minhoto, inebriado pelos sons musicais, perfumados pelos fatos domingueiros dos rapazes e das raparigas das nossas aldeias e doirados por um sol especial que o Astro-Rei fez despontar sobre este maravilhoso quadro de luz, magia e encanto.

A VANGUARDA felicita sinceramente todos os membros da Comissão, sem especializar ninguém, visto que todos trabalharam, animados sempre do mesmo desejo do pleno êxito obtido.

As ornamentações e Serenata foram superiormente dirigidas pelo artista ALVIM BRAGA com a colaboração de José Cabo Júnior.»

## **19 de setembro de 1954 – Notícias dos Arcos p. 1**

### **«Ainda as Festas do Concelho**

*FERVILHAM ainda, embora com menos intensidade, os comentários às Festas dos Concelho que, este ano, resultaram brilhantíssimas.*

*O povo acorreu de todos os pontos do País, e até da vizinha Espanha, a visitar Arcos de Valdevez que ora se engalanou para receber, se possível, com mais fidalguia, com mais requintes de gentileza, o que, aliás, é apanágio dos habitantes desta linda terra.*

*Durante os três dias, a animação que reinou e encheu a vila de lés a lés era indescritível.*

*As ruas encheram-se dum povo alegre e rumorejante com as suas harmónicas, os seus pandeiros, as suas danças e os seus trajos regionais.*

*Tudo era cor, luz e alegria a jorros.*

*Tudo ria, cantava e dançava ao som das concertinas, levantando grandes nuvens de poeira.*

*Os arredores como as Padrosas e Fonte da Pérgula, o Toural, a Volta da Lamela, o Paço de Giela e outros locais, foram muito visitados por turistas ávidos de motivos pitorescos.*

*Como de costume, as atrações eram muitas. O programa foi cuidadosamente elaborado e diga-se francamente com tal profusão de números que satisfez plenamente.*

*Nada faltava, desde o tradicional «carrossel» aos populares aviões, dos barracões de brinquedos e bugigangas, atracção dos miúdos e graúdos, às rudimentares tendas onde se vendiam engraçados bonecos de barro, cornetas e apitos; do jogo das argolas, «ó freguês, venha beber uma laranjada por cinco tostões» às popularíssimas roletas do tabaco; das barracas de «comes e bebes» aos vendedores de sêmeas, chocolates e rebuçados em tabuleiros cobertos com alvas toalhas de linho; dos altos-falantes que faziam um barulho ensurdecador com a sua música e os seus anúncios aos gritos estridentes dos vendedores de «água fresca e doce» ou «olha a bela laranjada».*

*Toda esta estranha mistura de sons fazia andar a cabeça à roda e dava uma sensação estranha e que não procurávamos sacudir. Por vezes dava a impressão de nada ouvirmos e que vivíamos num mundo irreal.*

*As ornamentações foram magníficas; não sabemos mesmo, qual a de mais luz, a de mais côr. Isto só dignifica o ornamentador sr. Bernardo Barreira a quem nos acostumamos apreciar (passe o reclamo).*

*Tudo o que o programa nos indicava, tudo foi rigorosamente cumprido.*

*No primeiro dia, logo de manhãzinha acordamos com o ribombar dos foguetes e o barulho atroador dos Zés Pereiras.*

*A Banda Arcuense tocou para os seus aficionados durante o dia e parte da noite.*

*À tarde, com grande assistência e animação, realizou-se o Concurso Pecuário. O gado era em grande quantidade e de boa qualidade. Parabéns ao Grémio da Lavoura pois estes concursos têm o dom de despertar o brio dos nossos lavradores.*

*À noite, uma grandiosa sessão de fogo pôs remate ao primeiro dia de festas.*

*O segundo dia foi mais movimentado. Executaram concertos musicais as bandas de Revelhe, que dispensa apresentação, e a dos Arcos que deliciaram a numerosa assistência com boa música. Igualmente o Concurso Agrícola despertou grande interesse, a avaliar pelo número dos concorrentes e boa qualidade dos produtos apresentados.*

*À noite, o Rancho Douro Litoral exibiu-se, com agrado geral, na Ínsua caprichosamente ornamentada.*

*Terminou o segundo dia de festas com sessões de fogo preso e do ar, presenciado por grande massa de povo.*

*E o grande dia chegou.*

*Logo de manhãzinha as estradas que vinham dar à sede do concelho revelaram um movimento desusado.*

*Numerosos grupos de aldeões com seus trajos domingueiros e os farnéis dependurados na extremidade de grandes paus que os homens levavam aos ombros e as cestas à cabeça das mulheres, enchiam o ar de música e com os seus cantares.*

*Às 10,30 chega a Banda de S João da Madeira que logo se dirige aos Paços do Concelho a apresentar cumprimentos. Este acto deu lugar a uma troca de manifestações de apreço e estima de ambos os lados, servindo para cimentar mais a amizade que une estas duas vilas.*

*O Clube Atlético de Valdevez promoveu de tarde um «Torneio de Tiros ao Pratos» disputando-se valiosas taças.*

*À noite, um Acto de Variedades deu começo ao grandioso festival nocturno.*

*Enquanto a multidão se comprimia para ver melhor o maravilhoso espectáculo, que ia principiar, faziam-se os últimos preparativos nos barcos.*

*Tudo era impaciência, tudo era expectativa.*

*la começar o desfile. Esse espectáculo das Mil e Uma Noites!*

*Os barcos iam surgindo, cada um com o seu motivo, serenamente e baloiçando-se nas águas bucólicas do rio Vez de entre os quais se destacava o alusivo à Índia, pelo sua beleza e actualidade.*

*Entretanto queimava-se fogo aquático.*

*E, a rematar primorosamente as Festas do Concelho, rebentou uma grandiosa e imponente cachoeira, logo seguida de um deslumbrante «bouquet».*

*Podemos dizer que as Festas terminaram em apoteose.*

*Entre as barracas que foram instaladas no Campo Trasladário por ocasião das nossas festas, merece uma referência especial a da Amorim, Antunes & C<sup>a</sup>. L. da pelo muito que embelezou o local.*

*Parabéns aos sócios daquela firma sr.s João Carneiro Torres e Acácio Gonçalves Rodrigues.»*

## **1955**

**10 de julho de 1955 – Noticias dos Arcos pp. 1-6**

**«A Propósito das FESTAS DO CONCELHO**

*É já no próximo mês que se vão realizar as tradicionais e grandiosas festas do Concelho. Este facto aparentemente sem importância, precisamente porque já é do conhecimento público, não se pode, todavia, encarar de ânimo leve, sem se cair naquilo a que vulgarmente chamamos rotina e da qual a apatia é a causa primordial.*

*Poderia ter guardado esta crónica para mais tarde, posto que o tempo não sobeje, mas resolvi antecipar este meu intento propositadamente visto que o programa, pelo menos que me conste, ainda não está elaborado. Isto, todavia, não implica que algo do que aqui fica dito seja aproveitado e sentir-me-ia muito satisfeito se isso acontecesse. São simples sugestões, por ventura já ventiladas por outrem e a quem lhes cabe o papel de autores.*

*Sabendo-se que as nossas festas atingiram já um nível bastante elevado, um esplendor fora de série, uma auréola mesmo pouco vulgar e até sob o ponto de vista artístico quase inexcedível – é ver as vistosas e modernas ornamentações comparáveis às melhores do país, é ver a quantidade, a variedade e a qualidade do fogo queimado, é ver a arte, o bom gosto, a originalidade das serenatas, é ver a categoria e o bom nome das magníficas bandas de música que nos visitam, é apreciar a garridice, o regionalismo dos rancho dos ranchos folclóricos – quere-nos parecer que algo de mais se poderia introduzir no programa sem que disso se ressentissem os outros números e até, a nosso ver, lucravam o nível artístico, o valor cultural e intrínseco das Festas a par de um maior motivo de atracção para os forasteiros que nos visitam.*

*O assunto que nos propomos tratar: hoje é o seguinte: realizar um Concurso de Fotografia sob motivos exclusivamente adentro do concelho. Indicar-se-ia uma data para a apresentação das fotos, que teriam de reunir um mínimo de condições sem as quais não seriam aceites e para isso eleger-se-ia um júri que tomaria sobre si o encargo de as seleccionar criteriosamente, submetendo a sua apreciação a vários aspectos.*

*Cada concorrente poderia apresentar vários trabalhos e por ocasião das Festas do Concelho far-se-ia uma exposição em lugar a estudar. Isto para já, porque o tempo é escasso. Mas mais tarde e depois de bem amadurecido o assunto porque não criar um clube de Cinema, englobando várias actividades entre as quais a arte fotográfica?*

*E então não seria difícil ver os nossos fotógrafos amadores, e bastantes são, saírem para a rua aos domingos, máquina a tiracolo, visitarem os nossos mais caros monumentos*

*históricos, mirá-los, remirá-los, procurarem um motivo inédito de inegável valor artístico e enfim fazerem o desejado clic clac. Tornarem a subir, olharem aqui, perscrutarem acolá e «olha que belo panorama daqui se disfruta»; apronta-se a máquina, dirige-se a objectiva na direcção desejada e clic-clac já está. Tornam a descer, mas sentem-se cansados e resolvem descansar um pouco. Sentam-se numa pedra e põem-se a cismar enquanto o olhar divagueia livremente. De súbito os seus olhos param, arregalam-se, fixam-se num ponto, enquanto na máquina e, atordoado, dirige novamente a objectiva agora na direcção dum regato que corre por entre duas montanhas abruptas, rocha pesada e uniforme e que caindo lá do alto mais parece uma faixa de prata que vai descendo e chegando à altura em que o bruto se endireita verticalmente se parte em diversas faixas mais estreitas até desaparecer lá ao fundo entre tufos de plantas selvagens. Era um trecho lindíssimo que lhe tinha passado desapercibido na subida, talvez porque a sinuosidade do caminho ou altos muros, pedaços de montanha, não o tivessem deixado ver, era ainda um motivo flagrante de ineditismo, e de beleza de que a nossa terra é tão pródiga. Pôs novamente a máquina a tiracolo e via-se que estava contente. Resolve, por isso, regressar e é certo que vai concorrer ao Concurso de Fotografias.*

*Era este o panorama que nós veríamos, com certeza, se se pudesse chegar a uma conclusão.*

*Pense-se a sério no problema.*

*E prosseguindo. Se de facto o nosso concelho é suficientemente rico em atractivos naturais com que prenda os turistas, urge dar-lhes disciplina, fazê-los conhecidos através duma propaganda bem dirigida, bem orientada por uma comissão de turismo que tarda em aparecer.*

*Finalmente creio que ninguém pensará o contrário, ao afirmar que esta actividade artística a par de muitas outras a que se dariam vulto seriam um motivo de distração culta e dariam origem a um maior enriquecimento do nosso depauperado património artístico.*

*É por isso que ao dar seguimento e esta hora alta de fé nos destinos e no horizonte do concelho de Arcos de Valdevez, o nosso jornal que sempre tem dado apoio e guarida a*

*tudo o que seja em prol e a bem da nossa terra, depõe mais uma assinatura de adesão ao já grande movimento que alastra por toda a parte onde há coração arcuense a sofrer e a viver com ansiedade (sejam elas alegrias ou tristezas) que invadem a sua e nossa querida terra.»*

**24 de julho de 1955 – Notícias dos Arcos p. 1**

**«Continua a trabalhar-se afanosamente na realização das FESTAS DO CONCELHO**

**Uma atitude e uma sugestão**

*PROSSEGUE a azáfama para a realização das Festas do Concelho.*

*Tudo se vai estudando cuidada e pormenorizadamente para que, chegado o momento próprio, Arcos de Valdevez possa dar uma prova da sua capacidade organizadora e do seu bairrismo incontroverso.*

*Para já, podemos dar uma notícia que, pelo seu significado de amor à terra, bem merece que o destaquemos: o Sr. António Araújo, conceituado comerciante arcuense, tomou a seu cargo a realização da Serenata Fluvial.*

*Destas atitudes é que Arcos de Valdevez precisa, destes homens realizadores é que a nossa vila necessita. Quando soube do simpático apoio dos empregados comerciais, o Sr. Araújo, que já tem dado sobejas provas da sua competência e bom gosto, resolveu imediatamente pôr-se à disposição da Comissão das Festas do Concelho, chamando a si a inteira responsabilidade do número mais importante dos nossos festejos concelhios. Poderia ter dado sugestões, poderia limitar-se a protestar a sua colaboração e isso já era alguma coisa: quis todavia, ir mais além, desejou não só facilitar a tarefa dos comissionistas como demonstrar também a sua indesmentível inclinação artística e a pujança do seu trabalho – e isso já é muitíssimo.*

*A Serenata Fluvial será assim um espectáculo puramente arcuense e marcará, disso estamos absolutamente certos, pela sua originalidade, pela sua organização e pela sua beleza.*

*O facto de ter como responsável o Sr. António Araújo assegura nos antecipadamente o bom êxito dum número que já vem ganhando foros de sensacional, o facto de ser este*

*ano levado a bom termo por elementos dos Arcos de Valdevez mais contribuirá para elevar o seu prestígio.*

*Estamos, pois de parabéns.*

*Já está também resolvido o problema das ornamentações. Elegantes, novas, vistosas e de apropriado cunho regional devem agradar em cheio. O contrato foi efectuado com o Grupo Recreativo da «Reguladora», de Vila Nova de Famalicão, sendo o seu director técnico o estimado artista, já o nosso conhecido, José Cabo Júnior. Este ano a ornamentação das ruas será um pouco enriquecida, visto que dela beneficiarão algumas artérias que ultimamente não têm sido decoradas.*

*A colaborarem com a Banda da Vila, virão, respectivamente no dia 27 e 28 de Agosto, a Banda de Lanhelas e a Banda dos Bombeiros Voluntários de S. João da Madeira, agrupamentos musicais de reconhecido valor e cujas actuações vão agradar pela sua qualidade.*

*Vivacidade, alegria, movimento, cor e entusiasmo já estão assegurados para o Campo do Trasladário.*

*O peditório tem decorrido de forma plenamente agradável. De tal modo têm sido recebidos nas freguesias que já visitaram, que nos pedem os comissionistas para que em seu nome agradeçamos a delicadeza e generosidade com que têm sido acolhidos no desempenho das suas funções.*

*Há, claro está, ainda alguns assuntos a resolver, mas, como costuma dizer-se, Roma e Pavia não se fizeram num dia.*

*Compreende-se perfeitamente que a dificuldade de arranjar elementos que constituam a Comissão de Festas resulta, como é evidente, da responsabilidade que do cargo advém e do trabalho insano que se torna necessário dispendir.*

*Poder-se-iam fazer festejos ainda mais imponentes? Sem dúvida alguma.*

*Poder-se-ia enriquecer muito mais o programa com uma série de números originais e de acentuado valor? É inegável.*

*Fazê-los, contudo, como já se têm feito, já é trazer muito, já é trabalhar pelo bom nome da terra.*

*É por isso que, uma vez mais, cumpre fazer realçar a atitude do Sr. António Araújo.*

*Facilitou a tarefa dos comissionistas porque lhes disse: Não se preocupem mais com a Serenata: eu tratei disso.*

*O seu exemplo não poderia ser seguido por outros? Por que é que todos aqueles que bem intencionadamente julgam ser este ou aquele número um factor de enriquecimento das Festas do Concelho se não avizinham da respectiva Comissão e lhe não fazem idêntica proposta?*

*- Querem um número bom para as Festas? Aqui está ele. Concordam? Então não se preocupem mais com isso: nós trataremos de tudo, porque os senhores já têm muito com que se inquietar.*

*Se tal sucedesse, se houvesse, na realidade, grande amor a Arcos Valdevez, as nossas Festas do Concelho tornar-se-iam muito mais célebres, mais esplendorosas e mais arcuenses.*

*Aqui fica a nossa sugestão.»*

## **7 de agosto de 1955 – Notícias dos Arcos P. 1**

### **«Festas do Concelho**

*Encontra-se elaborado o programa das Festas do Concelho.*

*Pelo que se já sabe, não há dúvida que os festejos devem resultar brilhantismo, honrando, uma vez mais, a tradição.*

*O cartaz anunciador é pleno de gosto, colorido e vibrante. Pode considerar-se o primeiro êxito das festividades e é um excelente trabalho da Litografia do Minho, L.da.*

### **PROGRAMA DAS FESTAS DO CONCELHO**

*Dia 26*

*(Sexta-feira)*

*ÀS 9 HORAS – Princípio dos festejos com salva de morteiros, «Zés P´reiras» Gigantones e Cabeçudos.*

*ÀS 9,30 Horas – Desfile da conceituada BANDA DA VILA.*

*ÀS 10 HORAS – Hasteamento, no edifício da Câmara Municipal, da BANDEIRA DO CONCELHO.*

*ÀS 11,30 HORAS – Abertura das GRANDES FEIRAS FRANCAS.*

*ÀS 15 HORAS – CONCURSO PECUÁRIO, em S. Bento, com valiosos prémios aos melhores exemplares de gado. Organização do Grémio da Lavoura local.*

*À NOITE – ANIMADO FESTIVAL. FOGO DE ARTIFÍCIO. CONCERTO MUSICAL.*

*Na ÍNSUA DO VEZ, realizar-se-á um magnífico ARRIAL MINHOTO animado por uma categorizada orquestra. Entrada por convite.*

*Dia 27*

*(Sábado)*

*ÀS 9 HORAS – Demonstrações festivas idênticos às do dia anterior e continuação das GRANDES FEIRAS FRANCAS.*

*ÀS 10 HORAS – Entrada da loureada BANDA LANHELENSE.*

*ÀS 10,30 HORAS – Concertos musicais pelas bandas LANHELAS E ARCUENSE.*

*ÀS 14 HORAS – CONCURSO AGRÍCOLA com distribuição de prémios aos melhores produtos expostos na feira.*

*ÀS 22 HORAS – Exibição na Ínsua do Vez, do RANCHO REGIONAL DO CABO DE ASSEQUINS – ÁGUEDA.*

*Continuação do FESTIVAL e dos CONCERTOS musicais no Campo do Trasladáro, com VISTOSSAS SESSÕES DE FOGO PRESO E DO AR.*

*Dia 28*

*(Domingo)*

*ÀS 9 HORAS- As mesmas demonstrações festivas dos dias antecedentes.*

ÀS 10 HORAS – Entrada da afamada BANDA DE MÚSICA DOS B. V DE S. JOÃO DA MADEIRA. ÀS 10,30 HORAS – Concertos musicais pelas bandas SANJOANENSE e ARCUENSE.

À TARDE – Arraial popular no Campo do Trasladário.

ÀS 22 HORAS – Na Ínsua do Vez exibição do famosa GRUPO DR. GONÇALO SAMPAIO.

Novos concertos musicais, Sessões de fogo, vibrante animação.

Apoteoticamente, as Festas do Concelho, no dia 28, domingo, terão o seu momento culminante com a realização da original e inesquecível Serenata do Rio Vez que será um espectáculo de sonho e maravilha superiormente dirigido pelo Sr. António Araújo, com a colaboração dos Empregados do Comércio local

ARTE! BELEZA! LUZ! DESLUMBRAMENTO!

Fogos dos mais acreditados pirotécnicos

Divertimentos variados.»

**18 de agosto de 1955 – A Vanguarda PP. 1-13**

**«FESTAS DO CONCELHO**

*Trabalha-se afanosamente para dar brilho e côr às Festas do nosso concelho. Os cartazes já se encontram espalhados pela rua: lindos cartazes, sim, senhores!*

*Considerámo-los dos mais bonitos dos últimos anos. Os concursos parecem estar pouco anunciados. É precisa muita propaganda para não desmerecerem dos anos anteriores.*

*Lavradores: trazei os vossos gados ao Concurso Pecuário no dia 26, e os vossos produtos agrícolas no dia 27 para Concurso Agrícola.*

*Dia 28: Grande Serenata no lindíssimo Vez! A Classe dos Empregados do Comércio, dirigida pelo Sr. António Araújo (da Casa das Meias), conhecidíssimo pelo seu bom gosto e requintada sensibilidade artística, e pela juventude alegre e qualitativa de artista nato de Nurmi Rocha, já posta à prova na coadjuvação da organização do «Rancho Coreográfico de Arcos de Valdevez», há anos, e noutros sectores, irão deliciar todos os visitantes, com os simbólicos figurados navegando no majestático Rio Vez.*

*Tudo terminará com uma importantíssima sessão de fogo do ar e do rio.*

*Convidam-se todas as pessoas que ainda não viram um sonho com os olhos da realidade a assistir às inolvidáveis Festas do nosso Concelho de Arcos de Valdevez!*

*As feiras francas, os descantes, as barracas de comes e bebes, e de divertimentos, o passeio alegre, as alas dos namorados, as músicas para todos os paladares serão o nosso encanto: teremos a oportunidade então de mais apertarmos no nosso coração o amor à nossa Banda Arcuense!*

*Alegria a rodos, luz a jorros, diversões à farta: três dias de festa para toda a gente!*

*Aproveitem os turistas a ocasião de visitar o Castelo, o Jardim dos Centenários, o alto dos Remédios, S. Bento, o Mesio, os nossos monumentos, as nossas artísticas Igrejas e capelas: todas as belezas naturais deste ridente concelho!*

*Arcos de Valdevez é um admirável museu orientado pelo Supremo e Divino Artista.»*

**26 de agosto de 1955 – Noticias dos Arcos pp.1-8**

**«AS FESTAS DO CONCELHO**

**E A SERENATA NO RIO VEZ**

*Sendo a arte um índice da cultura de um povo, é natural que cada um se esforce por elevar o seu próprio nível, dentro daqueles limites que a natureza humana – caracterizadamente limitada -impõe.*

*Arcos de Valdevez, conquanto o seu meio artístico não seja notável – nem mesmo aceitável, actualmente – tem possuído, desde sempre, homens de requintada sensibilidade artística, muitos dos quais têm o seu nome gravado nas antologias das Letras e das Ciências e os seus retratos emoldurados nas galerias e nos museus de Arte. Mas (há sempre um mas) a maior parte dos nossos artistas, daqueles que demonstram uma habilidade rara, a par dum templo excepcional, a maior parte, como digo, morrem quando a sua sensibilidade e o seu rendimento estão, ainda, em estado de embrião, precisamente por falta de apoio e do meio onde empregam o seu talento.*

*Temos, presentemente, exemplos frisantes que vêm atestar e confirmar a minha tese. Não vem ao caso citá-los neste momento, tanto mais, que a minha intenção inicial, sem ser atraçoada, sofreu, todavia, uma ligeira tergiversação.*

*Quando, há dias, lemos neste mesmo jornal, que o Senhor António Araújo tomou sobre si o encargo de organizar a serenata no Rio Vez, nada nos surpreendeu. E, se é certo que neste número é o de maior responsabilidade – falam milhares de pessoas que assistiram à anterior, fala o prestígio da própria Serenata – também é certo que o artista firmou já os seus créditos e que a sua habilidade e a sua sensibilidade artística são de facto. Quem não se recorda da elegância, do bom gosto, da arte que ele, em dias de festas, imprime à sua montra? Quem não se recorda da pureza, da graça e do encanto que a Rua General Amílcar Mota deixa transpirar nos dias de Peregrinação de Nossa Senhora do Castelo? Quem não se recorda da pureza, e da graça, do misticismo que ele conseguiu emprestar àquela Carro de Caridade que desfilou no Cortejo de Oferendas?*

*Arcos de Valdevez, não há dúvida, tem dívida em aberto para com o artista, e ela é tanto maior, sabendo-se que António Araújo não é natural deste concelho.*

*Por isso que ao dar vulto a esta reportagem, uma dupla intenção assistia: informar os nossos leitores e daqui dirigir um aceno de simpatia ao homem a quem, este ano, ficamos a dever o brilhantismo, o êxito – disso estamos certos – da Serenata de 1955.*

*Quando na tarde de sexta feira batemos à porta do antigo edifício da Escola Primária e um mocito no-la veio abrir, logo deparámos com o Senhor Araújo, mangas arregaçadas, martelo em punho, no meio dos operários, dando ordens, elucidando, ele próprio executando, quantas vezes! Havia azáfama nas oficinas improvisadas. Quando dissemos ao que vínhamos, o Senhor Araújo recebeu-nos com amabilidade, mas a verdade é que não pôde atender-nos imediatamente. Afinal nada perdemos, por que, com aquela proverbial curiosidade dos jornalistas, aproveitamos a ocasião para tudo esquadriñar. Num aposento ao lado direto de quem entra, encontramos o Orlando Codeço, atarefado a pintar um dos mosaicos, onde estão escritos versos de três apreciados poetas arcuenses; Virgílio Amaral, António Ribeiro e Henrique Codeço. Reparámos, até, que os versos não estavam completos:*

*Sou pobrezinho? Que importa!*

*Um pobre também con...sola!*

*Ninguém bate à minha port...a*

*Que não receba uma... esmola!*

*Claro, as palavras grifadas, fomos nós que acrescentamos. A título de curiosidade damos a seguir o texto das outras três quadras:*

*A minha humildade calma*

*Um bem infinito encerra!*

*Tenho voz e tenho alma*

*E sou o sangue da Terra.*

A. R.

*Rasteirinha e diligente,*

*A fonte de água, a correr*

*Diz baixinho a toda a gente*

*- Se tens sede, vem beber.*

V. A.

*Nem sempre é crime matar*

*Até, às vezes, é graça!*

*Eu por exemplo, a cantar*

*Mato a sede de quem passa*

H. C.

*Notamos ainda que, de vez em quando, soltava exclamações de arrelia, o que nos levou a inquirir do motivo:*

*- É que o tom dos mosaicos está levemente diferente.*

*Tivemos de concordar, ainda que a diferença fosse mínima Não deixamos, porém, fugir a oportunidade que se nos oferecia, para averbar uma opinião sobre o homem da Serenata. O Orlando condescendeu e, entre uma olhadela para o mosaico e o tomar tinta de uma bisnaga, quase gasta, respondeu:*

*- Não há dúvidas, o Senhor António Araújo é uma pessoa competentíssima, e, com uma habilidade nata: é meticolosíssimo em todos os pormenores, mas sobretudo, acrescentou, tem um bom gosto notável.*

*Como o Snr. Araújo continuasse ocupado, decidi matar o tempo a observar o decorrer dos trabalhos. O carpinteiro ocupava-se duma caravela, enquanto o caiador se preocupava em pintar uns traços numa coluna. Vi o corpo do moinho já pronto e ao lado a ventoinha. Interiormente pensei: quantas ilusões não morrem nas asas dum moinho! Aqui e ali, aladas borboletas, a que só faltava movimento e vida, para serem verdadeiras. Mais adiante, graciosas florzinhas pareciam irromper do próprio chão, para dar mais graça a este recanto de arte e poesia. Acolá, vê-se a fonte da Pérgula, incompleta, mas deixando adivinhar, já, nas suas linhas inacabadas, qualquer coisa de poesia, de candura, plena de beleza e de graça.*

*Neste momento, uns sujeitos vêm interromper o silêncio e a paz de espírito que reinam aqui dentro. Vimos que o Snr. Araújo se dispunha a mostrar e a satisfazer a curiosidade dos visitantes. Segui-os e mentalmente ia averbando todas as suas explicações. Isto, comenta ele, ao mesmo tempo que nos mostra uma roda forrada com papel dourado: é o Sol; e acrescentava, com uma pontazinha de orgulho, deve ser um dos momentos mais belos da Serenata: o Nascer do Sol. Atrás dos montes, o Sol aparece e vai principiar a sua ascensão, enquanto os seus raios ainda enfraquecidos, espalham uma luz ténue, e gradualmente mais clara, sobre a Terra. Ao lado estava um grande vaso, com flores artificiais de várias cores, e um trecho de um jardim. Depois era o Carro Romano ou Carro do Triunfo. E como as rodas ainda não estivessem no seu sítio respectivo, o Snr. Araújo pegou numa, e encostou-a ao carro para se ver o efeito. O condutor levará, unicamente, uma túnica rudimentar e um chicote. Os cavalos, imponentes no seu garbo, lá continuaram na sua posição, plenos de harmonia e de força. Agora era a vez da Serenata, e o senhor Araújo explicou-nos:*

- Este arco fica em primeiro plano: uma ruazinha estabelece o contacto com o casebre. Um estudante, sentado debaixo do arco, solta estrigas de amor, aos sons dolentes de uma guitarra. A cena é iluminada, frouxamente, por um lampião regional. Este, deve ser, a par de alguns outros, dos mais apreciados, pelo seu quê de bucolismo, de pitoresco, e ao mesmo tempo, de nostalgia.

Aqui o cicerone interrompe-se, para exclamar: - tudo isto requer muito trabalho e muito esforço. E prosseguiu, mostrando-nos uma árvore em flor que representava a Primavera. Ouviram-se algumas exclamações de admirações e aplauso.

A um canto via-se o espigueiro destinado ao barco das «Ceifeiras». Por fim eram as Caravelas.

Os tais sujeitos foram-se, e, só então o senhor Araújo se pôs à nossa disposição.

Sabendo que para uma empresa de tal envergadura, é necessário muito trabalho e muito tempo, a nossa primeira pergunta foi esta:

- Teve alguma razão especial, para se abalançar a este cometimento?

- Duas razões muito fortes: o amor dos Arcos e o desejo, muito veemente, de que os Empregados do Comércio fizessem figura.

- Acha que os trabalhos têm corrido sem contrariedades, isto é, à medida dos seus desejos?

- Os trabalhos, que considero acabados, têm decorrido da melhor maneira.

E o facto é tanto mais de realçar, se atentarmos no número mínimo de operários que se encontram a trabalhar: um carpinteiro, um caiador, e alguns auxiliares.

Seguidamente resolvemos interrogá-lo sobre um assunto que, pela sua acuidade, levava o rótulo «atrapalhação».

- Pensa que pode fazer melhor do que o ano passado? O Snr. Araújo, é que se não deu por achado e depois de pensar um pouco, respondeu-nos:

- Não posso garantir que faça melhor, porque todo o trabalho é executado por verdadeiros amadores. Penso, no entanto, que se tudo correr como está planeado, o público deve retirar-se satisfeito com o nosso trabalho.

A seguir, a nossa pergunta foi a seguinte:

- Achou que a Serenata do ano passado decorreu impecavelmente?

Sem peias, nem falsos conceitos, como quem tem plena consciência do que vai dizer, confessou-nos:

- Infelizmente, não; no meu modo de ver, notei muita falta de luz e, principalmente, notei má organização no desfile dos barcos.

Continuamos:

- Os trabalhos deste ano obedecem ao mesmo método seguido ou diferem também?

- Gostaríamos que, num breve esboço, descrevesse a Serenata, subordinando-o às seguintes alíneas:

a) – Discriminação e natureza dos barcos;

b) – Disposição e organização dos mesmos;

c) – Finalmente personagens intervenientes; para assim, darmos uma ideia, tanto quanto possível aproximada, a todos os arcuenses que se encontram lá fora, do grandioso desfile.

Nova interrupção nos estava preparada e o senhor Araújo, escusando-se por momentos, lá foi atender os novos curiosos. Não lhe foi difícil despachá-los, pelo que passados uns dez minutos retomávamos o fio à conversa.

- A essa pergunta já lhe respondo. Olhe, dos barcos que figuravam no ano passado, apresentamos apenas quatro: O Paço de Giela que, com algumas alterações, é destinado a abrir o cortejo; A Azenha, é Capela e os Noivos de Vez. Os novos são os seguintes: A Fonte dos Namorados, Primavera, Ceifeiras, Nascer do Sol, Moinho de Vento, Serenata, Flores, Carro Romano e duas Caravelas. No barco «Flores» irão duas meninas; na das Ceifeiras figurarão quatro gentis raparigas, vestidas com trajos próprios e com as

*foucinhas na mão; um lavrador assistirá ao «Nascer do Sol»; no Concelho, três rapazes da Mocidade Portuguesa farão a guarda de honra. Um estudante, de que já falamos, será o personagem da Serenata. Bartolomeu Dias assumirá o comando das caravelas e das respectivas equipagens. Finalmente dois «conversados» e um poeta solitário, completarão o quadro «Fonte dos Namorados».*

*No complemento da questão anterior, ainda acrescentamos:*

*- Pensa em apresentar algum número sensacional ou inédito?*

*- Na verdade, pensamos fazer uma apoteose final que, a realizar-se, deve causar sensação.*

*Há muito que uma pergunta me andava a bailar no espírito e passado do mundo das ideias à realidade, desfechamos:*

*- Dizem que o fogo aquático lançado na ocasião do desfile tem os seus inconvenientes. E isso é natural, sabendo-se que uma grande parte das faúlhas vem cair na Ínsua, provocando o pânico entre os circunstantes. Tomou providências ou ignorava?*

*- Sobre esse caso – afirmou-nos – temos o assunto arrumado. Durante o desfile dos barcos, não haverá fogo de espécie alguma.*

*A seguir comentamos:*

*- Sabemos, efectivamente, que os Empregados do Comércio têm sido incansáveis, e têm dado o melhor do seu esforço a tudo que se relaciona com a Serenata. «Notícias dos Arcos» teria muito gosto em publicar alguns nomes que estivessem impostos pelo seu trabalho e pelo seu esforço. Quer destacar alguns?*

*- Sim. Realmente há nomes, por exemplo os de Álvaro Aguiar, José Alves de Sousa, Manuel Ferreira, António Rodrigues e Alfredo Cerqueira, que merecem destaque. Mas, é bom que se saiba, todos, mesmo todos, se têm portado com grande aprumo e têm sido incansáveis.*

*Aqui, o senhor Araújo tira um cigarro da carteira, acende-o e, puxa duas longas fumaças...*

*Respeitamos este silêncio para logo prosseguirmos no nosso questionário:*

- Tem alguns colaboradores directos? Quer citá-los?

- Bem. O Normi- aqui o autor aproveita a ocasião para fazer justiça às suas excepcionais qualidades artísticas – foi o artífice daquele mosaico maior, em que se veem as crianças a brincar. E como num desabafo - dá-se até o caso de ele ir para Lisboa e deixar-me a braços com os outros dois. O que me valeu foi o Orlando do Codeço, outro novo, cheio de qualidades, e que imediatamente tomou aquilo ao seu cuidado. Nós que apreciamos o trabalho dos dois podemos acrescentar que são dignos um do outro.

Esta entrevista corria o risco de prolongar-se indefinidamente se a consciência nos não acusasse de estarmos a massacrar a paciência dos nossos leitores. Resolvemos, por isso, atalhar, deixando no olvido algumas perguntas que faziam parte da nossa bagagem questionária. E, satisfeitos com o decorrer da mesma, dispusemo-nos a desferir as últimas perguntas:

- Que pensa da sua personalidade artística? Ainda desta vez o senhor Araújo não se atrapalhou e teve mesmo este comentário engraçado: «Estas vão por fora, mas não faz mal». Sorrimos e ele continua:

- Penso que, sem saber por quê, tenho tido intervenção. Imagine que já ganhei um concurso fotográfico entre centenas de concorrentes.

E quando lhe perguntamos se ele tinha alguma recordação especial de toda a sua longa carreira de amador, vimos que nos seus olhos se acendiam estranhos folgores de alegria e ao mesmo tempo de orgulho. Depois o olhar abstracto perde-se na imensidade do céu azul, os lábios entreabertos mostram um sorriso quase apagado e a sua expressão retoma um ar concentrado. Após isto, as suas palavras saem lentas e compassadas:

- Compreende, quase só tenho boas recordações e é difícil assim de repente, salientar alguma. No entanto, sempre lhe direi que a exposição, feita por ocasião do I Cortejo de Oferendas, em 1948, deu um brado formidável. Posso, talvez, considerá-la a minha coroa de glória. E enquanto nos mostra uma fotografia da dita exposição, acrescenta: «Até os jornais se referiram a ela».

Estava satisfeita a nossa curiosidade. Restava pôr o nosso jornal à sua disposição:

*- Olhe, aproveito a ocasião para pedir compreensão ao público para o nosso esforço desinteressado, e que nos perdoe as faltas que venham a prejudicar tanto esforço e tantas boas vontades.*

*Já na despedida são os operários que me chamam a atenção: - Não se esqueça de pôr no seu jornal o meu nome... e o meu... e o meu... gritaram todos; tive que sorrir e acenar com a cabeça, que sim: que não me esquecia...*

*De tudo que vimos, e, do muito que nos não disseram, mas que conseguimos apurar uma certeza nos fica: a Serenata de 1955 não desmerecerá das anteriores.»*

**28 de agosto de 1955 – A Vanguarda pp. 1-6**

### **«AS FESTAS DO CONCELHO**

*À data da saída deste número têm já decorrido dois dias de esplendor das nossas Festas concelhias.*

*Os concursos pecuário e agrícola terão já marcado a sua posição inultrapassável.*

*Os arraiais e as sessões de fogo jamais esquecerão. E hoje é o último dia; o dia que marcará para sempre a passagem indelével das mãos arcuenses – num ambiente retintamente de Arcos de Valdevez.*

*Àqueles que nos leram, e ainda não saibam do número Extraordinário da Serenata no Vez, convidamo-los, mais uma vez, a comparecer nessa parada de magia e sonho.*

*É um número apenas de há três anos, mas tem já admiradores de longes terras que nos visitam propositadamente para regalo de fogo que se lhe segue valem só por si os três dias de festa. Avalie-se por aqui o que são as nossas Festas do Concelho de Arcos de Valdevez!*

\*\*\*

*Vamos aproveitar a ocasião de rectificar uma notícia que havíamos dado no número anterior.*

*Uma notícia que havíamos dado no número anterior.*

*Dizíamos nós que a «Classe dos Empregados do Comércio» era dirigida na empresa de preparar a serenata pelo senhor António Araújo e Normi Rocha. Efectivamente este jovem artista e nosso conterrâneo desistiu de colaborar – oque muito sinceramente lamentamos!*

*Fica, pois, devidamente esclarecido todo o público de que a mão artística do sr. António Araújo é que nos vai maravilhar na monumental exposição de cenários em que, na verdade, é mestre.*

*Desde já o felicitamos e lhe apresentamos as nossas desculpas que são devidas, se bem que nada mais nos levasse a dar a anterior notícia que não fosse o realce e os estímulos daquele jovem amador, digno, apesar de tudo, da boa estima.»*

**4 de setembro de 1955 – Notícias dos Arcos pp. 1-6**

#### **«A MÚSICA NAS FESTAS DO CONCELHO**

*Foram três as bandas civis que actuaram nas nossas Festas do Concelho: as de S. João da Madeira. Arcos e Lanhelas. Falemos primeiramente das bandas visitantes que deram a sua colaboração:*

*Banda de S. João da Madeira: - Pela segunda vez apreciamos nos Arcos esta banda, sob a regência do professor de música e componente da Orquestra Sinfónica do Conservatório do Porto, sr. António Martins. Este conjunto musical não carece, evidentemente, do nosso modesto louvor. Os que tem recebido em muitas terras, de autoridades competentes do culto musical, bastou para manter, na história dos seus acontecimentos de arte, a distinção e o prestígio. A apresentação desta banda é disciplinada.*

*E quanto à interpretação técnica da sua música, não nos surpreendeu o que ouvimos de algumas partituras de grande efeito, quer por parte dos metais quer por parte da madeira e até do conjunto teve bom trabalho, aguentando-se em apreciável equilíbrio, os naipes de clarinetes e cornetins.*

*A regência, teve por vezes atitudes agitadas nos fortes, que mostraram bem que a música cantava na alma do regente, e, quando descia à calma dum adágio ou dum pianíssimo, ela indicava que dentro de si vivia o delicado florir duma inspiração que*

*mantinha em todo aquele conjunto instrumental, uma sonoridade muito agradável. Esta banda foi recebida, na pessoa do seu chefe, pelo Sr. Presidente da nossa Câmara no seu gabinete, onde foram dadas as boas-vindas, trocando-se entre todos saudações amistosas.*

*Foi este grupo artístico portador duma marcha da autoria do seu regente e dedicada aos arcuenses. É uma composição de lindo efeito, em estilo francês que muito agradou. O seu autor, subindo ao coreto da Banda Arcuense fez o oferecendo da respectiva partitura ao chefe da nossa banda, sr. Joaquim Lopes, acompanhado de algumas palavras que este agradeceu.*

*Banda de Lanhelas: - Apenas uma ligeira referência a esta banda de música por não termos bem presente a história musical deste agrupamento, no entanto podemos dizer que a sua colaboração nas Festas do Concelho foi prestável, dando-nos alguns momentos de música agradáveis. Ouvimos de perto alguns instrumentos, sobretudo os cornetins e clarinetes que são a parte forte duma banda, como os e violoncelos o são duma orquestra, e achamos que o som era limpo e a execução bastante correcta. Não é, evidentemente, uma banda de destacável categoria, mas o conjunto equilibrou-se por influência da batuta que se esforçou pela conquista do êxito.*

*Os solos do 1.º cornetim agradaram. A regência estava a cargo do tenente reformado do exército o sr. Rafael Alves, que conseguiu melhorar a banda nos últimos tempos. Este grupo musical prestou homenagem ao conhecido regente Augusto Cristina, depondo uma coroa de flores naturais após «um minuto de silêncio» e a execução de uma marcha fúnebre.*

*Banda Arcuense: - Antes de falarmos desta banda de música, fazemos aqui «dois minutos de silêncio», de respeito e de admiração, recordando a memória dum homem que ainda nas Festas do Concelho do ano findo dentro do seu coreto e debruçado sobre a estante da regência, arrancou do público, pela última vez nesta vila, intensos aplausos e ergue, com êxito, a sua arrogante cabeça na música sempre deliciosa e à qual hoje se faz plena justiça, talvez mais ainda que na própria vida de Augusto Cristina! Foi este o último regente que honrou, com a sua música, o nome desta linda terra portuguesa,*

*terra muito nossa que se chama Arcos de Valdevez, encantadora «colmeia d'ouro» como alguém a intitulou num momento de feliz inspiração.*

*Esta banda tem agora à sua frente a dirigir-la, o 2.º sargento sr. Joaquim Lopes, antigo componente da Banda Regimental de Braga, já extinta.*

*Sabemos que o novo regente tem feito os melhores esforços com aturados e persistentes ensaios, no sentido de manter o merecimento e o prestígio artístico que a banda sempre revelou em todas as suas manifestações musicais. Ainda bem que o sr. Lopes sente, dentro da sua alma fervente de amor pela música, a preocupação e a boa vontade de dirigir a Banda Arcuense a um futuro próspero, o que para nós tudo traduz, sem dúvida, um regozijo verdadeiramente grande, pois há ainda pouco tempo nos sentimos elevar numa onda de sonho e de prazer quando nos foi confirmado, por algumas pessoas daqui e da cidade de Braga, que a Banda Arcuense fôra apreciada nas festas de S. Torcato e Gualterianas, em Guimarães, e nas de S. João em Braga. Tal apreço deu lugar, efectivamente, nesta cidade, que a mesma fôsse preferida ali mesmo, entre as restantes bandas, por alguém de Montalegre para abrilhantar as suas festas no mês passado.*

*E nesta vila dos Arcos, durante os concertos que efectou nas Festas do Concelho, também nos prendeu a atenção com horas de boa música e melhorada disciplina. Podemos dizer que a banda se portou bem.*

*Portanto, sr. Lopes, já que subiu ao estrado da nossa banda de música, com o pensamento em nós todos no futuro, assumindo avultada responsabilidade, enquanto aí estiver não esmoreça perante o sacrifício, nem fraqueje diante do trabalho e do estudo que tal missão espinhosa requer. Assim o esperamos, atendendo a um passado bem digno de admiração: A persistência do seu antecessor foi uma luta tremenda de obstáculos e de sacrifícios, e de estudos também, mas com êxito, triunfo e com glória soube vencer! E não teria isto sido, porventura, um benefício de alto valor para todos os arcuenses? Sim, foi, sobretudo, uma honra para a nossa terra.*

*No próximo número faremos referência à homenagem prestada pela Banda de S. João da Madeira, à memória de Augusto Cristina.»*

**11 de setembro de 1955 – A Vanguarda pp. 1-3**

## «AS FESTAS DO CONCELHO

### AS APRECIACÕES

*Desde que houvermos conhecimento de que se constituiu um agrupamento encarregado de levar a efeito as nossas conhecidíssimas Festas, jamais deixamos de lhe dar o nosso apoio, através deste regionalismo quinzenário; como sempre apoiamos todas as indicativas que se traduzem no engrandecimento deste já lindíssimo Rincão: Terras de Valdevez!*

*Principalmente por manifestar o nosso regozijo pela maneira simpática e gentil como «O Comércio do Porto» (especialmente) – jornal tão lindo, como apreciado, no País e no Estrangeiro, e de modo especial no Norte e Centro... àquem Mondego se revelou: um dos mais altos expoentes de propaganda da nossa Terra e das nossas Festas. O seu enviado especial, Jaime Ferreira (já nosso conhecido de nome – e hoje pessoalmente – através do seu livro inesquecível pela emoção causada na opinião pública geral - «O crime do Moínho do Urzal» - onde marcou uma posição inconfundível, como Jornalista, como escritor e como Homem, a despeito das acres censuras que não passaram dos bastidores). Deu-se, em estilo simples forte e objectivo, o realce próprio das Festas do Concelho. Temos, simplesmente, que agradecer tanto carinho, tanta boa vontade, tanta dedicação por uma terra que só lhe pode oferecer gratas recordações, e onde já, podemos afirmá-lo, tem fortes raízes o jornal e numerosos amigos o jornalista. Lamentamos profundamente que se não tenham proporcionado melhores comodidades ao jornalista durante a sua estadia: comensal da Pensão Emília, pernoitava no Asilo de Nossa Senhora da Peneda.*

*«A Vanguarda», pela enorme falange de arcuenses que representa, dentro e extra-muros, expressa publicamente o seu indelével reconhecimento e faz votos para que brevemente tenhamos entre nós o competentíssimo repórter, de visita às nossas encantadoras paisagens, dignas da pintura de tão distinto painelista.*

*Era de louvar a atitude que a comissão, ou quem de direito, deveria assumir oferecendo a Jaime Ferreira o ensejo de percorrer os nossos recantos mais pitorescos. Ainda que já, possivelmente, seus conhecidos, de novo lhe penetravam na sua alma sensível e melhor*

*poderia ele documentar-se nas suas futuras crónicas sobre a beleza inigualável de Arcos de Valdevez!*

*\*\*\**

*Da Comissão das Festas, sem minimizar quaisquer pessoas, apraz-nos distinguir o Dr. Rui Castilho, trabalhador incansável na parte que lhe estava afecta – a propaganda e a Serenata- e o sr. Alberto Jorge Pereira, dinâmico elemento e conhecedor das dificuldades que a realização destas Festas apresentam. À sua pessoa, especialmente, se deve o montante dos fundos angariados. A ambos, portanto, os nossos sinceros parabéns e até ao ano.*

*Sobre as Festas haveria muito a dizer: muito de bom e muito de mau. Abstemo-nos de entrar em profundidade na questão: faremos, contudo, alguns reparos: reparos honestos, com vista a uma melhor perfeição nos anos subsequentes.*

*Decorrem menos animadas, e bastante menos concorridas as nossas festas. Deve ter influído nesses factores a crise económica da população rústica, a depressão financeira do nosso comércio – a base da vida burguesa - e, essencialmente, de alojamentos em nível relativo à categoria dos visitantes que nos passam durante esta quadra. O encerramento do Hotel Ribeira desempenhou aqui um papel relevante: urge remediar os três males, mas o último, principalmente, está na mão dos arcuenses. Oxalá no próximo ano o Hotel funcione, o Bar Restaurante, que o nosso dedicado arcuense e bairrista Francisco Cerqueira (o Venezuela) pensa instalar no edifício adquirido no Campo Trasladário, também, já esteja em laboração, a Pensão Emília possa manter o ritmo deste ano (e Deus queira até que aumente: a Julinha é merecedora de tudo), e as «casas de pasto» consigam alojamentos provisórios para os forasteiros. Faça-se como em Viana: as casas particulares alugam aos Hotéis, Pensões e Restaurantes, os quartos mobilados disponíveis.*

*Na nossa terra, igualmente, deve ser possível fazer o mesmo em menor escala.*

*Merece-nos um louvor especial – e seríamos ingratos e incorretos se não o fizéssemos – a nova hospedaria «**Flor do Marinho**», de Domingos Cerqueira, sita no Largo da Valeta. É que a ela se deve o mérito de algumas pessoas de boa posição social terem conseguido alojamento. Dezenas de pessoas foram ali òptimamente servidas, em preço e em*

*qualidade de alimentação. Parabéns e votos de prosperidade. Devemos acrescentar aqui uma observação: em certo momento foi-nos dado ouvir a um grupo de pessoas de Ponte de Lima uma desairosa censura ao comportamento de certa casa de pasto: é que além da exploração – pelo que ouvimos, não duvidamos- as referidas pessoas foram malcriadamente tratadas. Actos destes só merecem reprovação da gente de bem desta terra, e os reflexos que daí advêm trazem consequências desagradáveis ao movimento comercial congénere e similar. Não publicaremos o nome do proprietário mas avisamos o infractor de que deve moderar-se nos actos e nas palavras: tudo para dignificação da nossa Terra – o mais pequeno desvio de conduta cívica serve a maledicência.*

*\*\*\**

*Falemos propriamente das Festas: pouco diremos de bem. Não foi feliz a Comissão deste ano. Esperava-se e exigia-se até, mais e muito mais.*

*As ornamentações eram tão pobres e tão inestéticas que metiam dó. Para uma festa de aldeia, seriam sofríveis, mas para as festas do Concelho eram impróprias.*

*Não há dúvida nenhuma que as do ano passado eram muitíssimo superiores (e mesmo as dos anos anteriores):*

*A iluminação era deficientíssima. Havia zonas mal iluminadas. O Largo da Lapa – centro da vila- estava completamente nu.*

*Era costume ter um coreto para as músicas ali darem os seus concertos durante as tardes, nos três dias de festa. As pessoas residentes nos prédios circunvizinhos tinham deste modo ouvido algo de música e divertir-se-iam a seu modo.*

*Os alti-falantes, além de demasiado barulho – estrondoso ruído; e no Café Arcuense – foram servidos por locutores anedóticos.*

*Foi tal a multidão de calinadas proferidas durante os anúncios que os forasteiros chegaram a bater palmas a algumas. Impõe-se a assistência de pessoal capaz, com boa dicção, habilitado a redigir um anúncio e a proferir ligeiras palavras: pessoal de conhecimentos gerais não se pode dispensar numa cabine ao serviço das Festas do Concelho. A comissão das Festas tem obrigação de controlar tudo e deve exigir que lhe*

*seja submetido qualquer programa extraordinário: a função das cabines sonoras é bem outra.*

*As bandas de música eram menos más, todavia somos de parecer que duas afamadas e categorizadas bandas atraíam um maior público. Devem tomar-se providências a devido tempo para evitar fracassos.*

*Os atractivos para o público eram deficientes: os carrinhos eram caros e os carroceis são mais próprios de gente gaiata infantil. O bom povo gosta de divertir-se com os espelhos mágicos, com o poço da morte, com a montanha russa, com a mulher eléctrica, etc. São divertimentos que andam à volta de \$50 e 1\$00, e por estas importâncias arranja-se sempre uma possibilidade dos namorados e dos velhotes se divertirem.*

*As barracas que deveriam constituir as Feiras Francas eram tão poucas que mal pareciam nos locais ocupados. Houve nisso pouca propaganda e nenhuma facilidade. Pessoas houve que não instalaram os seus costumados Stands por acharem demasiado pesados os impostos que lhes exigiam!!! Mas, para que lhes chamam então feiras Francas? Estas feiras estão livres de impostos: por isso são francas.*

*Louvamos a iniciativa de José Brito – é um rapaz dinâmico e útil, possuidor de boas iniciativas – pela montagem do Stand das Máquinas Oliva! Parece-nos que não perdeu nada com a exposição: formulamos votos de continuidade.*

*A Comissão de Organizadora do Arraial Minhoto – três briosos rapazes – saiu-se òptimamente. Dizem-nos que foi o melhor número. A orquestra espanhola deu boa conta de si e manteve a mocidade sempre activa até à madrugada.*

*Os gaiteiros tiveram sempre os lábios bem afinados para tocar bombo: na companhia dos gigantones e cabeçudos fizeram delirar a rapaziada e o bom apreciador destas diversões.*

*As sessões de fogo não desagradam: quer o fogo do ar, quer o fogo preso, quer o fogo do rio: todos os fogueteiros estão de parabéns. Qualquer deficiência na vida, ou não é da sua responsabilidade, ou é absolutamente desculpável. Sempre houve falhas.*

*Que dizer dos concursos Pecuários e Agrícola?*

*Neste ponto não se pode chamar a responsabilidade à Comissão das Festas! Com franqueza: chamar aquilo «Concurso Agrícola», é o mesmo que chamar ao mercado diário uma «feira»! Em anos anteriores, sim. Se bem que discordemos do sistema – já apresentamos em tempos umas bases diferentes que demonstraram a sua eficiência em todos os aspectos e a cujo o júri presidiu o cultíssimo Técnico Engenheiro Justino de Amor, e os Engenheiros António de Lacerda e Luís Bivar, todos do Posto Agrário de Braga – não temos dúvidas que, mesmo nos moldes anteriores, é possível fazer mais e muito melhor. De resto, temos no concelho vários engenheiros Agrícolas e Silvicultores, e técnicos especializados, que deveriam orientar esse número – sem dúvida um dos mais importantes, dada a natureza da nossa região – e, pelo menos, orientar a classificação. Para os linhos só uma medida segura há a tomar: ou requerer às fábricas da especialidade técnicos especialistas, ou remeter-lhes as amostras para classificação. Assim é que se é honesto e se faz propaganda agrícola. Os vinhos impõem uma propaganda maior e a sua dependência laboratorial, etc., etc., etc.. Gasta-se dinheiro com isto? Que importa? Quem concorre, afinal, para o desenvolvimento do nosso concelho? Nós somos um concelho essencialmente agrícola – dêem-lhe as voltas que quiserem. E a Agrícola, além de ser uma exposição especializada (e não improvisada para apresentar três pés de milho criados numa barrica, ou produtos hortícolas explorados numa diminuta almuinha, ou nos restritos espaços de um terreiro ajardinado), é fundamentalmente o meio através do qual se aprecia o nível técnico da cultura e o desenvolvimento extensivo e intensivo das nossas produções regionalistas.*

*Precisam-se de 4.000\$00, pelo menos, para prémios e 2.000\$00 para satisfazer as despesas inerentes; entendemos dizer, em síntese sobre o Concurso que deveria ser o maior e o melhor número das Fetas!*

*No Concurso Pecuário as coisas equilibram-se sensivelmente; bastante pior este em relação ao ano transacto. Muito menos gado vacum, reduzido lote de lanígeros, ausência de porcos (pelo menos, não vimos) e gado cavalari vimos algum. E, o que é pior, um desnivelamento estético: aliás é esse o fim do concurso – melhor seria chamado: Concurso Beleza Pecuária! Mas isso não é da nossa esfera e ficamos por aqui.*

*O programa e a propaganda foram as bases das deficiências deste certamen que é sempre um dos números mais largamente concorridos pela lavoura, pelos curiosos e*

*pelos Técnicos Especializados. Na verdade, num concelho onde o recenseamento pecuário nos elucida do vulto e da riqueza que possuímos, não deveria ser equacionado este problema de ânimo leve, nem 3.500\$00 (mais ou menos) são montante suficiente para premiar uma Pecuária das maiores do País e das primeiras do Minho.*

*Número de manifestantes, 7.261; Equinos, 995; Bovinos, 16.723; Ovinos, 24.483; Caprinos, 24.215; Aves, 57.652; Coelhos, 2.324; Suínos, 4.931.*

*Regista-se que o nosso concelho detém o segundo lugar no volume de bovídeos em todo o país. À nossa frente está, apenas, Barcelos. Falamos pelo recenseamento oficial de 1940; ora, estes números merecem uma consideração especial. Não seria demasiado atribuir-lhes prémios no montante de 8.000\$00. As exposições querem-se condignas: tudo está na relação.*

*Quanto maiores e mais numerosos forem os prémios, mais concorrentes se inscrevem, e maior massa se aglomera. Estes dois números podem encher completamente os dois primeiros dias! Trabalhe-se para o que sejam de facto.*

*\*\*\**

*Razões peculiares e o desejo de fazermos uma justa apreciação do número mais propagandeado, que maior atracção promoveu e cuja eficiência seria a salvação das Festas: A Serenata – impuseram-nos como fecho deste bouquet a sua crítica. Seremos suaves e analisaremos o número à base do esforço dispendido, da boa fé do orientador e da confiança que ele próprio depositava nos técnicos especializados (!) que lhe remeteram como auxiliares. A parte eléctrica entregue a Zé Brito saiu-se óptima.*

*António Araújo foi o obreiro incansável da esplendorosa exposição de arte e bom gosto, dum alma aberta às impressões da natureza, do Belo e do Sublime encanto da nossa Terra: hinos patrióticos, canções de amor, dolências do esforço exaustivo do Homem do Campo, sonhos românticos, a harmonia da tradição; tudo encerravam aquelas esmeraldas embarcações!*

*Ir aos «arsenais» improvisados onde uma miscelânea de materiais se amontoava, e admirar a flutuação das «caravelas», e do «moinho», e da «eira e canastro», o «nascido do sol», a «Primavera», a «Capelinha», o «Paço de Giela», a realíssima «Pérgola do*

*Piolho», etc. é saber apreciar o trabalho, a habilidade nata, o sentimento artístico do Homem que abandonou a sua própria vida privada, dispendeu energias a rodos, chorou lágrimas amargas e tristes – esse homem. É preciso que toda a gente o saiba, não teve responsabilidade no fracasso, no inêxito da Serenata! António Araújo tem um passado que desmente todas as culpas que, porventura, se lhe queiram atribuir. Só uma fraca compreensão ou ciúme lhe podem ser hostis.*

*O seu êxito esteve bem à vista: todo o público foi unânime na apreciação – toda a gente o felicitou. As fotografias que a reportagem de «O Comércio do Porto» apresentou são bem a coroa da glória do Artista. Da nossa parte felicitamos António Araújo e abraçámo-lo sinceramente pelo seu esforço, pela arte e pelo acendrado amor a esta terra que ele eternamente amará como sua: as suas raízes deram-se bem no solo transplantado. António Araújo tem sabido ser bom bairrista: pelos meios ao seu alcance tem procurado dignificar a nossa Vila de Valdevez!*

*As embarcações e a montagem eléctrica, se bem que fossem da sua orientação, não eram da sua inteira responsabilidade. Deu ordens que não foram cumpridas. O técnico da electricidade contrariou-o nos seus propósitos!*

*Não haja dúvidas: com baterias, com gaz cidla, ou holofotes móveis o êxito seria retumbante. Não havia dependências – essa bicha tum-tum - qualquer inopinada contrariedade seria posta de parte- tudo corria melhor!*

*Um pormenor escapou ao sr. António Araújo: talvez não tivesse tempo de o cuidar, talvez o cuidasse e o perigo em que as embarcações deslisavam, o obrigasse a pô-lo de parte: o ambiente próprio de uma Serenata, os cantares, a música... a vida dos figurantes. Mas este é um ponto a cuidar em próximo ano.*

*Uma série de contratempas arrefeceu o entusiasmo de todos os admiradores – alguns vindos de longes terras – e demorou o início do fim!*

*Os festivais do próximo ano exigem um programa mais cuidado (todos os pormenores devem ser previstos), a continuação da propaganda, e o desanuviamento das paixões que, de lés a lés da vila, penetraram todos os redondéis da cavaqueira.*

*Ao sr. António Araújo cumpre dar-nos no próximo ano mais uma demonstração das suas qualidades: calará assim as bocas maldizentes a as intenções incapazes de fazer melhor.*

*Se no-lo permitem concluiremos o seguinte:*

*O sr. António Araújo, com o pessoal dos empregados do comércio, e os técnicos por si escolhidos, e coadjuvado pelo competentíssimo e não menos abalizado técnico Alvim, de Braga, proporcionar-nos-ão, sem a menor dúvida, uma Serenata capaz de encher as medidas dos mais exigentes e sanar os maus entendidos dos últimos anos.*

*Um grupo de rapazes novos está alerta: se não surgir a devido tempo, a Comissão, prontifica-se a realizar as Festas do Concelho em 1956.*

*Cada vez mais nos convencemos de que não precisamos de valores emprestados: Arcos de Valdevez é Uno.»*

## **1956**

### **5 de agosto de 1956 – Notícias dos Arcos p. 1**

#### **«As Festas do Concelho**

*Trabalha-se afanosamente para que esta tradicional manifestação de actividade e progresso da nossa terra marque, no ano corrente, a sua costumada originalidade e grandeza.*

*Os números principais do programa estão merecendo à Comissão promotora das Festas os maiores cuidados, estando já firmado contracto definitivo para as ornamentações no Campo do Trasladário, Ínsua do Vez, e principais artérias da Vila, confiadas, este ano, ao consagrado vimaranense Bernardo Barreira.*

*A Serenata no Rio Vez de cuja realização tomou encargo o sr. Alvim Braga, o conhecido artista cujos merecimentos de há muito se acham firmados, promete revestir-se, também, de todo o brilhantismo e outros números de grande atracção e beleza se preparam para que as próximas Festas do Concelho não desmereçam das dos anos anteriores.*

*Parabéns á Comissão das Festas pelo seu belo esforço em favor do prestígio e renome deste incomparável torrão minhoto.»*

## **12 de agosto de 1956 – A Vanguarda p. 1**

### **«Festas do Concelho**

*Para que resultem cheias de brilho e atracção, a comissão que este ano leva a efeito as Festas do Concelho, não se tem poupado a sacrifícios de toda a ordem.*

*O Campo e Ínsua, ponto onde as festas atingem a culminância do esplendor e grandeza, serão ricamente ornamentados por artistas de grande nome, como sejam o conhecido ornamentador Bernardo Barreira, de Guimarães e Alvim Braga, este para a mágica serenata no Rio Vez e aquele para o Trasladário e Ruas.*

*Estamos certos de que estas festas, tão do encanto de todos os arcuenses e visitantes e que servem de esplêndido cartaz, não vão desmerecer das dos anos transactos.*

*Bem hajam todos os elementos da Comissão pelo sacrifício a bem da nossa terra.»*

## **17 de agosto de 1956 – Noticias dos Arcos p. 1**

### **«Festas do Concelho**

*Não há dúvida de que a realização das Festas do Concelho envolve responsabilidades de vulto, dado o nível de grandiosidade que elas têm atingido nos anos transactos, mas o certo é que todos os arcuenses, briosamente, sempre corresponderam ao apelo que lhes é dirigido a solicitar auxílio nos encargos a suportar com esta simpática e útil iniciativa, a que tão estreitamente se acham ligados o prestígio e renome da nossa terra.*

*Na verdade, as Festas e Feiras Francas do Concelho são não só palpitante cartaz das belezas incomparáveis que a Natureza prodigamente à nossa volta espalhou, como também meio eficaz de desenvolvimento económico local, o que equivale a afirmar que elas constituem acontecimento digno do maior interesse e carinho de todos os arcuenses.*

*A nossa terra vai ter, pois, mais uma vez, três dias de excepcional movimento e animação mostrando-se aos olhos dos milhares de forasteiros, que então costumam visitá-la, como vila minhota da mais belas e progressivas.»*

## **26 de agosto de 1956 – A Vanguarda p. 1**

### **«Festas e Feiras Francas do Concelho**

*Tudo se movimentava para a grandiosidade das festas e feiras Francas do concelho, desde 31 de Agosto a 2 de Setembro. A vila começa a vestir-se de galas. A Ínsua, um lugar privilegiado para números de encanto, magia e côm, que não faltam nas suas festas, está a ser aproveitada pela Comissão, com inteligência e bom gosto. A Avenida marginal ou antigo Trasladário, convida pela sombra das frondosas tílias e bom arranjo na parte central.*

*Tudo leva a crer que as nossas festas vão ser mais uma vez, uma nota de vitalidade e alegria do nosso povo. Avante pelas festas do Concelho e que o povo das nossas aldeias não falte com os seus números folclóricos e coreográficos.»*

### **31 de agosto de 1956 – Notícias dos Arcos p. 1**

#### **«Três dias Memoráveis**

*Têm hoje início as Festas e Feiras Francas do nosso Concelho.*

*«Notícias dos Arcos», sempre ao serviço de todas as iniciativas que abracem o progresso e prestígio desta terra admirável, não pode deixar de regozijar-se com o brilho excepcional de que elas prometem revestir-se, dado o requintado bom gosto que presidiu à organização dos diversos números do programa.*

*Está, pois, em festa a «Terra de Valdevez» e com ela, de coração a pulsar de entusiasmo, todo o povo do Concelho, que neste empreendimento colaborou, mais uma vez, de forma inconfundível e verdadeiramente digna dele.»*

### **9 de setembro do 1956 – A Vanguarda pp. 1-4**

#### **«Festas do Concelho**

*Mais um ano passou, Arcos de Valdevez esteve em “Festa” nos dias 31, 1 e 2, respectivamente, de Agosto e Setembro.*

*De um modo geral, este ano, as “Festa e Feiras Francas” foram bastantes superiores as do ano transacto.*

*Melhores ornamentações, óptima disposição dos abarcamentos e divertimentos, agradável colocação das músicas, lindíssimo aproveitamento da “Ínsua” a que o “Ínsula Bar” emprestou belos serviços.*

*No dia 31 – normais começos de festa. Zés Pereiras, foguetório e concurso Pecuário. Este, animado e concorrido, continua a marcar pela qualidade dos animais concorrentes e pelo seu avaliado número, crescente de ano para ano. Notaram-se ali certas sessões censuráveis, mais da culpa dos responsáveis organizadores.*

*A este “Concurso” acorreram gados de Fafe, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Ponte de Lima, Ponte da Barca e, especialmente, do nosso concelho. Residiu aqui uma das notas – a nosso ver – discordante.*

*Presidiu ao Júri o Intendente de Pecuária deste Distrito, Dr. Teodósio Antunes, que representava, como Delegado, o sr. Ministro da Economia. Como assessores estavam o Dr. Beleza Ferraz, Intendente de Pecuária de Braga, e o Dr. Garcia, da Intendência do Porto.*

*Oportunamente daremos a nota dos premiados.*

*À noite, “O Carrocel d’Alegria” entreteve os seus admiradores no reservado da Ínsua. Nós não somos muito da opinião que se tragam destas “Companhias” para as nossas características “Festas” regionais. Com a despesa que lhe esteve inerente, talvez, fosse possível organizar um desfile folclórico, entre as freguesias deste concelho, dando continuidade àquele certamen que há anos deslumbrou os arcuenses e foi um dos números que deu maior admiração as festas. Possivelmente, organizado para o sábado de tarde, não seria pior. É uma ideia nossa – possivelmente, também, será de outros- que gostaríamos de ver enquadrada nos futuros números das “Festas do Concelho”. As festas são do Concelho! E este é caracteristicamente rústico.*

*Para ver artistas da Rádio, etc. não se desloca gente de Lisboa e Porto até aos Arcos.*

*Dia 1 – Aumento da afluência de forasteiros e “Concurso Agrícola”. Este número que deveria ser uma “Exposição” do labor agrícola da boa gente de Valdevez, não passou de uma insignificante apresentação de diminutos espécimens. Discordamos, em absoluto, das classificações, ou modos de classificar, o linho, o vinho e o milho!*

*Nada nos afirma a presença de um bom pé de milho híbrido ou regional, o linho, então, como é possível apreciá-lo a olho nú? E o vinho? A que obedece a sua apreciação? As frutas, batatas, laranjas e outros produtos hortícolas, tiveram a classificação da grandeza, da apresentação exterior e do número de doze.*

*É certo que se pode adoptar um critério, mas, convimos que é muito falível o adaptado. Pense-se nisto a sério.*

*Vimos entre os classificados do júri alguns não proprietários. Como poderão classificar aquilo que não conhecem? É de aflição o cúmulo da vaidade de certas pessoas.*

*Não querem de maneira alguma conhecer-se a si próprios. “Quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão?”*

*Veio a noite e com ela o “Arraial Minhoto”, número que se entregou – e ganhou raízes – nas nossas festas do concelho. Um Jazz espanhol deu brilhantismo a esta diversão da nossa melhor sociedade, onde se viam inúmeras pessoas de várias outras terras; dançou-se até de manhã.*

*Pena foi que a noite estivesse tão fria. Número de atracção.*

*Domingo, dia 2 – Dia grande! Enormes autocarros vindos de terras longínquas ou de vizinhança despejaram avultadíssima quantidade de forasteiros nesta vila. Não se cabia no “Trasladário”. Foi um dia alegre a que não faltou o sorriso solar. Com a noite muito mais gente chegou. “A Serenata”, melhor chamada “Festa do Rio”, foi o atractivo geral. Realmente esteve deslumbrante. Barcos e figurantes pareciam vir do “país dos sonhos”. O fogo preso e o fogo do rio completaram aquele festival. Tudo decorreu como foi planeado: com precisão matemática.*

*Alvim Braga é o Homem destes números. A sua prática e o seu bom gosto vivem aliados.*

*O fogo das três noites, os despiques entre a nossa “Banda Arcuense” e a “Banda de Vila Verde” – a que vamos referir-nos em próximo número -, a alegria do Luna-Parque, a cor das iluminadas ornamentações, os cantares e dançares da nossa mocidade rústica fizeram guindar a grande altura as “Festas e Feiras de Arcos de Valdevez, de 1956”.*

*Estão de parabéns os membros da Comissão: os Srs. Eurico Rocha, Ramiro Amaral, António Xavier da Fonseca, Aurélio Alves, José de Araújo, Mário Rebola, José Alves Brito, Abílio Vieira Leite e Alberto Gachineiro.*

*Três dias consecutivos de alegria, de movimento e de recordações saudosas.*

*As montras dos nossos comerciantes também merecem uma referência especial.*

*Sem dúvida que não foi anunciado “concurso”, mas os visitantes – como nós – admiram a arte de expor.*

*Se fôssemos a classificar teríamos que atribuir duas espécies de prémios: Alegoria e “Arte e Bom Gosto”. “Alegoria” – às festas do concelho – 1.º Prémio: Mário Rebola – proprietário dos “Armazéns da Lapa”.*

*“Arte e Bom Gosto” – 1.º Prémio: António Araújo – proprietário da “Casa das Meias”.*

*Este é simplesmente o nosso modo de ver. Não queremos dizer que outras casas não merecessem uma referência especial, principalmente a “Casa Brito” na montra voltada ao Largo da Misericórdia.*

*Os cafés e bares, as “casas de pasto”, as Pensões e o Hotel, tiveram as suas “casas” completamente cheias.*

*A eficiência dos transportes prestou maravilhosos serviços às populações das nossas aldeias.*

*Um quipróqué foi notado por muita gente: A falta de enviados especiais dos diários do Porto.*

*Foi pena tal lapso. É a imprensa o grande auxiliar destas festas e principalmente o grande divulgador do bom nome da nossa terra.*

*Quase passaram despercebidas as nossas festas.*

*Talvez com 1.000\$00 se tivesse resolvido o assunto.*

*É indubitável que a presença de jornalistas profissionais e uma melhor entre-ajuda dos Senhores correspondentes dariam maior brilho ao sacrifício da “Comissão e do povo arcuense”.*

*E assim se passaram três dias de inolvidável recordação. Até ao ano!»*

**16 de setembro de 1956 – Notícias dos Arcos p. 1**

**«Festas do Concelho**

*Decorrem com invulgar brilho e animação as Festas e Feiras Francas do Concelho deste ano.*

*Durante os dias da sua realização o nosso povo pode dar expansão à sua alegria, traduzida por cantigas, danças e todas as traquinices que lhe são peculiares, ao som da indispensável concertina que as mãos dos nossos rapazes das aldeias sabem tocar invejavelmente. O vira, o malhão, a chula e as modinhas mais em voga, que as raparigas acompanham com a sua voz bem timbrada, são as músicas preferidas da mocidade das nossas aldeias.*

*Os carroceis, pistas e automóveis, poço da morte, etc.. etc. tiveram uma concorrência extraordinária. O nosso povo, ávido de exteriorização da incontida alegria, tomava-os de assalto.*

*As ornamentações, já pela sua qualidade já pela sua distribuição pelas principais artérias da vila, demonstraram bom gosto e a preocupação da comissão em desempenhar-se a contento da sua espinhosa missão, da qual, diga-se desde já, se saiu magnificamente. O mesmo aconteceu com a arrumação de barracas e diversões. Não há dúvida de que a sua resolução foi acertada.*

*As bandas de música estiveram à altura das circunstâncias, mas da sua apreciação se encarregou o competentíssimo crítico sr. Eugénio Amorim- apreciação que publicamos à parte.*

*De realçar o interesse sempre crescente que os nossos conterrâneos vão tendo pelas suas festas. Este ano raro foi o que não veio até nós assistir às festas. Mas é justo salientar a colónia arcuense em Lisboa que mandou uma representação condigna.*

*Todos os números anunciados foram rigorosamente cumpridos e todos – mais uns do que outros, como sempre sucede – tiveram grande êxito.*

*Assim aconteceu, pelo interesse que à sua volta suscitaram, com o Concurso Pecuário, cuja relação de prémios publicamos noutro lugar; com exibição do reputado Grupo da Rádio «Carrocel da Alegria», constituído por um grupo de artistas de grandes nomeada, realizados no primeiro dia de festa. Assim aconteceu com o CONCURSO AGRÍCOLA; com o «Arraial Minhoto» na Ínsua do Vez, abrilhantado por excelente orquestra, largamente concorrido e que se prolongou altas horas da madrugada, e que tiveram lugar no segundo dia de Festas. Assim aconteceu, no terceiro dia de Festas, com a exibição do Rancho Folclórico de Santa Marta, um dos mais belos conjuntos do género, que a assistência apreciou com agrado; e, por último, com a Festa do Rio, com o desfile de barcos bem imaginados e confeccionados pelo conhecido artista Alvim Braga. É de facto um belo espectáculo a explorar, valorizando-o cada vez mais. Pena foi que não se lhes tivessem dado um pouco mais de vida, mesmo com discos, e não se tivesse insistido com o motivo de cada um dos barcos. A experiência fará deste número um atractivo surpreendente.*

*Foram, assim, resumidamente, as Festas do Concelho deste ano – que o nosso povo viveu intensamente até ao último instante, esquecido de todas as canseiras, de todas as preocupações e dificuldades... Depois, no dia seguinte, outra vida o esperava já – a de arrancar da terra, com o suor do rosto, o pão de cada dia!*

*Está pois de parabéns a digna Comissão de Festas, Cujos membros, sobejamente conhecidos como activos, escrupulosos e empreendedores, podem ufanar-se de ter realizado umas festas à altura das circunstâncias e das grandes possibilidades da nossa terra.»*

## **1957**

**11 de agosto de 1957 – A Vanguarda p. 4**

### **«Festas do Concelho**

*Chovem-nos de todos os recantos os pedidos de informação sobre as Festas, a efectuar em Agosto do corrente repostas na tradição (interrompida havia anos) pela Câmara de 1946, de cuja comissão foi presidente o ex-vereador Sr. António Pereira Barbosa. Esta comissão entregou-as ao Grémio do Comércio que as estava a realizar com raro brilho.*

*O sr. Presidente da Câmara entendeu retirá-las daquele e constituir as comissões com pessoal da sua confiança. E muito bem. Assim se vem praticando desde há pelo menos 5 anos.*

*Este ano o Sr. Presidente resolveu não constituir a dita Comissão, por se lhe negarem todos os elementos que procurou, apesar de lhe continuarem a merecer a confiança vários cavalheiros desta vila – com capacidade para a efectivarem.*

*Parece-nos que uma comissão constituída pelos senhores Aventino Saraiva, Vasco Segadas, Adolfo Sampaio, Professor Augusto Veloso e quaisquer outros que ajudassem a completar a equipe de trabalho, seria uma boa comissão.*

*Ficam com a palavra reservada as entidades oficiais deste concelho, em número suficiente para efectuar as Festas. Se não forem mais brilhantes, sejam mais modestas. Uma certeza deve surgir: a realização das Festas do Concelho de Arcos de Valdevez.»*